

BASILEU TOLEDO FRANÇA

Poetisa

LEODEGÁRIA DE JESUS



1996

Belo Horizonte, 5 de dezembro de 1978.

Ilm.^o Sr. Basileu T. França

Saudações.

Agradeço-lhe o cumprimento pelo falecimento de minha irmã, que deixou uma lacuna imensa em nossa casa. Louvado seja Deus!

De acordo com seu pedido estou lhe enviando, hoje, o xerox de "Coroa de Lírios".

Papai reuniu num bloco de cadernos usados pelos alunos de sua escola as biografias, notícias, etc sobre Leodegária e seu primeiro livro de versos. Foi o que encontrei.

A página do livro onde tinha o retrato da autora foi cortada por ela mesma. Minha querida Mãechinha era muito retraída e avessa a certas coisas como entrevistas, retratos, etc. Retrato que temos dela foi tirado para carteira de identidade e alguns com a família. Não foi possível tirar o xerox das notícias sobre "Coroa de Lírios", de modo que o Sr. poderá resolver isto como quiser e depois de terminado o trabalho peço-lhe que me devolva o "bloco" que para mim é uma relíquia pois papai estava ficando cego, quando reuniu tudo isto com tanto carinho. O Sr. diz que está solicitando à cidade de Jataí uma homenagem ao nome da poetisa que tan-

Basileu Toledo França

Poetisa

LEODEGÁRIA DE JESUS

Traços biográficos
e edição crítica
dos seus versos.

1996

DO AUTOR:

ROMANCE — 1951

Pequena história de amor
contada em versos.

PIONEIROS (Romance)

1ª edição — 1954

2ª edição — 1972

3ª edição — 1979

4ª edição — 1995

O SUDOESTE, tentativa de interpretação

Ensaio sócio-econômico, propondo a entrada da Estrada de
Ferro Araraquara em Goiás pelo Canal de S. Simão — 1959

ESTUDOS DE EDUCAÇÃO — 1960

MÚSICA E MAESTROS

Ensaio de sociologia da arte musical

Prêmio “João Ribeiro” da UBEGO — 1962

CADEIRA N.º 15

Contribuição ao estudo da literatura de Goiás

Edição do Departamento Estadual de Cultura — 1971

CAVALO DE RODAS

A entrada do automóvel em Goiás — 1979

VALE DO RIO CLARO

Corpo e alma de uma região

Contos — 1979

ROMANCEIRO & TROVAS POPULARES

Esparsos de Americano do Brasil

Edição da Univ. Federal de Goiás — 1979

DEPOIMENTO

Museu do Som da Academia Goiana de Letras — 1979

CAMPANGUEIROS E JAGUNÇOS (Romance) — 1987

O TRIÂNGULO DOS DIAMANTES

A região do rio das Garças

e a luta armada de Morbeck e Carvalhinho

Editora da UFG — 1994

Edições críticas:

CANCIONEIRO DE TROVAS DO BRASIL CENTRAL

De Antônio Americano do Brasil — 1973

CONTOS, FÁBULAS E FOLCLORE

De Crispiniano Tavares — 1975

POETISA LEODEGÁRIA DE JESUS — 1996

A sair:

VELHAS ESCOLAS — Ensaio

CARAÍBAS EM FLOR

No vale do Paraíso — Contos

JORNAIS ANTIGOS

Uma cidade em dois tempos
através de seus jornais

*Para os que amam a poesia
em todas as suas modalidades.*



A poetisa
em retrato de Amaury Menezes

SUMÁRIO

Prelúdio	9
Primeira parte: no plano biográfico	17
Adendo nº 1	27
Segunda parte: no plano literário	49
Adendo nº 2	69
Apêndice:	
— Fotos da família	89
— Ilustrações	97
— Cartas	103
— Últimos versos	111
Os livros:	
— Coroa de lírios (1906)	119
— Orquídeas (1928)	153

PRELÚDIO

Nascer e renascer

Leodegária de Jesus era uma jataiense por escolha, ela optou de coração que aquela seria a sua terra, a terra em que se entendeu por gente, e onde passou os melhores tempos da infância, no testemunho da irmã mais nova Maria Aurora.

No soneto *Luar de outubro*, escrito em 1909 e publicado com modificações em 1928, ela diria muitos anos depois de sua vida no Sudoeste de Goiás:

*Que comoção despertas em minh'alma!
Numa saudade amargamente calma
vem me pungir no seio o coração...*

*Grata lembrança de meus dias idos,
claros dias da infância decorridos,
no seio perfumado do sertão.*

Pelo que a escritora nos confidenciou em cartas de 1953/1958, o sertão perfumado era a nossa pequenina cidade de que ela jamais se esqueceu. Nem dela nem da sua gente.

Alguém poderia nos recordar que a autora de *Símile* nasceu em Caldas Novas, de onde saiu entretanto com dois meses apenas, o que é verdade. Mas como nas pantomimas de velhos circos mambembes — se o assunto não fosse tão sério — poderíamos também indagar ao modo do palhaço de cara enfarinhada: “E gatinho que nasce no forno é biscoito?” Claro que não. O mesmo se daria com a poetisa em campo muito superior, na área da inteligência e do amor, quando uma pessoa recebe a influência do meio, dos costumes e da convivência de outros seres, com os quais se identifica de corpo e alma através da língua comum, do folclore e dos folk-ways, além dos sonhos e das fantasias de criança. Torna-se naturalmente um deles, transforma-se em um dos *socii*, no dizer dos sociólogos.

Isto aconteceu com a poetisa. E vinha do mais fundo do ser os sentimentos que expressou em menina, quando moça e já na velhice, a respeito dessa carinhosa e delicada ligação de afeto. Nunca mudou, desde aqueles singelos e ingênuos versos de 1905/1906:

*Essa campina alacr'ante
é meu berço idolatrado,
é Jataí adorado,
essa terra deslumbrante.*

*Foi nessa terra querida,
nessa campina formosa,
que s'escoou descuidosa
a infância minha florida.*

Eis aí uma confissão da maior pureza e permanente sinceridade que a ninguém cabe discutir mas apenas aceitar. Principalmente os jataienses que nos orgulhamos do seu talento e, muito mais ainda, de tê-la entre os nossos conterrâneos ilustres.

Depois de examinarmos bem este assunto, chegamos à conclusão de que é tão natural a preferência de alguém por essa ou aquela localidade, que deveria constituir fato normal uma pessoa escolher depois de adulta a que lugar desejaria pertencer. Como se faz de ordinário com as nacionalidades, quando por livre vontade se adota uma sem detrimento das ligações impostas pelas circunstâncias do nascimento em outra pátria. Língua, religião e laços de família, por exemplo.

Em razão disso, desde a antiguidade se conhecem nomes notáveis como o filósofo Sêneca, o imperador Adriano e o grande Trajano, tidos e havidos por muitos como romanos da melhor cepa, que no entanto nasceram na Espanha. Eram espanhóis.

Modernamente, são muitos os casos de artistas e homens de ciência que nos apresentam como ianques, porém na verdade viram o sol pela primeira vez em outras terras. Poderíamos de passagem citar alguns como o microbiologista e pesquisador Albert Sabin, judeu russo de origem. Henry Kissinger, ex-Secretário de Estado Americano, que é alemão de Furth. Além de outros e outros e outros.

A Inglaterra por sua vez disputa grandes valores como seus. É o caso do poeta e criador do *new-criticism* T. S. Eliot, renomado filho dos

Estados Unidos da América, e Oscar Wilde, nascido na Irlanda, além de mais personagens, como George Bernard Shaw e James Joyce que escreviam em inglês e através desse idioma se tornaram famosos, levando assim os menos avisados a julgá-los autores da antiga Albion.

Isto nos recorda ainda de imediato as figuras exponenciais de Rainer Maria Rilke e Franz Kafka, os quais, embora originários de um bairro judeu de Praga, tornaram-se conhecidos no mundo todo como escritores de língua alemã. Tido aqui e ali como austríacos até hoje.

Contudo, o caso mais notável e mais comentado talvez seja o do suíço Jean Jacques Rousseau, que a França teima em catalogar entre os escritores franceses, apesar da sua condição de genebrino e dele nunca ter abdicado dessa procedência, com direito a monumento em uma pequena ilha da cidade natal, e música composta por ele mesmo que se ouve no carrilhão de uma das igrejas locais.

É curioso ainda, bastante curioso para nós o fato de ter ele vivido sempre às turras com Voltaire, e hoje este filósofo francês também se ache homenageado no nome de uma cidade perto de Genebra, terra do autor de *Emílio* e *Contrato Social*, que por sua vez teve as próprias cinzas transportadas para o Panteon em Paris por iniciativa de Robespierre. É um dos criadores da República e ninguém contesta este fato.

Por tudo que ficou dito, não se pode debater portanto ou repelir a escolha feita pela nossa modesta escritora no distante e inculto território do Brasil Central de então, um gesto simples de preferência e carinho. É na verdade inaceitável e ridículo que alguém se insurja contra a opção espontânea de Leodegária de Jesus, que traz a marca da singeleza de uma garota do sertão de Goiás.

Para ela, a sua terra era e sempre foi a cidade dos Vilelas, porque aí contemplou o mundo de maneira consciente, tomou conhecimento da família em que se viu integrada, participou da vida na minúscula vila onde descobriu o universo maravilhoso das letras, para se tornar depois a escritora precoce que admiramos. Foi assim que ela levou através de sua longa existência toda a carga de lirismo e de sonho com que a primeira infância a enriqueceu.

Existe aí entretanto uma particularidade e é preciso esclarecê-la. Uma particularidade aliás de suma importância de que não nos devemos esquecer. A diferença entre o acontecimento físico ou biológico e o surgimento da sensibilidade da artista, com os desdobramentos literários desse fato auspicioso e raro.

Trata-se do nascer de um lado e do renascer de outro, que nunca se excluem, pelo contrário eles se completam. Nascer e renascer.

Leodegária de Jesus renasceu em Jataí e a elegeu como o seu verdadeiro berço.

B. T. F.
Goiânia, 1996.

PRIMEIRA PARTE

No plano biográfico*

- 1889 — Nasceu no dia 8 de agosto em Caldas Novas (GO), sendo seus pais os professores José Antônio de Jesus e Ana Isolina Furtado Lima de Jesus.
Em outubro, com dois meses apenas, foi levada pelos pais a fim de viver em Jataí (GO), para cuja escola pública tinham sido nomeados.
- 1895 — Aprendeu a ler e a escrever na escolinha de Jataí.
As primeiras letras ela descobriu em uma *História Sagrada* da família com a ajuda da mãe.
- 1896 — No mês de outubro o casal de mestres transferiu-se para Rio Verde, onde o pai iria lecionar também redatorando ao mesmo tempo o *Oeste de Goiás*, primeiro jornal da região, que pertencia ao Partido Republicano Federal, pelo qual ele seria eleito Deputado Estadual.
- 1898 — O deputado e professor mudou-se com a família de Rio Verde para a capital a fim de exercer o seu mandato.
As filhas Zenóbia e Leodegária foram matriculadas no Colégio Sant'Ana, dirigido por religiosas francesas, o que influiu sem dúvida alguma em sua formação.
- 1902 — Nasceu Maria Aurora (Neném), a irmã mais nova, no dia 9 de abril.
- 1903 — Os pais voltaram pela primeira vez a Jaraguá, sem ela, depois de vários anos de ausência, e Leodegária — então com 14 anos

*Ezra Pound observou em *ABC da literatura*:

“O mau crítico se identifica facilmente quando começa por discutir o poeta e não o poema.”

Ele está certo, mas antes de falar da poesia de L. de J. — ou de qualquer outro vate — alguns dados biográficos esclarecem ou contribuem para esclarecer aspectos importantes de sua obra literária.

Apesar da opinião respeitável do genial escritor ianque, que fala claramente em discutir o poeta ou a poetisa. E isto não é o que pretendemos aqui.

de idade — enviou ao prof. José Antônio de Jesus uma cartinha saudosa, acompanhando o primeiro soneto dela que ia ser publicado no *Goiás* “por insistência” do poeta Augusto Rios.

1906 — Por iniciativa do pai, ao que nos parece, pois não há outra informação até hoje, foi editado em Campinas (SP) o seu opúsculo *Coroa de lírios*, coleção de versos escritos entre os 15 e 16 anos, prefaciado pelo jornalista e advogado uberabense Felício Buarque de Macedo*, que a saudou como uma promessa auspiciosa.

A apresentação é do mês de junho e em agosto L. de J. completaria 17 anos.

1907 — Surgiu em nossa antiga capital o semanário *A rosa* — de vida efêmera — impresso em papel róseo e dirigido por senhoritas de Vila Boa: Cora Coralina, Leodegária de Jesus, Rosa Godinho e Alice Santana.

Estava então consagrada em seu reduzido meio social, cujo vigoroso matriarcado a estimulava, por certo, e chegou até nós seguindo o jornalista *Goiás do Couto*.

Em 1907 /1908, quando ainda não tinha ficado cego, o prof. José Antônio de Jesus colecionou em caderno escolar, carinhosamente, as críticas que a filha recebia de várias cidades e estados brasileiros sobre *Coroa de lírios*. (Veja o “Adendo nº 2”)

1909 — L. de J. enviou o soneto *O cego* para o crítico Osório Duque Estrada que o publicou no *Correio da Manhã*, considerando-a um talento “parcialmente realizado.”

1910 — O prof. Francisco Ferreira dos Santos Azevedo registrou quatro anos depois o aparecimento do primeiro livro de L. de J. e deu sua opinião sincera e equilibrada como sempre no famoso *Anuário histórico, geográfico e descritivo de Goiás*, editado pela *Livraria Século XX* de Uberaba.

No seu entender, o romantismo da menina escritora tinha chegado com muito atraso, mais de meio século, e a autora era “... modesta poetisa que, atirando à luz da publicidade *Coroa de lírios*, veio nos mostrar o sentimentalismo do seu espírito, influnxionado pela literatura do meado do século passado, quan-

* Encarregado da crítica de livros do conhecido *Almanaque de Uberaba*, anuário da Editora e Livraria “Século XX”, de Arédio de Souza.

do falavam mais alto as vozes do coração, sem as peias da forma."

Não era um elogio consagrador, nem tampouco ele apontava uma característica apenas de L. de J. pois poderia ser aplicada a todos os poetas daquela época, que se orientavam pelo mesmo figurino: a metrificação de Castilho.

1912-1914 — A família mudou-se para Catalão (GO), devido às dificuldades econômicas enfrentadas na antiga Vila Boa, com o glaucoma evoluindo nos olhos do prof. José Antônio de Jesus. Ali a poetisa — que já enjeitara dois ou três pedidos de casamento — resolveu que era hora de assumir a responsabilidade do lar, cumprindo-se deste modo uma premonição da primeira infância, aos 5 ou 6 anos de idade ainda em Jataí.

1916 — Foi com os pais e as duas irmãs de mudança para Araguari, onde permaneceram cerca de 2 anos apenas, em virtude dos problemas de sempre: o estado de saúde periclitante do professor e as constantes dificuldades financeiras, apesar do trabalho intenso das mulheres.

1917 — Gastão de Deus Vitor Rodrigues escreveu em *Páginas Goianas**, apesar de admirá-la e estimulá-la desde os seus verdes 14 anos, estranhando e lamentando que ela trouxesse a alma sempre envolvida por um "halo arroxeadado de mágoas, a turturinar, quando pouco mais de vinte primaveras conta de existência."**

A despeito dessa observação judiciosa, ela continuaria a arrulhar e salmodiar no mesmo tom a sua real ou fictícia paixão, como poetisa romântica e sonhadora, buscando os padrões formais do parnasianismo através de sonetos, sua preferência avassaladora em comparação com outras composições poéticas.

Tudo faz crer que um namoro malsucedido dos 15 anos levou-a a chorar pela vida em fora, ou que ela criou esse amor secreto a fim de alimentar o seu lirismo exacerbado.

Nada se conhece que confirme a existência de alguém naquele coração sensível de adolescente em 1906.

* Tipografia e Livraria Paulicéia (SP), 1917.

** Exatamente ai 28 anos de idade, mas já tinha a sua pequena obra publicada desde os 17. Certamente ele se referia também aos sonetos publicados em *O Paracatuense*, entre 1909 e 1912. É o que se depreende da leitura daquele semanário mantido em nosso arquivo.

- 1918 — A família transferiu-se para a então S. Pedro de Uberabinha e lá, algum tempo depois, o seu pai faleceria paralítico e cego, após muito sofrimento, no dia 12 de dezembro de 1920.
- 1921 — L. de J. fundou com a mãe e as irmãs o “Colégio S. José”, uma clara homenagem ao prof. José Antônio de Jesus, prestando notável serviço na área da educação àquela cidade, à região do Triângulo Mineiro e ao Estado de Goiás.
- 1926 — No mês de setembro o seu “Hino a Goiás”, com música do maestro Antônio Alves Pereira, foi cantado pelas vendedoras do “Pavilhão Goiano” durante as festas de caridade realizadas na antiga Uberabinha.
- Vejamos o porquemeufanismo de seus versos:

*Dos sertões majestosos, soberbos,
desta terra possante e viril,
a estrela brilhante e mais bela
é Goiás — Coração do Brasil.*

(Coro)

*Povo afeito ao que é justo, ao que é nobre,
é por isto que assim, prazenteiro,
nestas festas em prol dos que sofrem,
vem se unir o goiano ao mineiro.*

*É ali, entre matas umbrosas,
sob o mais belo céu que se espraia,
qual tesouro assombroso, rolando,
o lençol cor de anil do Araguaia.*

*Que país é mais rico e mais forte
que essa terra por Deus bem fadada?
Cujos rios gigantes dão pérolas!
Que possui uma “Serra Dourada”!*

*Nenhum outro país sobre a terra
natureza possui mais gentil;
nenhum outro se iguala em beleza
a Goiás — Coração do Brasil!*

- Ela não se negava a escrever poesia de circunstância para ajudar alguém, e essas estrofes de encomenda, quase sempre, eram pobres e destituídas de qualquer mensagem verdadeiramente poética. Uma prosa rimada ou simplesmente versos prosaicos.
- 1928 — Publicou *Orquídeas*, quando ainda vivia na atual Uberlândia, segundo e último livro de versos que encerrou sua pequena produção literária.
- Apesar de tudo, entretanto, não é tão pouco assim se se considerar a vida de luta de L. de J., bem como as dificuldades da época para alguém imprimir um livro a 1.000 km da orla do mar. Em pleno sertão. Custa-nos crer ainda que ela, arrimo de família e trabalhando estafantemente em salas de aula o dia todo, achasse tempo e disposição a fim de escrever. Escrever poesias de modo especial, além de crônicas para vários jornais.
- Era uma grande trabalhadora intelectual.
- Em *O Lar* de 15 de agosto de 1928, editado na cidade de Goiás, o seu livro *Orquídeas* foi saudado com palavras de elogio por Genesy Caiado de Castro, um nome muito conhecido na sociedade local.
- 1930 — L. de J. voltou a passeio à cidade de Goiás, e em janeiro registrou as suas emoções em versos. (Leia “De volta” no apêndice.)
- 1946 — Transferiu-se com a mãe e as irmãs para Belo Horizonte, onde criaria o “Lar de S. José”, outra homenagem à memória do pai, a fim de assistir com carinho a várias crianças pobres da capital mineira.
- 1949 — Faleceu Ana Isolina Furtado Lima de Jesus, sua extremosa mãe e companheira de todas as horas.
- 1953 — Desapareceu a irmã Zenóbia, carinhosamente chamada de Sinhá, na cidade de Araguari, como sempre sonhara. Foi rever a cidade e lá ficou para sempre.
- 1958 — A revista goianiense “Vera Cruz”, do jornalista Walter Friedman, publicou uma página de B.T. França lembrando aos goianos a figura injustamente esquecida da nossa poetisa.
- 1960 — L. de J. voltou a Uberlândia em janeiro a fim de paraninfar um casamento, e acabou por chegar a Goiás para matar saudades. Reviu a antiga capital com a nostalgia de verdadeira busca de um tempo perdido. Tudo mudara.
- Na mesma ocasião veio até Goiânia e na rua Quatro, Centro, foi

homenageada por membros da Academia Goiana de Letras: Zoroastro Artiaga, Bernardo Élis e Basileu Toledo França, com a presença do jornal *O Popular*.

(Veja foto no apêndice)

1978 — No dia 12 de julho, próximo de completar 89 anos de idade, morreu a escritora em Belo Horizonte, onde vivia na rua dos Otoni nº 46, depois de 23 dias de grandes sofrimentos, que entretanto não abalaram um instante sequer a sua fé em Deus.

Quando ainda estava com saúde, lia diariamente os Evangelhos — uma das lições do velho pai — trechos de “Le Divin Ami” (Pensées de Retraite) ou alguma página do “Cristo de minha vida”, obra de Clarence J. Ensler.

Nos últimos tempos de vida costumava afirmar desolada a parentes e amigos: “Hoje as pessoas não gostam nem sabem mais o que é poesia!”

L. de J. é patrona da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás.

Anotações à margem da biografia

Precocidade — Nascida e criada em um lar em que o livro era peça fundamental, L. de J. mostrou-se precocemente interessada nas letras, buscava aos 3 ou 4 anos entender o código da linguagem escrita. Quis saber as primeiras letras antes de ir às aulas, porque ainda não tinha idade para isso. Descodificou os segredos mais simples da língua portuguesa. Sons, letras, sílabas, nomes de coisas, combinações de palavras.

Através de uma *História Sagrada* da sua casa — diz a crônica da família — aprendeu os primeiros rudimentos da leitura, enquanto brincava no assoalho da sala e a mãe cuidava dos seus afazeres. Pelo método de pergunta e resposta.

Aos 5 ou 6 anos de idade, já com esses princípios, alfabetizou-se de fato na pequena escola dos pais. Aprendeu a ler, a escrever e a fazer as primeiras continhas de aritmética.

Complexo de Édipo — O complexo de Édipo*, que segundo a psicanálise é normal na formação da personalidade de meninos e meninas*, já existia em L. de J. desde tenra idade, como aliás em todos nós. E um episódio de sua vida ilustra bem o fato: a mãe encontrou-a aos 3 ou 4 anos em pranto no porão da casa de Jataí, e naturalmente quis saber por que chorava tanto. A resposta causou-lhe espanto e riso: "Se o papai adoecer, como vou fazer para cuidar de todos nós?"

O assunto era mais profundo do que pareceu à prof^a Ana Isolina, a garota estava fixada na figura do pai e preocupava-se com ele. Amava-o de modo inconsciente e temia pelo seu destino. Foi a primeira manifestação espontânea e clara do complexo feminino de Édipo, que a acompanharia através dos anos.

Formação religiosa — A poetisa teve uma formação católica esmerada mas sem excessos, que começou de modo liberal, até onde se pode chamar de liberal, graças ao pai que tinha sido seminarista, e, para concluir esse trabalho, a orientação do colégio de freiras dominicanas da França, na velha capital do estado pelo começo do século.

Os ensinamentos repisados diariamente e as lições de humildade diante da vida, dedicação ao trabalho e solidariedade para com o próximo, além de outros, fizeram dela uma pessoa de formação moral irrepreensível.

Era uma perfeita cristã que se guiava pela fé, pelas orações e pela leitura constante da Bíblia.

Ainda o complexo feminino de Édipo — Aos 14 anos, quando se acentua o complexo de Édipo, os seus genitores tinham viajado da cidade de Goiás até Jaraguá e a menina — que já escrevia desde então — "não suportou a saudade do pai". Enviou-lhe uma cartinha rebuscada, de sintaxe esdrúxula, juntamente com o soneto que ia ser publicado por um dos seus professores. Vale a pena ler esse documento de real importância para entender-lhe a fixação na figura do progenitor, que está reproduzido no caderno de ilustrações.

*Expressão criada por Freud em 1910 com um dos seus trabalhos. Jung, o famoso psicanalista suíço, propôs "complexo de Electra" para os casos das meninas, mas isto não prevaleceu porque não há simetria do fenômeno nos dois sexos.

Veja qualquer bom dicionário especializado.

Era o complexo feminino de Édipo que infelizmente não se resolveria de modo satisfatório com o passar dos anos, através de uma vida plena. Somente o amor de algum jovem e a constituição de um lar a libertariam para sempre, se acontecessem.

Aí, na puberdade, ela se prendeu mais ainda à imagem paterna, sem nenhum traço de possível incesto intencional e claro. Com a pureza de todas as meninas nessa idade, o pai continuava sendo o seu grande amor, sem que ela atinasse com isto. Inconscientemente.

Frustração: um namoro dos 15 anos — A poetisa mesma nos conta na abertura do primeiro livro de versos:

“Aos quinze anos, nessa idade encantadora e poética da existência da mulher, nessa quadra, em que a vida se apresenta risonha como as madrugadas de maio, formosa com um céu de primavera e meiga como um sorriso de criança; foi então que senti arder em meu coração infantil a primeira centelha do amor. Mas, ai!... a fatalidade destruiu, de um só golpe, os belos ideais e os róseos castelos que edifiquei.”

Nunca mais se refez dessa experiência de adolescente, que a marcaria para sempre, e ninguém parece ter sabido um dia o nome daquele jovem tantas vezes lembrado em doloridos versos de amor. Chegamos a pensar, muitas vezes, que se trata apenas da criação de um espírito ultra-sensível, afeição não correspondida que alimentava os seus poemas românticos. Um sonho.

Outros jovens surgiriam, inclusive propondo-lhe casamento — Maria Aurora confienciava que foram dois ou três os candidatos — e ela não quis aceitar nenhum deles. Estava presa ao passado.

Entre ela, de coração ferido pela primeira “centelha do amor” (tudo certamente mais sonhado que vivido) e um dos pretendentes, L. de J. pretextou o fato intransponível do moço ser protestante, e “uma católica não se casa com protestante”, no seu entender. Foi irredutível.

Mas o que realmente acontecia na base desses fatos é que ela estava cada vez mais apegada ao pai, agora também por circunstâncias dolorosas da vida. O prof. José Antônio de Jesus ficara cego e fôra, simultaneamente, colocado em uma cadeira de rodas em virtude da tabes, o mal da degenerescência da medula espinhal.

A sua consciência e o seu coração de filha amantíssima não lhe permitiam outra opção.

Arrimo de família — Desta maneira, L. de J. a certa altura da vida assumiria o papel de substituta do pai, trabalhando como professora e

ganhando o necessário a fim de prover a casa. Ela era a líder do pequeno grupo, identificando-se de modo total com o papel de arrimo da família.

Isso aconteceu, como já vimos, por volta de 1914, quando se mudaram para Catalão na tentativa de melhorar de vida.

A solução final — L. de J. fechou-se para o amor na terra, e como Emily Brontë “apaixonou-se pelo absoluto” segundo as memórias da irmã Charlotte. Deus tornou-se o abrigo e a solução até os seus últimos dias. Ela passou a viver para os seus, como o pai já o fizera antes, e em especial para ele mesmo, que era também um modelo a seguir na profissão de mestre-escola, nessa perfeita identificação de papéis. Em casa e na sociedade.

Contudo, sem esquecer em tempo algum a poesia, uma sublimação necessária e insubstituível, tanto quanto a religião. Por isso, escreveria sempre ao longo dos anos, falando consigo mesma ou com alguém — uma personagem misteriosa, nunca revelada — ou com o auditório de prováveis leitores.

Ali L. de J. punha a alma através de emoções, sentimentos e sonhos — matéria prima dos poemas curtos — que descobrimos em seus versos. Pobres versos de uma mulher condenada a amar em silêncio, no claustro de delicadas fantasias e recordações, que até hoje nos comovem.

Cumpriu o seu destino sem insurgir-se contra ele. Com humildade cristã.*

* Mais uma vez somos levados a um paralelo com a autora de *Morro dos ventos uivantes*:

“Somente quem está só é forte e poderá divisar o rosto de Deus.
Emily sempre esteve só.”

Almiro Rolmes Barbosa

“Escritores norte-americanos e outros”,
Livreria do Globo, 1943, pág. 254.

ADENDO Nº 1

Um pouco da
memória da família

Depoimento de Maria Aurora

Belo Horizonte, 23/1/79.

Sr. Basileu.

Saudações.

Ainda estamos sob o impacto doloroso de 12 de julho de 1978, apesar de serem passados mais de 6 meses. Não foram nada fáceis aqueles 23 dias em que o “meu gigante” lutava contra a morte. Enfim essa coisa horrível, implacável a vencera.

Como sua fan número 1 desde a mais tenra idade eu a considerava em tudo um gigante. Na sabedoria, pois tudo que eu lhe perguntava ela sabia responder na medida do meu entendimento. Mais tarde, quando minhas perguntas eram mais importantes ou mais sofismáticas e irritantes, ela as respondia com clareza, sinceridade e satisfatoriamente, sobre qualquer assunto. Ainda pouco antes de adoecer para morrer, lembrava-me regras de gramática, geografia, francês, matemática... meu Deus! Quando no hospital descansava sua cabeça em minhas mãos e pesava tanto, eu pensava carinhosamente: “pesa tanto porque tem mais cérebro e mais inteligência que todo mundo.” Gigante na religião. Era uma católica fervorosa, de uma fé inabalável, não uma carola, mas uma católica que estudou a fundo sua religião pois dizia que “a religião é uma ciência que deve ser aprofundada o máximo.” Uma pureza de alma e decência pouco comuns em qualquer idade hoje em dia. Não sabia nem queria saber o significado de palavras indecentes. Por mais que

gostasse de alguém quando descobria que esse alguém gostava de conversas imorais, licenciosamente, evitava aquela pessoa. Gigante na coragem para vencer a luta pela vida, para carregar a cruz que Deus lhe pôs nos ombros, ainda mocinha.

Assim era Leodegária de Jesus, a nossa querida Manchinha, minha querida "Chinha". Vou relatar-lhe os acontecimentos que não serão, naturalmente, nem a décima parte dessa maravilhosa vida.

O senhor já deve ter lido sua biografia no *Anuário da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás*, anos 73/74.

Seu pai, prof. José Antônio de Jesus (sobrenome que ele adotou quando seminarista pois o verdadeiro era Rodrigues dos Santos) nasceu em Diamantina, Minas, filho único de próspero casal. Como o pai tinha uma grande alfaiataria o menino era dos mais bem vestidos em terninhos de cetim. Mas ficou órfão muito cedo por conta de duas tias idosas que o colocaram no Seminário Salesiano. Muito inteligente, já escrevia pecinhas para teatro e fazia discursos. O Bispo levou-o para Ouro Preto para fazer um curso especial. Ali, apesar de muito jovem mas idealista, fundou uma escola na cadeia para os presos onde lecionava nas horas vagas. Depois voltando a Diamantina o Comendador Mata Machado entusiasmado com seu desenvolvimento intelectual levou-o para o Rio de Janeiro. D. Cláudio, então Bispo do Rio de Janeiro, sendo removido para Goiás, levou-o consigo, para o Seminário de Goiás.

Quis o destino que o Dr. Hermenegildo do Nascimento Lima, de Jaraguá, fosse visitar o Sr. Bispo, seu amigo. Era tempo de férias e no pátio estava um moço solitário, lendo um livro. Perguntou ao Bispo quem era. Este respondeu que era um seminarista em férias, todos tinham ido para suas casas mas aquele não tinha família. Dr. Hermenegildo foi conversar com o rapaz, achou-o simpático, inteligente, instruído. Teve pena por ele estar ali só, pediu permissão ao Bispo para levá-lo a passeio em Jaraguá. O Bispo não se opôs. Mas era Deus que determinava outro rumo na vida do Seminarista. Dr. Hermenegildo que estudara medicina no Rio de Janeiro ao lado de D. Pedro II, tinha de tudo naquele Jaraguá: farmácia, loja, sítios, imóveis, escravos. Casado com d. Honorata de Freitas Furtado, filha de ricos portugueses donos de Traíras, Dr. Hermenegildo tinha, além de tudo, bonitas filhas. Entre elas, Ana Isolina que apesar de novinha, tinha rejeitado alguns candidatos e dizia sempre: "Eu vou me casar com um homem que faça discursos."

E mal sabia ela que da longínqua Diamantina vinha o seu “grande orador”. Naquelas férias nasceu um grande amor, amor à primeira vista, mas, como eram difíceis as “ocasiões”! A primeira vez que ele foi convidado a falar e fez “aquele” discurso, a jovem sentenciou: “É com este que vou me casar.” Ele não mais voltou ao Seminário, não sei pormenores referentes a isso, mas no dia de grande festa do Divino, furtivamente, colocou na mão de Ana Isolina um papel com versos ardentes. Até pouco tempo estes versos estavam guardados em um velho baú com outras velhas cartas. O rapaz muito culto, muitíssimo bem educado, logo ficou querido pelos maioraes da cidade que aceitaram sua idéia e fundaram a “Sociedade Legião Literária Jaraguense.” Casou-se com d. Ana Isolina e o sogro enfronhou-o nos negócios. Porém, não era esta sua vocação; queria ensinar, fundar escolas, jornais, lutar pela República. O sogro era monarquista roxo...

Depois que nasceu a primeira filha Zenóbia Palmira (Sinhá) partiram para Caldas Novas onde abriram uma escola e ambos lecionavam. Ali nasceu Leodegária em um sobrado que mais tarde foi a cadeia e agora no lugar é um cinema. Em Caldas Novas da Rainha, as senhoras iam a um determinado lugar para depenar frangos. Ali a água era quase fervendo. D. Ana ao dar à luz a Leodegária perdeu completamente os cabelos, então ia todos os dias lavar a cabeça em uma fonte e os cabelos nasceram rapidamente e fortes.

A pequenina foi batizada na igreja com o nome de Leodegária a contragosto da mãe que já havia escolhido nome, mas o padre teimou e o pai concordou. (São Leodegário foi mártir com a língua toda retalhada.)

Logo o prof. José Antônio teve um convite de um maioral de Jataí para fundar lá escola e jornal. Mandou construir para ele uma boa casa, alta com porão, na Praça do Comércio. Foi em Jataí que Leodegária teve gloriosos dias de sua infância. Lá o dinheiro corria e ricas senhoras iam a Uberaba fazer compras. Uma, que só andava de chapéu, ao atolar na Praça do Comércio só o chapéu aparecia. Seu apelido era Rita Chapéu. Eu gostava de ouvi-la contar sua infância em Jataí. Nos casamentos ricos ela e sua irmã Sinhá eram convidadas para segurar a cauda da noiva que ia a pé para a igreja. As amiguinhas vinham perguntar-lhes com uma pontinha de inveja: “Vocês é que vão segurar a “cádia”? Virava “cambota” com os meninos na praça quando não estava trepada no mais alto das árvores deixando embaixo ou dependurada nelas a meta-

de das roupas e os sapatos... deu-lhe o apelido de "Passarinho". E o Pau do Conselho onde à tarde juntavam-se os homens para falar sobre as últimas e entre eles só uma senhora: Dona Sinhá com duas longas tranças e politiqueira... E aqueles regos que um progressista puxou do córrego para as ruas e cada casa podia ter sua bica... mas, quando passavam os bois a água sofria!

Sua irmã era levada demais, batia em todos os meninos e Passarinho corria para protegê-los. Havia um menino chamado "Otão". O coitado sofria; um dia era o marido, outro dia era o padre casamenteiro, com enorme folha de bananeira nas costas para servir de sobrepeliz. Quando ele protestava para não ser o marido de Zenóbia porque tinha medo dela, aí é que apanhava mesmo. Um dia Passarinho foi correndo buscar a mãe para acudir o Otão porque a Zenóbia tinha posto uma lima inteira dentro de sua boca! Aquela era mesmo impossível e as raras vezes que Leodegária foi castigada era por causa da irmã. Por isso chorava dias e dias, sentida. Muitas vezes, no meio dos brinquedos, parava e começava a chorar. A mãe perguntava o porquê e ela respondia sempre — "A senhora me bateu outro dia." A mãe precisava acariciar muito para parar a choradeira. Amava intensamente a mãe ao lado da qual ficava o mais que podia.

Havia também em Jataí um menino chamado Presídio que tocava gaita nas festinhas. Todas as meninas queriam ser suas namoradas e por isso o aborreciam muito, um dia ele se armou de uma garruchinha de rolha e acertou no peito de uma menina. Esta ficou muito feliz e dizia para as outras, apontando o coração: "Ele me ama porque me deu um tiro bem aqui..."

D. Ana e o professor eram convidados de destaque para todas as festas. Ela mesma fazia seus lindos vestidos e dependurava-o ao longo da parede cobertos com lençol. Certa vez Leodegária levantou o lençol e ficou olhando pensativa os vestidos, depois disse à sua mãe — "Mãe para que tanto vestido? A senhora é uma só." Muitas vezes foi encontrada no porão, chorando: "Que você tem, minha filha?" perguntava a mãe. Ela respondia: "Se papai adoecer que é que eu vou fazer para tratar da família, eu não sei ler, não sei escrever nem falar bonito como Siá Ambrósia..." (Siá Ambrósia era uma bonita amiga da família, que ela naturalmente admirava muito). Jataí foi a fase encantadora de sua vida. E nas suas recordações falava com tanta graça e poesia que eu me transportava com ela para aqueles lugares. O professor trabalhou

muito para elevar Jataí a cidade. Pelo que eu sei ele começou o correio, pagando um homem, não me lembro o nome, para ir à Capital levar e trazer correspondência.

Não sei bem o caso de Rio Verde e porque mudaram-se para lá. Foram as circunstâncias; fundação de jornal, correio, etc. O que eu sei é que mãe e filhas choraram copiosamente, por deixarem Jataí e tantos amigos. Foi a primeira ferida no coraçãozinho de Passarinho.

Em Rio Verde, naquela época, havia muitos assaltantes e o professor corria risco de vida por causa da política. Ele não gostava de andar armado embora os amigos lhe dessem uma arma. "Não, disse ele, a minha arma é esta," e mostrava-lhes o terço de N. Senhora que trazia sempre no bolso. Certa vez, na campanha eleitoral um graúdo armado foi procurá-lo por causa de mexericos políticos. D. Ana ainda muito nova mas valorosa, foi recebê-lo com uma filhinha de cada lado, enrolada na bandeira brasileira, nas mãos um grande espeto de assar carne: "Dê um passo além desta porta e será um homem morto!" (Até pouco tempo ainda existia esse aspecto.) O homem, bufando foi-se embora. Quando chegava o correio, era uma calamidade. O professor distribuía a correspondência por detrás de uma grande mesa. Os mais ousados queriam saltá-la para apanharem suas cartas e olhar as dos outros. D. Ana pegava um pau e batia com força na mesa. "Alto lá! Esperem sua vez." Por detrás dela eles comentavam: "Êta mulherzinha brava!" Essa mulherzinha valorosa, rezou tanto em Rio Verde que criou dois calos de sangue nos joelhos.

O professor foi eleito deputado e tinha que ir para a Capital tomar posse. Daí foi aquela luta moral. Naquela época tudo era difícil; viajar às pressas com mulher e filhas a cavalo sem conhecer as condições adiante... D. Ana, muito valente ante as pessoas, tinha muito medo de assombração, as mucamas contavam muitas histórias de almas penadas às crianças de sua época. Mas, apesar disso, corajosamente, não só animou, exigiu mesmo que seu marido fosse só, depois mandaria buscá-la. Foram alguns meses terríveis. Leodegária e sua irmã miravam-se no espelho da mãe; choravam juntas, dormiam juntas. Havia uns pés de café já na hora de colher, então d. Ana marcava tarefa para todos os dias na colheita e isto muito colaborou para amenizar a espera. Naquele tempo havia camaradas-guias que faziam aquelas viagens de mudanças. Eram homens íntegros, corretos, respeitosos e corajosos. Uma verdadeira estória de carochinha em nossos dias. Se a gente não ouvisse contar pelas próprias pessoas não acreditaria.

Manchinha me contava que na mudança de Jataí para Rio Verde apesar de chorosa e com a boquinha queimada pelo calor do cavalo apanhava com as mãozinhas enormes e deliciosas goiabas e outras frutas. Mas na mudança para a Capital não sei pormenores a não ser que dormiam em fazendas.

Na entrada da cidade esperava-as o professor. Para ele aquela separação não fôra menos dolorosa; amava profundamente a esposa e as filhas. Estas também o adoravam porque ele não era apenas o pai querido, mas amigo carinhoso que as colocava nos joelhos e ensinava-lhes a rezar, o bem e o mal, o certo e o errado, contava-lhes coisas de sua meninice na longínqua Diamantina com suas célebres Semanas Santas, tipos populares... À mesa ensinava-lhes boas maneiras, e pequena oração antes das refeições. D. Ana dava-lhes bons ensinamentos também. Aquelas filhas tiveram educação de base, educação familiar, tão necessárias e tão esquecidas hoje em dia. Leodegária teve de quem herdar o valor a coragem, a inteligência e a fé.

Na Capital goiana, nova vida, novos amigos. As meninas foram matriculadas no Colégio Sant'Ana das Irmãs Dominicanas, francesas cultas, finas. A nossa poetisa era aplicadíssima nos estudos dando grande alegria a seus pais. Não desprezava porém os pic-nics, as festas familiares. Teve amigas prediletas como d. Anica Peixoto (Coralina), Maria Peclat com quem saía a cavalo pelos campos verdes. Equitação, dizia ela ser seu esporte favorito. Antes dos quinze anos começou a escrever suas poesias, às vezes tristes. Parecia que no fundo de sua alma entrevia o futuro. No entanto, no meio de amigos ela era sempre espirituosa. Tinha seu grupinho de amigas com os mesmos ideais mas suas melhor amiga era sua mamãe a quem fazia sempre tempo para ajudar. E fazia tempo também para aprender a costurar e aprender tão bem que lhe foi dado uma máquina de costura. Esta máquina acompanhou-a em todas as mudanças, nas alegrias e nas dores. Até poucos dias antes de ir para o hospital costurou "na sua amiga" um vestido para Maria Aurora.

Leodegária desabrochava para a vida com todo o vigor, sempre foi saudável com grande capacidade para assimilar tudo que aprendia. E foi nesse desabrochar que ganhou uma irmãzinha: Maria Aurora (Nenê). Leodegária batizou-a e queria ser sua segunda mãe; ensinava-a a falar "mãezinha" mas a menina aprendeu a dizer "mãechinha" ou "manchinha". Daí veio o novo apelido.

Manchinha terminou o curso no Colégio e seu pai quis aprimorar-

lhe a instrução; deu-lhe professores particulares de português, matemática, (matéria de que ela gostava muito), latim. Esta matéria seu pai lhe ensinava. Estudava também literatura. Foi publicado então seu primeiro livro de poesias "Coroa de Lírios", que teve grande repercussão na época.

Lendo a crítica de Pernambuco concluí que ela levou para lá a mensagem goiana. Eles escreveram mais ou menos assim "... o quase desconhecido Estado de Goiás..."

Estando bem preparada seu pai requereu exame para ela no Liceu. Mas, políticos contrários não permitiram que ela fizesse provas lá. O Professor escreveu então para o Rio de Janeiro, o Governo nomeou uma banca examinadora especialmente para ela. Ela brilhou nos exames mas esse fato gerou uma série de aborrecimentos, invejas, algumas fofocas... Eu, particularmente, acho que esse procedimento foi muito ridículo, por que não era uma alegria, uma dádiva para a terra, possuir uma talentosa poetisa, de incomparável inteligência? Mesmo assim, com os literatos da época tomou parte saliente na fundação do Grêmio Literário Goiano.

Seu pai começou a ficar doente. Magoado, injustiçado porque como professor do Estado não conseguiu uma licença, uma ajuda sequer. Tudo lhe foi negado. Cumpriu seu dever, ensinou, lutou pelas boas causas, foi um bom amigo, recebia com fineza e fartura em sua casa e só recebeu ingratidão! Essa mágoa acompanhou a filha extremosa por toda sua vida. A situação piorava política, física e financeiramente. Foi quando um amigo médico, dr. Prates que mudara para Catalão, chamou-os para lá. Precisavam de professores.

Um importante detalhe: quando chegaram à Capital de Goiás Manchinha logo descobriu a Caixa Econômica Federal. Desde então, todas as vezes que ia às compras para sua mãe, ela colocava na Caixa o troco, que sempre havia. Na mudança para Catalão, com seu pai já bem doente, aquele dinheiro foi de grande valia. Ela me contava que colocava 500 réis. Talvez tenha sido a primeira menina cliente da Caixa Econômica, por iniciática própria. Naquele tempo não havia tanto protocolo porque as pessoas eram honestas e acreditavam na honestidade dos outros.

Mudaram-se para Catalão. Manchinha e Zenóbia começaram a lecionar. O pai além da inflamação na medula começou a sofrer da vista. Manchinha sentiu que era hora de carregar a cruz. Era muito jovem

ainda para não ter saudade das amigas, daquelas reuniões em que ela tocava uma valsa a quatro mãos com a Delmira! ... Era muito jovem para esquecer o grande amor de sua vida (Parece-me que, realmente, foi o único amor de sua vida.) No decorrer dos anos teve 3 pedidos de casamento; um engenheiro bonito, de boa família, não aceitou porque era protestante e uma boa católica não se casava com protestante. Para cada um, houve uma desculpa mas, o principal, creio eu, era ser arrimo de família e haver fechado seu coração para qualquer outro amor que não fosse o da família. Dedicou-se de corpo e alma a ela.

Ficaram saudosos dos bons amigos que deixaram na Capital, mas foram muito bem recebidos em Catalão. Porém, não foi fácil para as mocinhas lecionar em uma cidade de famílias que se odiavam e os meninos Aires se engalinhavam com os Paranhos. Tinham que ir muito cedo para esperá-los e contê-los. Na sala eram separados, de um lado, os Paranhos, de outro os Aires. Isto não impedia de às vezes engalinharem-se. Até no cemitério havia separação: uns eram enterrados dentro, outros fora. À noite, às vezes, balas voavam! O prof. Jesus começou a ficar muito mal da vista. Leodegária pediu licença para levá-lo para consultar em Uberaba, porém ficaram em Araguari em casa de bons amigos. Ainda havia esperanças e o professor emocionado, ao pisar o solo mineiro depois de tantos anos, ajoelhou-se e beijou-o. Foram dias difíceis os daquela separação. Depois, a esperança, o dinheiro e a vista acabando em casa alheia... As últimas cartas que ele escrevia à sua amada esposa, quando ainda tinha um pouco de vista, eram dolorosas. Em uma delas dizia: "A nossa queridíssima filha, Passarinho, tem chorado muito." Dizia também que Araguari tinha luz elétrica e muito movimento por causa da Estrada de Ferro. D. Ana muito amorosa, longe do marido doente e da "queridíssima Passarinho", sofria muito e tinha medo naquele casarão. À noite, para fecharem aquelas dezoito janelas, agarravam-se umas às outras, à luz de velas... Aquela esposa e mãe valorosa coube a decisão de mudarem para Araguari. Era o que ela mais queria, mas, como? Uma mudança daquelas não era brincadeira! Aflita e saudosa, rezava, rezava fervorosamente, com a fé que nunca a abandonou. Então aconteceu aquele fato importante. Um homem que ela não conhecia apareceu à sua porta, todo de branco e respeitosamente lhe disse: "Eu sou fulano de tal, há anos atrás conheci o prof. Jesus. Soube agora da situação e vim para ajudá-la. Vou mandar um carro (de boi) para a mudança, mantimentos, montarias para todas

e camaradas para guiá-las. Não se preocupe com nada." D. Ana mal voltava da surpresa e ele já se despedia. Poucos dias depois tudo o que ele prometera lá estava; até banda de porco, feijão, arroz. Dos lados, ao longo do carro enormes capoeiras onde d. Ana colocou suas 42 galinhas... Foi uma resposta imediata às suas orações. A mudança foi cansativa e a Nenê caiu do cavalo no rio dando grande aflição à mãe. Tudo não foi nada ante a grande alegria do reencontro. Leodegária foi acertar com os camaradas o pagamento da passagem da divisa Minas com Goiás e os camaradas disseram que tudo estava pago. Era só voltarem com a montaria. Nem viram quando foram de volta naquele mesmo dia. O professor escreveu a diversos amigos para saber quem era aquele senhor, ninguém o conhecia. Diziam que podia ser um fazendeiro por ali, mas não conheciam. Nunca mais souberam do tal senhor.

Manchinha já havia alugado uma casa provisoriamente até encontrar uma melhor. Arranjou substituição no grupo enquanto esperava a nomeação. Começou também a costurar. A nomeação estava demorando e a situação premente. Novamente, os joelhos calejados da mãe dobraram-se. Sofriam ela e marido, agora quase totalmente cego, ao verem a filha querida chorar tanto. D. Ana fazia a novena de N. Sra. do Carmo, nove vezes por dia durante nove dias. Um dia, depois das orações chegou perto da filha e disse "Senti um calor no ouvido e ouvi uma voz dizer: no dia 16 de Julho chegará a nomeação." Manchinha pôs a mão na cabeça em pranto: "Meu Deus, agora é mamãe que está ficando louca!" A mãe ficou zangada dizendo-lhe que precisava ter fé, que estava no juízo perfeito, etc. Manchinha estava desesperançada porque não havia vaga no Grupo. Um político do lugar Sr. Olinto Veloso que já a conhecia e admirava por seus escritos nos jornais, fez o pedido ao Secretário do Interior Sr. Delfim Moreira. Havia poucas professoras formadas no Grupo e Sr. Veloso achava que era uma honra ter uma professora de tal cultura no Grupo. No dia 16 de julho Maria Aurora e a mãe estavam na porta quando ele apareceu sacudindo um papel na mão "Está aqui a nomeação de d. Leodegária."

Pode-se calcular a alegria de todos e mais ainda de d. Ana.

Também realizara-se a profecia que Manchinha fizera quando menina. Estava de bruços no banco da sala de jantar lendo um jornal que dava notícia da inauguração do Grupo de Araguari e seu retrato. Ela apontando o retrato disse à sua mãe: "Eu vou lecionar neste grupo." E ela nem sabia onde era Araguari.

Apesar da cegueira e semiparalisia do professor foram anos felizes ali. A casinha acolhedora tornou-se ponto de reunião de amigos que queriam de alguma maneira agradar o Professor. Quando chegava no lugar uma pessoa distinta, um novo engenheiro da Goiás a primeira casa a ser visitada era a casa do prof. Jesus. Até meninos vinham ler o jornal para ele. E com ansiedade ele esperava alguém para ler-lhe o jornal guardado no bolso! Havia também uma orquestra familiar onde não faltava o bandolim de Nenê que tocava com maestria e o violão de Zenóbia. Geralmente, à noite Manchinha estava costurando depois de ter lecionado o 4º ano e substituído no 3º para ganhar mais. A costura era feita com arte e perfeição como tudo que fazia e o precinho era irrisório... Afinal era uma artista e nada comerciante! Os amigos eram muitos e sinceros. Recebiam também muitas visitas de Goiás. Entre estas visitas veio um político contrário para insultar o doente em sua cadeira: "Então Jesus, você agora não passa de um peso para sua família."

Manchinha e sua mãe enxotaram-no imediatamente de sua casa enquanto o pai dizia - "Não faça assim, minha filha..." O fim daquele homem sem caridade não foi nada bonito, foi feio e humilhante, poucos anos depois, como senador, no Rio de Janeiro. Manchinha não gostaria que eu repetisse aqui tal fato. O prof. Jesus além de ficar completamente cego sofria a doença de Tabes, incurável, as dores fulgurantes eram horríveis e não havia naquela época os analgésicos que existem hoje.

Manchinha prometeu a si mesma dar à irmãzinha a mesma educação que ela e sua irmã tiveram. Sentia-se mais responsável ainda porque era sua afilhada. Com a ajuda do velho bispo de Uberaba, amigo do prof. Jesus, foi conseguido internato para Nenê no Colégio N. Sra. das Dores, das Irmãs Dominicanas em Uberaba. Pagaria a metade com a condição de depois de formada, trabalhar um ano de graça no Colégio, como professora, é claro. A separação foi dura e as despesas aumentaram; Manchinha não queria que a afilhada, no meio de 300 internas, a maioria rica, passasse alguma humilhação. E Nenê correspondia, esforçando-se nos estudos, deixando às vezes de correr ou pedia para não ir às grandes caminhadas a pé para não gastar o sapato e poupar despesas à Manchinha... Manchinha fazia o possível para que nada faltasse em casa e para Nenê no Colégio e o Coletor, seu admirador, dizia que "D. Leodegária é a única professora que guardava todo mês um dinheirinho na Coletoria." Aquilo já era pensando na formatura, no anel...

Apesar de tanto trabalho não se separava da poesia e da literatura. Continuava colaborando em jornais e revistas. Uma delas “Estrela” de Aracati.

Muitas coisas boas e más aconteceram naqueles 4 anos de estudo de Maria Aurora e mais aquele ano que lecionou de graça... Tão adoentada e sacrificada... O dinheirinho da Coletoria valeu demais. Um amigo que ia a S. Paulo ofereceu-se para comprar o anel, que foi dos mais bonitos e muito em conta. Maria Aurora desejava ser a 1ª professora de Minas Gerais e quando voltou com o sofrido diploma sua nomeação já a aguardava. Mas aconteceu um incidente vergonhoso. O Inspetor um homem de pouca instrução que já não suportava a cultura de Leodegária - não quis que Maria Aurora tomasse posse; o lugar seria de uma protegida sua (sem diploma). Aquele fato teve grande repercussão na cidade e todos tomaram posição ao lado da família venerada, que possuía uma filha como Leodegária, admirada por sua dedicação e saber.

Houve um processo, inquérito, até um chicotinho — que ainda existe — apareceu por lá. Foi Maria Aurora que o levou para bater no tal Inspetor que ficou amarelo e fingiu um desmaio... Os amigos esconderam o chicote para não aparecer no processo... Foi uma coisa! Manchinha dizia que o processo pesou quilos. Manchinha veio a Belo Horizonte para ganhar a causa, recebeu elogio do Secretário do Interior pela sua folha de serviço e por ser a professora que era.

Aquela viagem serviu para mudar o curso da vida de Maria Aurora. A amiga em cuja casa Manchinha se hospedara, trabalhava no Correio e aconselhou-a: “Vai haver um concurso para o Telégrafo em S. Paulo, por que não inscrever M. Aurora? É muito melhor que ser professora em Minas Gerais para ganhar uma bagatela.” Manchinha voltou depressa e conseguiu inscrevê-la já nos últimos dias de inscrição. Ela estava craque em tudo, em francês que ela falara durante cinco anos, mas pediam o inglês e ela não sabia. O tempo era curto, um amigo engenheiro prontificou-se a ensinar-lhe e deu-lhe um livro de inglês sem mestre que ela teve de estudar em quinze dias! para resumir: fizeram aquela viagem de trem para S. Paulo e ela com o fígado em pandarecos; ficaram em casa de amigos muito queridos de Goiás, cujo filho médico Dr. Oscar Lisboa que as queria muito bem, deu-lhe remédios. Assim Nenê, entre 26 homens tirou o 1º lugar no concurso, para admiração dos examinadores. Ela conta que no dia da prova de química ela entrava no

bonde e o Dr. Oscar gritava da janela a fórmula do cobre. O pessoal do bonde riu. E foi a fórmula do cobre que caiu na prova.

Depois das provas Manchinha ia com ela à igreja de Sta. Efigênia para pagar as promessas a S. Expedito. Maria Aurora prometia rezar o terço de braços abertos mas de vez em quando Manchinha tinha de segurar-lhe os braços doidos. Um dia ao chegarem em casa a amiga as esperava à porta, aflita. Lá na sala estava um dos examinadores, um alemão alto e forte. Foi em nome da banca examinadora. Em vez da tradução do trecho de inglês sobre Maria Stuart, ela havia escrito a história de Maria Stuart mas num português tão correto e bonito que eles não quiseram perder a prova. Também tinha tirado o primeiro lugar em todas as outras provas. Decidiram que ela fizesse uma nova provinha de inglês. Aquele rosto simpático e o gesto da banca examinadora deram ânimo à amedrontada Nenê que tornou a fazer uma boa prova. Ainda recebeu elogios pelo seu preparo, que era de gente assim que a Repartição precisava. Então tornou-se telegrafista com ordem de praticar o Morse em Uberabinha para onde seria depois nomeada. Uberabinha pertencia à Diretoria de S. Paulo.

Bem, a família tinha de mudar de Araguari, Leodegária foi removida para Uberabinha mesmo porque não podia trabalhar sob a direção do tal Inspetor. (Foi um homem infeliz.)

Leodegária foi com Maria Aurora primeiro. Ficaram em casa de uma amiga mas logo procuraram casa e d. Ana mais uma vez teve de arrumar mudança, desta vez em melhores condições: trem de ferro. Uberabinha que logo passou a chamar-se Uberlândia, era uma cidade progressista. Leodegária entrou com o pé direito em Uberlândia. Logo ficou admirada, respeitada e querida. Aliás, a família toda. No princípio não foi bom por causa da casa pequena e cheia de goteiras. Perderam um caixote de livros e a querida máquina de costura estragou um pouco o gabinete contrariando muito Manchinha. O dono dessa casa era um português usurario; já haviam chamado a atenção dele para a carestia do aluguel, que d. Leodegária era moça muito correta, sacrificada, com o pai cego, etc. Ele nem se importou, pelo contrário um mês Manchinha tinha pago o aluguel. (Era a primeira coisa que fazia) O homem veio cobrar novamente. Ela protestou, chorou, mostrou que já havia pago, mas ele ficou irredutível, ela pagou outra vez. O homem era muito rico, não só tinha casas mas também máquinas de beneficiar algodão. A pobre Manchinha chorou muito, porque aquele dinheiro ia lhe fazer

falta. Ela não pedia nunca dinheiro emprestado. Os pais sempre a consolavam pedindo para esquecer e ter confiança em Deus. Às vezes o castigo vem logo; pegou um incêndio na beneficiadora de algodão e queimou tudo.

Foi um retrocesso na vida do homem. Um dia Manchinha vinha cansada do Grupo o tal homem vinha correndo atrás: "d. Leodegária! d. Leodegária! Espere, eu quero lhe pedir perdão por ter exigido aquele dinheiro injusto. Eu quero que o receba de volta." Ela não queria receber e ele pediu por favor, que o dinheiro estava lhe queimando as mãos. Ela arranhou logo uma casa melhor onde o professor veio a falecer. Antes Manchinha tinha sido nomeada diretora do Grupo Escolar de Conquista e para lá foi com o coração apertado. Era duro deixar o pai tão doente. Não pôde ficar muito tempo. Não gostava de lá, sofria muito, muita briga, tiroteios, vinha do Grupo para o quarto do hotel. Um dia foi pagar uma visita em frente e quando saía da casa ouviu tiros e um homem caiu à sua frente. Ela não sabia como saltou o cadáver de olhos esbugalhados. Entrou no hotel correndo arrumou as malas e pegou o trem. O professor Jesus disse à sua esposa: "Passarinho está chegando, estou ouvindo seu choro." A mãe correu surpresa e ele ficou aflito esperando. Sim, era a querida Passarinho que preferia ser apenas professora mas ao lado dos seus... No dia seguinte apresentou-se no Grupo. O Inspetor deu uma risada ao vê-la: "Já chegou, d. Leodegária? Abandonou o cargo? E se a senhora for exonerada?" Manchinha respondeu: "O mundo é largo," ele deu outra risada. "Não se preocupe eu vou dar um jeito." Nada aconteceu, graças a Deus.

Prof. Jesus sofria demais com a luta da querida Passarinho. A filha mais velha embora adoentada ajudava como podia. Antes de morrer o professor teve a satisfação de ver M. Aurora nomeada telegrafista. O grupo de amigos já era bem grande e que bons amigos! Muitos dos mais novos são fiéis até hoje. Ajudaram muito quando da morte santa do chefe da casa. Sua vida foi correta e santa, sua morte trouxe muita paz. Ele prometia à Passarinho: "Agora nada posso mas, depois de minha morte irei ajudá-la." Passados uns 10 dias depois de sua morte, d. Ana passava por uma modorra quando viu uma sombra representando seu marido que lhe disse: "Nhana, são e salvo. Procure o Nhonhô Borges e fale na compra de uma casa." D. Ana abriu os olhos depressa e o que ela viu? Uma sombra saindo do quarto. Não dormiu mais, contou às filhas e cedinho foram à casa do tal Nhonhô Borges e sua

esposa d. Luíza. Não tinham relações muito íntimas mas eram conhecidos. O casal admirou-se de vê-las tão cedo. D. Ana contou a aparição, isto é, aquela mensagem. O senhor falou: "Pois é isso mesmo! Meu tio Ernesto tem uma casa fechada, para vender. Não precisa dela, tem outras casas, além disso mora mais na Fazenda." Depois de conversarem um pouco, fazerem comentários ele acrescentou: "Logo que ele chegar da Fazenda converso com ele e lhe dou a resposta."

Tudo foi muito rápido. Tio Ernesto era super-rico e generoso. Vendeu-lhe uma boa casa com grande terreno, no centro de Uberlândia à rua Felisberto Carrijo, sem papéis, sem fiador, muito em conta e para pagar quando pudesse! Realmente, ela precisava correr atrás dele com o dinheiro e ele sempre dizia: "Para que tanta pressa, filha?" Manchinha não gostava de dever.

As famílias uberlandenses animaram-na a abrir um Colégio. Seu terreno era grande; mandou construir uma casa ao lado da outra com 4 salas.

Para abrir o Colégio queria pedir uma licença no Estado para tratar de negócios. Dezesseis anos havia trabalhado sem uma falta e o Inspektor negou-lhe, dizendo: "Não posso, quem vai substituí-la?" Ele sabia que ela queria abrir o Colégio mas não abriu mão. Já estava com tudo pronto, uma professora sócia, agora aquilo! Sentiu-se ofendida. Aconselhou-se com a mãe. Esta foi drástica: "Peça exoneração."

Talvez se tivesse recorrido aos superiores como no caso de Maria Aurora ela não tivesse perdido os dezesseis anos de serviço. Talvez como a burocracia demorasse muito e ela e sua sócia — uma professora — já estivessem com compromisso com os pais. Estava lançada a sorte. Tudo foi muito bem mas com a sócia durou pouco tempo. Manchinha comprou sua parte e ficou só com a família. Zenóbia ficou com o primeiro ano, uma professora paga com o 2º e Manchinha com o 3º e 4º e admissão. Nenê quando podia ajudava mas tinha o seu bom emprego federal, muito querida e admirada.

O Colégio São José floresceu, rapidamente, sem anúncios nos jornais. Quem o benzeu foi o Padre Eustáquio, muito novo ainda recém-chegado da Holanda. O virtuoso padre sentenciou: "Este Colégio vai progredir muito financeiramente e espiritualmente". Além de todas as matérias exigidas, ela ensinava religião. Se o pai desse o contra ela dava-lhe liberdade para retirar o filho ou a filha. Nunca saíram, porque o Colégio era bom mesmo. Tinha internato também, onde sua mãe

colaborou com toda sua energia, inteligência e diligência. Aquilo amenizou um pouco a saudade do amado esposo. Foram anos áureos para aquela família. Vinham internas de Mato Grosso e dos confins de Goiás.

Foi publicado o seu 2º livro "Orquídeas" com grande aceitação. No meio da azáfama da vida não esquecia suas poesias, suas colaborações, clubes literários. Maria Aurora, bem mais moça, frequentava mais as festas em companhia de bons amigos. Quando o pai ainda era vivo, foi noiva, com data marcada e enxoval pronto mas ela mesma desmanchou, não quis mesmo e o noivo não descobriu o porquê. Mas era muito alegre, não fazia falta nas barraquinhas que eram famosas. Para uma dessas festas Manchinha fez um lindo hino para a Barraquinha Goiana.

Os anos foram passando, ela cansando-se, com miopia e estigmatismo na vista.

Depois de vinte anos decidiram visitar a velha Capital de Goiás. Apesar da apoteose da recepção, das visitas, dos convites para jantar, dos passeios, Leodegária não viu as coisas com os mesmos olhos da menina-moça; escreveu então aquela poesia que muitos goianos não gostaram e outros acharam linda: "De volta."

Para a tristeza de muitos, Manchinha planejava fechar o Colégio. Sempre teve um organismo fortíssimo, nunca ficara de cama mas a estafa estava dominando-a. Ela me contava que, sozinha, era capaz de mudar de lugar uma mesa de três metros, carregando! Até agora, velhinha, parecia ter mais força do que eu! Contava-me também, que sua vocação era ser enfermeira ou farmacêutica. Tinha uma caderneta cheia de fórmulas, gostava de tratar dos de casa. Em vez disso, foi das melhores professoras. Aprofundou-se em psicologia, estudando o caráter humano pela cabeça e para isso tinha um livro fabuloso, infalível mesmo, é um tesouro que guardamos. A primeira vez que via uma pessoa sabia se era inteligente, se era burro, se era mentiroso, assassino, ladrão. Principalmente, se tinha oportunidade de passar a mão pela cabeça do indivíduo.

Minha amada Manchinha, minha insubstituível Manchinha! Muito me custa escrever esta narrativa com as lágrimas a caírem pelo rosto.

Em Uberlândia um amigo insistiu para que olhasse sua cabeça, com franqueza. "Você precisa ter cuidado e controlar-se porque sua cabeça é de assassino. Se não matou pode ainda matar." E Manchinha não se admirou quando teve notícias de que ele matara um homem.

Ela achava que a educação e a religião, principalmente, por ensinar o temor de Deus, podem controlar um mau caráter. Não obstante ler tão bem as cabeças, muito “tomou na cabeça” por causa do coração que era de fato “um grande músculo muito mole.”

Maria Aurora não estava fazendo carreira e em 1931 quando em S. Paulo a passeio, foram à Diretoria rever amigos. Convidaram-na a mudar-se para mais perto até mesmo para a Capital se quisesse. A Capital não lhe interessava mas interessou-se por Rio Claro para ser Agente do Telégrafo. O amigo engenheiro que lhe havia ensinado inglês, levou-as lá; Manchinha e ela. Era longe de Uberlândia mas viram e ... gostaram.

Foi assim que o Colégio foi fechado, uma casa vendida, a outra alugada e anos mais tarde vendida também. Parece-me que ambas ainda existem.

Novamente amigos foram deixados para trás. Mas o Colégio São José foi como uma árvore que enraizou, cresceu e deu bons frutos. Para os alunos parecia que era uma honra terem estudado no Colégio São José. Ela já havia mudado de lá há anos quando houve aquela pancadaria no Padre Alaor que pregava contra o comunismo. Um dos rapazes sendo julgado, no Tribunal disse chorando: “Eu sou inocente, não podia fazer uma coisa dessas, eu fui aluno de d. Leodegária...” Aquilo foi muito comentado. Ele devia ter-se lembrado disso antes de tomar parte naquela horrível tragédia. Muitos alunos seus foram homens importantes, boas mães de família, freiras, padres. Quando estava no hospital, uma ex-aluna, hoje avó, telefonava quase todos os dias de Uberlândia para saber notícias e na Catedral de lá foram celebradas missas de 7º e 30º dia por sua alma. Quando ela foi a Uberlândia em 60 assistir ao casamento da filha duma ex-aluna, alguns ex-alunos vieram propor comprar-lhe uma casa para ela ficar perto deles...

Continuando a narrativa sobre suas mudanças, em Rio Claro foi logo convidada para ser professora no grande Colégio de freiras espanholas. Ensinava português e geografia; no entanto, não suportou a indisciplina das moças. E elas gostavam dela! Escreveu muitas poesias de tema religioso para as festas no Colégio, na igreja. Há anos atrás fui passear em Campinas em casa de uma amiga. Para minha surpresa encontrei na estante de seu marido um grosso livro sobre Maria Santíssima, escrito por Monsenhor Moura e nele uma bela poesia de Leodegária de Jesus. Manchinha nem sabia disso.

Fizeram ainda duas mudanças em função do serviço de Maria

Aurora; por fim radicaram-se em Belo Horizonte, compraram boa casa no centro. Em 49 morreu a querida mãe, em 53 morreu sua irmã Sinhá. Esta morreu em Araguari para onde tinha ido a passeio. Realizou seu desejo pois era lá que queria morrer e ser enterrada.

Aqui Manchinha lecionou na Escola Visconde Caiuru por um ano ou dois. Não quis mais tomar parte em nada. Vivia para Maria Aurora e para mim, nesta sua casa que adorava. Fazíamos tudo para que se sentisse feliz. Eu tenho consciência que fui para ela mais que uma filha. Eu a amava e só pedia a Deus que vivesse cem anos!

Ela dizia que as pessoas não gostavam nem sabiam mais o que era poesia. Por isso alguns dos amigos de agora não sabiam que ela escrevia mas gostavam muito dela e a admiravam. Ela era amável, espirituosa, conhecedora de todos os assuntos e ainda olhava as cabeças dos jovens... e no hospital muitos amigos jovens foram visitá-la. Aliás eram tantas visitas que às vezes enchia o corredor e a freira alemã, que tomava conta do andar, comentou: "Que família grande ela tem!" Respondeu-lhe que eram amigos. E que amigos!

Ultimamente, ela só queria preparar-se para a "grande viagem." Até Dezembro de 1975 ia à missa todos os dias e sozinha. Adoeceu e quando melhorou ia todos os domingos mas nunca só. Todos os dias depois de fazer algum servicinho doméstico ou costura, lia um pouco dos Evangelhos, ou um trecho de "Le Divin Ami" (Pensées de Retraite), ou uma página de "Cristo de minha vida" de Clarence J. Enzler. Depois fazia palavras cruzadas mas se aparecia uma visita ela preferia uma boa prosa... Seus dias eram bem aproveitados até às vésperas de ir para o Hospital. E quando saiu de casa para lá, nos braços de um rapaz português que a considerava sua mãe brasileira, já no jardim ela olhou para trás e disse: "Nunca mais vou voltar" "Vai sim Manchinha, vai" Ela abanando negativamente a cabeça foi colocada no carro.

Aí está Sr. Basileu a minha narrativa sobre aquela vida maravilhosa, de onde o senhor pode tirar os dados que quiser, Escrevi a décima parte do que sei e que não é nem a centésima do que foi a vida exemplar de Leodegária de Jesus.

a) Doralice de Oliveira*

*Filha de criação da poetisa. Foi para a sua companhia aos dois anos de idade.

SEGUNDA PARTE

No plano literário

Leodegária de Jesus foi um talento precoce que aprendeu a ler muito cedo, como já vimos, entre os 3 e os 5 anos de idade, ainda na escolinha pública de Jataí. Nasceu com o senso da linguagem e tinha por isso mesmo grande interesse pelo mundo das palavras. Gostava de aprendê-las, decifrá-las — sozinhas ou em combinação com outras — para ir memorizando tudo que podia. Era um prazer pessoal que se baseava em sua inquestionável vocação. Nasceu assim.

De outro lado, o lar em que vivia valorizava a cultura e punha os livros em lugar de destaque. Constituíam um estímulo constante o ambiente e a figura do pai de modo particular. Ela respirava instrução, embora elementar, a todo o momento, porque a casa era a escola e a escola era a casa. Mais do que o conhecido ideal pedagógico segundo o qual um educandário do primeiro grau deve ser a continuação da família. Ela estava ao mesmo tempo nos dois ambientes, não havia separação entre eles.

Por tudo isso, quando adolescente na cidade de Goiás, e com o coração cheio de lembranças (Grata lembrança de meus dias idos, / claros dias da infância decorridos, / no seio perfumado do sertão.)* ela começou a escrever os primeiros versos com 14 anos apenas.** Era aluna do Colégio Sant'Ana e viu-se logo incentivada na escola e em casa, pelos mestres e pelos pais. Mais um sinal da sua precocidade, recebida com agrado por todos que a cercavam e tinham algum papel na sua formação intelectual.

Em dezembro de 1903 escreveria uma pequena carta ao prof. José Antônio de Jesus, então na cidade de Jaraguá, enviando-lhe um soneto

*Do soneto "Luar de outubro" — *Orquídeas*, pág. 34.

**Observe esta coincidência: "Francisca Júlia da Silva, patrcia nossa... já escrevia versos aos quatorze anos".

Machado de Assis
(*A Semana*, II, pág. 399).

— o mais antigo de que temos notícia — com esta observação realmente interessante, depois de informar que era o melhor de sua lavra desde quando começara a fazer poesias: “Foi considerado por Gastão (o poeta Gastão de Deus Vitor Rodrigues) como a melhor composição que tenho feito e Augusto Rios obrigou-me a dar-lhe-a a fim de mandar publicar no Goiás.”

Nunca mais parou de escrever, especialmente sonetos, que dominam a sua produção poética, recebendo a influência direta do pai e de seus mestres, mas muito mais daqueles dois versejadores citados na missiva. Eles acompanharam e encorajaram a menina, que todos logo passariam a admirar na velha capital onde imperava por esse tempo um romantismo retardatário, com atraso de mais de meio século. A moda era fazer composições sentimentais, se possível algumas que pudessem ser cantadas em saraus e serenatas.

Com esse apoio e essa orientação, quando Goiás, à maneira do Brasil no que se refere aos movimentos europeus, recebia com grande demora aquela corrente poética, a pequena escritora foi se aventurando cada vez mais na teoria da estética e na prática da metrificação dita clássica. Sem conhecer ainda os inúmeros segredos da língua comum* que estudava, e menos, bem menos, as virtudes da mensagem lírica**, com suas conotações e valores simbólicos, tão distantes do sentido corrente dos vocábulos. Era guiada aí pela intuição e pelo gosto adquirido através da leitura de Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo (citado na abertura do seu primeiro livro), Gonçalves Dias e Castro Alves. Além de outros.

O fato é que seu dom de fazer versos ficou conhecido na antiga Vila Boa, onde surgiu um discreto movimento cultural de jovens no primeiro e segundo lustro desde século, com tendência natural para

*“As emoções e os pensamentos, então, expressam-se melhor na língua comum do povo — ou seja, a língua comum a todas as classes, a estrutura, o ritmo, o som de uma língua expressam a personalidade do povo que a fala.”

T.S. Eliot *in* *A essência da poesia*,
1972, pág. 34.

***“... na linguagem poética as palavras não possuem um sentido único e inflexível, válido para todos os leitores, e as frases não encontram equivalentes em nenhum outro idioma, pois o seu poder de comunicação resulta paralelamente do jogo de ritmos e timbres, em que as palavras valem quase tanto pelo que significam quanto pela posição que ocupam no texto.”

Geir Campos — *Pequeno dicionário de arte poética*, 1978, pág. 101.

valorizar a mulher ("a ecônoma do lar", na observação de Goiás do Couto) em vários aspectos da vida local. Especialmente na área da cultura literária.

Haja vista que a nossa primeira academia de letras, instalada no dia 12 de outubro de 1904, tinha como sua primeira presidente a senhora Eurídice Natal, com apenas 19 anos de idade, por escolha unânime dos seus confrades. Um fato novo e surpreendente no país — apesar da curta duração da iniciativa — que levaria o respeitável crítico Brito Broca a registrá-lo*, destacando a presença de uma mulher na direção da Academia de Goiás, enquanto a Academia Brasileira de Letras não admitia a participação de damas em seu quadro de imortais.

Diante daquela receptividade local às composições poéticas — apesar de imaturas e marcadas de senões — o estímulo de mestres e colegas, bem como o orgulho paterno do prof. José Antônio de Jesus, tudo junto levaria a pequena poetisa a reunir seus versos em um opúsculo, que a família tratou de mandar imprimir em Campinas, Estado de São Paulo.

Em 1906, quando ela completou 17 primaveras, estava circulando o ingênuo e delicado "Coroa de lírios" contendo 30 poesias dos 15 aos 16 anos**, com apresentação compreensiva e amável, mas sincera, de Felício Buarque de Macedo, conhecido intelectual e advogado de Uberaba, nossa capital regional naquela época, além de colaborador do "Almanaque" da século XX que pontificava entre nós. Ele era o crítico e encarregado da seleção de livros na publicação anual de Arédio de Souza. Contudo, não chamou a garota de "gênio", de "autora de obras-primas", ou de outras coisas assim que ocorrem em prefácios desse tipo por encomenda. Disse que a estreante era uma promessa auspiciosa, demonstrava verdadeira vocação para a arte poética, no entanto precisava perseverar no ofício lendo e estudando os bons autores. O resto seria questão de tempo. Como vemos em um dos seus trechos mais significativos:

"Não se pode, porém, exigir mais de uma moça de 17 anos, em um meio pouco favorável ao desenvolvimento da arte ou das letras. Entretanto, é justiça confessar que o trabalho em objetivo é muito promissor

**A vida literária no Brasil — 1900* — Editor José Olympio, Rio de Janeiro, 2ª edição, 1960, pág. 57.

Retirou os dados do *Almanaque Brasileiro Garnier* de 1906.

**Dezoito eram sonetos.

e, por conseguinte, muito cheio de esperanças suscetíveis de converter-se em realidade, uma vez que sua autora procure aperfeiçoar-se, estudando e corrigindo seus defeitos naturais, nas obras dos mestres.”

L. de J. tornou-se deste modo, muito nova ainda, a primeira mulher a publicar um livro no Estado de Goiás, livro de versos que mereceu a simpatia e o aplauso generalizado dos seus contemporâneos, sem entrar nos aspectos técnicos ou estruturais daquela reduzida colheita de iniciante. Encantava, isto sim, a desenvoltura da jovem, o sentimentalismo e a delicadeza de algumas composições, os quadros da natureza ali descrita, seu carinho pela família e, acima de tudo, a experiência dolorida de um amor que não se consumou. Uma chaga no coração que se transformaria através da vida em sua principal fonte de inspiração diária. Ao que parece, simples namoro dos 15 anos, mas que estava sempre presente em seus poemets ou arrulhos de alma solitária. Voluntariamente só, dialogando com a dor daquela perda, que a torturava e fazia viver ao mesmo tempo.*

“Coroa de lírios” ficou logo conhecido na cidade de Goiás também pelo formato elegante in-oitavo, muito bem impresso, com ilustrações e vinhetas artísticas decorando-o, além de trazer o retrato da poetisa em sua página de rosto ou frontispício. Foi um momento de glória para ela entre os bardos municipais, principalmente junto aos seus maiores incentivadores: os poetas Gastão de Deus e Augusto Rios. Mas o êxito da menina e moça atingiu o ponto mais alto quando a menor composição do livrinho, menor e melhor a nosso ver, foi musicado pelo maestro Joaquim Sant’Ana e tornou-se número obrigatório em reuniões sociais e serestas apaixonadas do lugar. “Símile” transformou-se em grande sucesso de público, e mais tarde chegou a vez de “Teus olhos”**, que

*Agripino Grieco, em sua conhecida irreverência e maldosa colocação, disse um dia que Humberto de Campos, autor de *Memórias* e *Memórias inacabadas*, era “gigolô da própria desgraça”. Não vamos discutir esta indelicadeza, porém no caso de Leodegária de Jesus seria incorreto e brutalmente injusto pensar em algo parecido. Ela sublimou o sofrimento e a tristeza desde a adolescência, sem jamais se tornar infiel ao que classificou de seu “primeiro amor”. Infeliz como muitos e inesquecível como todos.

A espiritualidade da poesia repele e anula qualquer comparação grosseira ou infeliz como aquela do brilhante autor de *S. Francisco de Assis e a poesia cristã*.

**A prof^a. Maria Augusta Calado, da U.F.G., informou-nos que a melodia de “teus olhos” é uma variação da modinha “Em sonho”, recolhida por ela na antiga Vila Boa.

Veja o caderno de “Ilustrações” onde reproduzimos a versão colhida pela pesquisadora Maria Ludovico.

os estudiosos goianos conhecemos também com delicados versos da mesma autora.

Observemos a seguir a melodia da primeira canção, que devemos à gentileza da musicóloga Maria Augusta Calado:

Símile

L. Leodegária de Jesus
M. Joaquim Sant'Anna

Quando vi-ve-mos a sonhar a - mo - nos Quan-do não te-mos a i-lu-são per -
di - da Quando nos-s'al-ma não pa-de-ce do - nes Morrer e' tris-te
co-mo é be-la a vi - da

Maria Augusta Calado
1993

Entretanto, apesar da vitória da publicação e do prestígio local que levaria L. de J. a tomar parte na direção do semanário “A rosa” no ano seguinte, com Cora Coralina e outras jovens, o seu livro era fraco e trazia vários senões, que o apresentador tinha considerado normais em uma principiante. Aliás, de maneira acertada.

A começar pelo primeiro verso do primeiro soneto, que alguém poderia ter corrigido para a garota, inclusive na fase de revisão. Quando ela dizia em “Paisagem”: “Desponta a aurora; a estrela vespertina...”, ela na realidade se referia ao nascer do dia, portanto deveria ter escrito “estrela matutina”*. Inclusive soa igual e tem idêntico número de sílabas. Era só substituir uma palavra por outra.

Na mesma linha de raciocínio, podemos assinalar outras falhas, sem a menor intenção de atacar a obra ou menosprezar a autora, que tem um lugar especial em nosso coração. De longa data.

Alguém chegou a escrever na época da publicação de “Coroa de lírios” que aquelas poesias deveriam ter ficado inéditas, como exercícios escolares ou algo parecido, o que achamos ainda hoje um exagero do jornalista desconhecedor da realidade sócio-cultural de Goiás. Mas vivendo em São Paulo ou Rio de Janeiro, não nos lembra bem, ele tinha lá as suas razões. A poetisa era menina-moça e de fato precisava amadurecer um pouco mais, porque embora de talento promissor não era um gênio que tudo vence e supera. Tinha de continuar estudando a

*O planeta Venus à tarde é **estrela vespertina** e de manhã se chama **estrela matutina**. São sinônimos do astro para horas diferentes.

língua materna e lendo outro tanto os nossos grandes poetas. Era o caminho.

Indiscutivelmente, se não houvesse aqodamento em publicar os seus versos, ou se pelo menos existisse interesse de expurgá-los dos mais fracos, por certo várias composições ficariam fora da coleção editada, até que um dia, talvez, voltassem decantadas através de melhor expressão poética. É o caso de *Ninho vazio*, *Cromo*, *Jataí*, *Contraste*, *Quadro* e *Enlevo* — já referidas pelo sr. Felício Buarque de Macedo — além de outras como *Maio*, que compôs em redondilha maior, e *Volúvel*, escrita em estâncias heterométricas de versos de 10 e 6 sílabas.

Outro aspecto digno de nota, apontado aliás pela crítica de jornal daquele tempo*, é o contraste da menina "na alvorada da vida", que se apresentava com uma coroa de lírios nascidos da decepção e da tristeza, quando devia trazer com ela uma coroa de goivos, flores que pela sua etimologia significam "prazer, gozo" (gaudium). Em verdade, é inaceitável o fato, a não ser pelo espírito exacerbadamente romântico da poetisa, que volta à mesma idéia de sofrimento e amargura nas páginas 32, 34, 40, 46, 52, 59 (com todo o soneto *Triste viver*), 62 e 66. E ela já tinha chegado ao ápice desse pensamento dominante em seus versos, quando escreveu *Símile*. "Mas se nos fere o espinho da tristeza / se maltratados somos pela sorte, / se nos é dado o cálix da incerteza, / viver é triste! Como é doce a morte!"

Isto nos traz à lembrança uma passagem de Olavo Bilac que se ajusta perfeitamente ao caso de L. de J.: "Todos os moços, quando chegam à idade de amar e de poetar, associam a idéia do amor à idéia da morte."**

A observação, feita por quem conhecia bem o assunto, é válida e atual.

Essa imagem recorrente das páginas de *Coroa de lírios* aparece em outros trechos como este último terceto de *Suspiros*: "Mas, não, é tarde, eu tenho o peito inferno / e só a morte poderá pôr termo / ao desgraço amor que me inspiraste!..." ou ainda na seguinte quadra de contraste: "Alegre vives, sorrindo, / feliz da dor vives fora, / enquanto eu triste, carpindo/morro da vida na aurora.***"

**O País* do Rio de Janeiro, dia 18 de maio de 1907.

***Conferências literárias*, pág. 48.

***No segundo terceto de *Requiescat in pace*, que está em *Orquídeas*, à pág. 107, ela voltaria a dizer em 1928: "Em teu leito, meu pai, serenamente, / vi-te morrer, assim, tão docemente! / Quão belo então me pareceu morrer!"

Continuava a pensar da mesma forma.

Uma característica facilmente corrigível nos trabalhos de L. de J. é a virgulação exagerada, que nada acrescenta muitas vezes à clareza do texto. Por exemplo: "Quando, mais tarde, já mocinha fores, / e te surgirem, n'alma, os dissabores, / dir-te-ei então a causa de meu pranto."

E nesse afã de colocar vírgulas, talvez seguindo a identificação dos complementos na análise lógica dos períodos, acabava por vezes separando o sujeito do verbo, o que é um erro primário. Assim como aparece na pág. 73: "A brisa nos palmeirais, desfere (lá está defere) canções ideais/ e dos floridos rosais, / vem doce aroma sutil."

Em bom estilo feminino, se é que podemos falar deste modo, ela usava em excesso diminutivos, reticências e exclamações, que nem sempre melhoram ou reforçam o conteúdo do texto. pelo contrário. Fal-tou aí, a nosso ver, algum conselheiro mais experiente a fim de evitá-los ou reduzi-los, em benefício da tessitura dos versos.

Mas mesmo assim, o cacoete justifica-se em quem estava começando na arte poética, principalmente se comparada a outras obras como *A mulher ausente*, de Adalgisa Néri, editado em 1940. Compare-se, ainda que por simples curiosidade. Uma lástima!

Quanto à construção dos versos, geralmente em decassílabo ou heróico, ela jamais fez um dos chamados brancos, pelo que sabemos. Sempre gostou de rimá-los à maneira de seu tempo, não dispensando este recurso importante da metrficação clássica, que aprendia a manejar com os mestres na escola e com o progenitor em casa.

Porém, aos 15 e 16 anos, quando fez os trabalhos de *Coroa de lírios*, ela ainda não conhecia suficientemente esse e outros aspectos formais da arte poética. Uma coisa compreensível e natural. É o que depreendemos depois de ler e reler as suas composições. Vejamos por quê.

A rima — ensina o tradutor e poeta Geir Campos — chegou até nós vindo da palavra provençal rim, e parece nascida de *rhythmos* em grego. Ela "sempre teve e continua a ter adeptos mais ou menos apaixonados, sem que lhe aumentem ou diminuam o valor de elemento plástico e rítmico dispensável mas não desprezível". *

Possui as suas leis, como a da alternância, proibindo a aproximação constante de rimas da mesma acentuação (aguda, grave ou

*Pequeno Dicionário de Arte Poética, Cultrix, 1978.

esdrúxula) e a da não-asonância, que proíbe também a aproximação de rimas da mesma vogal tônica.

Além destes e de outros preceitos, tem recomendações dignas de consideração. Por exemplo:

- evitar a rima repetida (com a mesma palavra no mesmo sentido)
- evitar a rima entre verbos na mesma pessoa e tempo
- evitar a rima da mesma forma de derivação

E mais algumas.

Acontece que L. de J., por ser uma iniciante, embora de muito talento, não sabia dessas particularidades. Observemos alguns exemplos tirados dos seu opúsculo”:

a — “O meu caminho que era só de abrolhos,
de flores mil *juncaste*
e, com a luz sublime de teus olhos,
a senda *iluminaste*.”

(*Volúvel*)

b — “As avezinhas *voejam*,
espalham doce harmonia,
com belos trinos *festejam*
o lindo mês de Maria.”

(*Maio*)

c — “O colibri *volita*, *doudejante*;
do rio as águas *correm, mansamente*;
além, na serra, *vagarosamente*,
pálida lua surge *fulgurante*.”

(*Cromo*)

A despeito dessas e de outras falhas, a jovem escritora foi aplaudida pela sociedade letrada de Goiás, o que encheu de orgulho o prof. José Antônio de Jesus e sua esposa, com toda a razão. O valor intelectual da filha estava sendo reconhecido e ela se tornava ao mesmo tempo a primeira mulher da nossa indigente literatura a editar um livro. Com apenas 17 anos.

O fato auspicioso, além de encorajada mais uma vez pelos poetas Gastão de Deus e Augusto Rios, levou a autora e seu pai a testarem

órgãos da imprensa de várias cidades importantes do país. Remeteram-lhes exemplares do livrinho, solicitando deles uma opinião sobre *Coroa de lírios*. Gostariam de conhecer o pensamento da crítica nacional — diziam.

Durante 1907 e 1908, quando o deputado estadual e mestre-escola ainda não se tornara cego, ele recebeu na antiga Vila Boa dezenas de registros e artigos longos acerca dos versos da filha. E carinhosamente os foi colecionando um a um em grosso caderno escolar, de onde retiramos boa parte para ilustrar esta edição crítica.*

Em 1909 Gastão de Deus era diretor do jornal *O Paracatuense*, em Minas Gerais, e mantinha intenso intercâmbio com o Estado de Goiás quando publicava notícias e artigos assinados de moradores de Catalão, Morrinhos e outras cidades, porque aquele centro mineiro era uma verdadeira capital regional de ampla área do nosso território. Foi além o conhecido homem de letras: escolheu o prof. José Antônio de Jesus para correspondente da folha na cidade de Goiás e de vez em quando estampava em seu semanário composições de L. de J.. Sempre sonetos que seriam mais tarde aproveitados em *Orquídeas*, segundo livro de versos da poetisa, com exceção de *Tarde no campo*, de 28 de novembro de 1909, que não apareceu depois na obra de 1928:

Estendo a vista, distraidamente,
pela planura e meu olhar dorido
vai descansar no capinal florido,
iluminado pelo sol-poente.

A sombra envolve o matagal silente,
as rolas se despedem, num gemido,
enquanto o lírio branco** emurchecido
vai se imergir no seio da corrente.

Por toda parte uma saudade chora
e a natureza adormecendo, agora,
do crepúsculo à luz suave e baça

*Veja no adendo nº 2 a "Opinião da imprensa nacional".

**Voltam sempre os lírios. Veja as págs. 39, 42, 47, 55, 67 e 70, sem esquecer o título do próprio livro.

relembra um'alma triste que falece,
um coração cansado que padece,
toda a amargura desta vida lassa.

Vejamos o que aconteceu com a poesia abaixo, que inicialmente
fora publicada assim no *O Paracatuense* de 19 de dezembro de 1909:

No Calvário

"Vere Filius Dei erat iste"

Jesus expira; a fronte peregrina
cai sobre o peito exangue, e, nesse instante,
envolve o lindo céu da Palestina
uma sombra de luto, horripilante.

A terra treme; um vago horror domina
a natureza, apenas o semblante
do bom Jesus respira a paz divina
dos inocentes — paz dulcificante.

E enquanto a mãe sublime, imaculada,
numa atitude augusta e desolada,
fita o madeiro, pálida e serena,

chorando aflita, angustiadamente,
cai de joelhos lívida, tremente,
e beija a cruz a loira Madalena.

Ela sofreu mudanças posteriormente e foi reaproveitada em *Orquí-
deas*, aparecendo ali com a seguinte redação:

Jesus expira... a fronte peregrina
cai sobre o peito exangue e nesse instante,
envolve o azul do céu da Palestina
uma sombra de luto impressionante.

E treme a terra, um vago horror domina
a natureza, apenas o semblante
do Bom Jesus transpira a paz divina
das almas puras — paz dulcificante.

Ao pé da cruz, Maria angustiada,
numa atitude angélica, magoada,
fita o madeiro pálida e serena,

enquanto aflita amarguradamente
em pranto, de joelhos, cai tremente,
beijando a terra a loira Madalena.

Outra composição que saiu também no *O Paracatuense*, e depois iria sofrer alguma modificação, embora bem menor, foi *Luar de outubro*.*

No jornal estava assim:

Grata lembrança de meus dias idos,
belos, risonhos, ledos, decorridos
no seio perfumado do sertão.

O livro trouxe esta estrofe realmente melhorada:

Grata lembrança de meus dias idos,
claros dias da infância decorridos
no seio perfumado do sertão.**

Foi só, se não levarmos em conta pequenas alterações na pontuação: reticência, exclamação e vírgulas, acrescentadas ou retiradas.

Naquele mesmo ano de 1909, a nossa inspirada escritora, que tinha 20 anos de idade, já havia progredido na arte de versejar e, por se sentir segura e confiante, tomou a iniciativa de mandar um trabalho ao crítico mais conhecido e mais severo da época. Joaquim Osório Duque Estrada, o renomado autor do Hino Nacional, foi parcimonioso em suas palavras, mas enxergou na moça — como outros jornalistas — uma “lisonjeira promessa”.

Aqui está o que ele escreveu com a sua reconhecida competência:

**Orquideas*, pág. 34.

**Ela jamais se esqueceria da primeira infância passada em Jataí, um “seio perfumado do sertão.”

"Registro Literário

Da senhorita Leodegária de Jesus, talentosa poetisa natural de Goiás, onde reside, temos a satisfação de publicar o seguinte soneto, que, se não é um trabalho de grande valor, encerra, contudo, uma li-sonjeira promessa:

O cego¹

Triste, andrajoso, pálido, alquebrado,
sem pão, sem lar e sem amor, sozinho,
ei-lo trilhando (mísero ceguinho!)
a estrada escura que lhe aponta o fado.

Seu coração ferido, estrangulado,
ermo de luz, de sonhos, de carinho,
é um abismo profundo², o frio ninho,
do desgosto mais túrbido e pesado.

Para su'alma,³ diluída em pranto
não há conforto algum;⁴ e no entanto,
nem um queixume só nos lábios seus!⁵

Mas quanta angústia,⁶ quanta mágoa ingente
naquela amarga súplica dolente:
— Dai-me uma esmola por amor de Deus!⁷

Não é, como já dissemos, uma obra-prima o desprezioso soneto da jovem poetisa goiana; é, porém, uma promessa que não está longe de ser convertida em realidade."*

1. Apareceria depois em *Orquídeas*, pág. 59

2. Republicado deste modo: "é um profundo abismo o frio ninho,"

3. Tirou a vírgula em 1928.

4. Sem o ponto e vírgula no livro.

5. Tirou o ponto de exclamação ao republicá-lo.

6. Pós o ponto de exclamação no livro: "mas quanta angústia!"

7. Em *Orquídeas*: "Dai-me uma esmola por amor de Deus!"

**Correio da Manhã*, 16 de dezembro de 1909.

O respeitável crítico daquele tempo deixou várias obras de história, filologia, arte literária, etc. Era membro da A.B.L. e publicou entre outros importantes livros para a nossa cultura: *Arte de fazer versos* — 1912 e *Rimas ricas (dicionário completo)* 1915 — (Pati do Alferes, RJ, 1870 e Rio de Janeiro, 1927.)

Em meio às dificuldades da vida, que obrigaram a família a mudar-se tempo depois para Catalão, Araguari e finalmente Uberabinha, a professora e poetisa continuou a escrever versos e guardá-los. Em 1920, quando faleceu o pai na última cidade, L. de J. já possuía uma boa parte dos originais do segundo livro bem guardados na gaveta. Relia-os constantemente, enquanto lecionava e mantinha colaboração em diversos órgãos da imprensa, com o objetivo claro de publicá-los um dia, aproveitando aí antigas composições que vinha reunindo desde 1908/1909 em Goiás.

A velha capital do nosso estado tinha ficado para trás com os dois amigos e mestres incentivando-a tanto no início, além de suas companheiras inesquecíveis — um passado realmente feliz — e a personagem misteriosa que iria acompanhá-la até o fim da vida, chamada de “primeiro amor dos 15 anos”. Um nome que até hoje não se descobriu, e possivelmente criado pela fantasia e pelo grande desejo de ter uma paixão exaltada como as heroínas de romance, ou mesmo como algumas companheiras de estudo no Colégio Sant’Ana. Por isso, acreditamos, transformou um namorico da adolescência em motivo condutor para a sua obra literária.

Cada uma dessas figuras do passado ela fez questão de conservar na solidão inspiradora em que vivia. Pura vida interior, que levou um dia também Emily Brontë a conversar sistematicamente com o vento das charnecas de Yorkshire e criar histórias fantásticas. Mas, como lhe faltava o gênio da inglesa, fez poesias com as limitações próprias de um talento que não se desenvolvera devidamente, por razões muito simples: o ambiente intelectual da época em que viveu e o aconselhamento limitado de dois verzejadores sem brilho, os poetas Augusto Rios e Gastão de Deus. Eles não poderiam lhe oferecer mais do que o fizeram — eram bardos de vôos curtos — e em poucos anos a moça já teria ultrapassado os dois. Chegou mais longe, como podemos verificar através de seu segundo volume de poesias.*

*Ezra Pound já recomendava com sabedoria:

“Se alguém quiser saber alguma coisa sobre poesia, deve fazer uma das duas coisas ou ambas. É, *olhar* para ela ou *escutá-la*. E, quem sabe, até mesmo pensar sobre ela.

E se precisar de conselhos, deve dirigir-se a alguém que *entenda* alguma coisa a respeito dela.”

ABC da literatura. Cultrix, pág. 34.

L. de J. aconselhou-se como pôde, com talentos municipais que tinham pouco em verdade para lhe ensinar.

Talvez em razão de tudo isso, ela não reconheceu nem quis se adaptar aos novos tempos que bafejaram a literatura nacional a partir de 1922. Continuou a poetar como tinha aprendido e como ainda lhe parecia ser a melhor forma: seguindo o figurino clássico.*

Por consequência, ao pretender editar mais um volume 21 anos depois, deu em 1927 a coleção de trabalhos para ser apresentada por João Lélis Vieira, conhecido intelectual paulistano daquele tempo, que, além de ser colaborador do jornal *O Estado de S. Paulo*, era historiador, poeta e um ferrenho adversário da *Semana de Arte*. Ele não a aceitava, como muita gente aliás, naquele início distante. Os poemas-piadas de seus líderes, ao que parece, concorreram muito para isso.

O prefaciador escreveu então, entre outras coisas:

“Leodegária de Jesus está no número dos que não se afundaram na borrasca do modernismo tonto e anárquico, pretendendo reformar o que é inatingível nos seus fundamentos clássicos e imutáveis. A autora deste livro conserva toda a beleza das harmonias poéticas, alça os seus vãos de sonho para o azul das mais lindas concepções e diafaniza o verso com a espiritualidade do verdadeiro poeta.

Não é uma fazedora de frases nem de ritmos bárbaros. É uma deliciosa cantora que embala pela sonoridade da voz e faz sonhar pelo perfume da estrofe...”

Este pormenor “perfume da estrofe” lembra-nos que a escritora organizou *Orquídeas*, impresso pela “Admin. da Ave Maria” em São Paulo, com o carinho de jardineiro oriental. A sensibilidade e o misticismo das seções ou partes que compõem a obra recordam de algum modo a arte japonesa, produzindo poesia com singelos elementos da natureza. Em primeiro lugar a *ikebana* ou arranjo floral, onde L. de J. expõe toda a sua alma tímida em três dados simples e complementares, mostrando-nos uma bela imagem poética: *Folhas mortas*, *Ramo florido* e *Gotas de orvalho* (alijorando o conjunto, certamente). É um poemeto visual. Em segundo lugar, ela faz verdadeiro *haikai* por intuição criadora

*L. de J. entretanto não cometeu a tolice de retalhar composições antigas a fim de se apresentar como poetisa moderna, um erro que estigmatizaria Antônio Americano do Brasil no livro *Rosais do silêncio*, quando tomou o colombiano Vargas Vila como modelo. Modelo decadente.

de clima de arte: "*Folhas mortas, / ramo florido / gotas de orvalho*". Para ser perfeito deveria ter 5-7-5 sílabas, de acordo com os estudiosos, e não trazer rimas como toda a poesia japonesa.*

O segundo livro de L. de J. surgiu 22 anos após o aparecimento de *Coroa de lírios*. Uma obra mais cuidada e amadurecida de 108 págs., dando preferência também ao decassílabo como metro e ao soneto como tipo de composição em que a autora se realizava melhor.

Dividia-se em três partes que se completavam relativamente bem, tendo em vista os motivos dos trabalhos ou linha de inspiração sentimental, e o diapasão dos versos ali reunidos.

Folhas mortas, a primeira divisão, que parecia significar o passado ou "coisas idas e vividas", compunha-se de 10 poesias, e dentre elas 8 eram sonetos em versos heróicos com exceção do primeiro (A velha serra) que foi escrito em alexandrinos.

Ramo florido, a segunda seção, que nos sugeria um *renascer* ou *presente melhor*, estava formada por trabalhos dos quais 4 eram sonetos em decassílabos e 2 em versos alexandrinos ou dodecassílabos. Uma curiosidade digna de atenção: a preponderância de cromos no pequeno conjunto.

Gotas de orvalho, o terceiro bloco (simbolismo evidente que completava o arranjo floral) ** compreendia cerca da metade de *Orquídeas*, da pág. 47 à 108, com 50 composições poéticas. Ai nós podíamos contar: 33 sonetos com metro de dez sílabas, apenas 1 de onze e 4 de doze.

Na realização dessa obra que durou mais de duas décadas, em virtude de fatores adversos como a luta pela vida de mestre-escola pobre, a escritora usou — segundo a lição de T.S. Eliot — a 1ª e a 2ª voz da poesia. Falou consigo mesma em algumas ocasiões, e em outras dirigiu-se a alguém, algum ser real ou suposto.

Utilizou-se da primeira voz em: Ao partir, Longe, Ao coração, Alice, O cego, Estrelas, Adeus, Velhinhas, Amar, Doce mágoa, No horto, No pretório, Levando a cruz ("Oh! vos omnes... videte / si est dolor similis sicut dolor meus.") Cartas (estâncias de 10 e 6 sílabas), Tarde de agosto.

*Simple curiosidade, Guilherme de Almeida escreveu *haicais* introduzindo rimas no 1º e 3º verso. Exemplo: "Uma folha morta. / Um galho no céu grisalho. / Fecho a minha porta."

**No soneto "Mãe", que encerrava o opúsculo, a autora dizia: "A ti que é a melhor das mães, estas últimas *gotas de orvalho de minh'alma*." (Grifo nosso.)

A segunda voz apareceria em um número maior de trabalhos: Velha serra, Goiás, Supremo anelo, Suprema dor, Olhos castos, Meu desejo, Coragem!, Tela agreste (descrevendo-a para alguém), Aguarela, Manhã na roça, Luar de outubro, Primavera, Maio, Agosto, Belezas de maio, A meu pai, Esperança, No álbum de Andradina de Oliveira (intelectual gaúcha), Maria, No álbum de Odete, Feliz, À Neném, Bálsamo, Jardim fechado, Crianças, À mocidade, Criançinhas, Triolês, À Estrela (nos 10 anos de uma publicação de Aracati, Ceará), Não creio em ti, Infelizmente, A uma sombra, Ontem* e hoje, Ainda e sempre, Ao meu livro predileto, Recordando, Teus olhos, Ao meu país, Árvores I,II, Meu segredo, Tristeza, Dor (A Augusto Rios) com a epígrafe "Vivo por ti, em ti somente creio".

As fontes de inspiração ou temas principais das poesias eram as seguintes:

— *A família*: Longe, Meu desejo, A meu pai, Feliz (aos 8 anos de Neném — Maria Aurora), À Neném, Misteriosa (À alma inatingível de Maria Aurora) Requiesscat in pace, Mãe, Relíquia, Ao meu livro predileto.

Sem nos esquecermos de que *Orquídeas* foi oferecido ao prof. José Antônio de Jesus: "À santa memória de meu pai."

— *Ainda o seu amor secreto desde os 15 anos*: Suprema dor, Bálsamo, Adeus!, Não creio em ti, A uma sombra, Feliz (os 2 tercetos), Ontem e hoje, Ainda e sempre, Recordando, Teus olhos, Doce mágoa, Meu segredo, Cartas.**

— *A pátria ou seu torrão natal*: Goiás, Supremo anelo, Luar de outubro, Outubro, Ao meu país.

— *Cromos*: Tela agreste, Aguarela, Manhã na roça, Belezas de maio, Agosto, Outubro, Primavera, Abril, Maio, Tarde de agosto.

*Pequena curiosidade da literatura goiana: quando Leo Lynce publicou também em 1928 o seu livro de versos intitulado *Ontem*, Ricardo Paranhos, que era partidário da ortografia errônea com H (*Hontem*), escreveu uma poesia criticando o irmão de ofício, e ali concluiu: "... Se hontem não tiver "H", minha vó é bonde elétrico." Uma gíria da época.

Leo Lynce, como sabemos, estava certo. *Ontem* vem de *ad noctem*. Não existe "H" na sua origem.

**Ela falava aí de verdadeiras "Cartinhas" ou de sonhos do seu imaginário amor, conversando com o "vento das chameças" à maneira de Emily Brontë?

Ao que parece a poetisa apenas imaginava essa paixão impossível e distante, que ficara nos seus 15 anos. Contava então 38 primaveras.

— *Versos de fundo religioso*: Maria, Regina Coeli, Jardim fechado, O cego, Santa Teresinha, Natal, No horto, No pretório, Levando a cruz, No calvário.

— *Versos de circunstância*: Coragem (no álbum de um triste), No álbum de Andradina de Oliveira, No álbum de Odete, Triolés, A Estrela, Mais um ano, Soneto (a um desiludido).

Apesar dos 22 anos, com já frisamos, que existem entre a publicação do *Coroa de lírios* (1906) e o aparecimento de *Orquídeas* (1928), encontramos neste último várias passagens em que o lírio está presente também como verdadeira imagem recorrente da menina dos primeiros anos deste século. Significava muito para o seu espírito e a sua sensibilidade, como símbolo e expressão da pureza — um ensinamento da igreja católica — mesmo depois de tanto tempo já decorrido.

Vejamos:

I — Nessas horas de mágoa, ao fim do dia,
quando o vento perpassa na deveza,
a suspirar estranha salmodia
e o lírio *inclina*, ao pé da correnteza;
Longe, pág. 23.

II — No lago estendes nenúfares novos,
soltas no espaço inéditas falenas,
e até o dorso das montanhas rudes
cobres de lírios, enches de açucenas.
Primavera, pág. 36.

III — Pela paisagem azul-celeste,
clara e serena,
andam perfumes de *lírio agreste*
e de açucena.
Belezas de maio, pág.40.

IV — Tão doce como o perfume
do *lírio azul* da campina,
teu nome santo resume
a candidez da bonina.
Regina Coeli, pág. 51.

V — Gosto de ver-vos assim travessas,
botões de lírios, ó criancinhas!
Vossos sorrisos tão cristalinos
do paraíso traduzem hinos,
ó avezinhas!

Criancinhas, pág. 65.

Outro fato prontamente notado, quando se lê *Orquídeas*, é a presença constante do misterioso amor da adolescência. Ele é o núcleo central da urdidura de vários poemas, confessando a poetisa em certas passagens que aquele motivo de dor e sofrimento também representava para ela “um tesouro”, talvez a fonte principal de sua inspiração romântica, concluímos nós.

Observemos os tercetos de *Doce mágoa*:

Quer faça tempestade ou haja calma,
passa aqui, nos desertos de minh'alma,
como um raio de sol bem claro e louro.

E embora me encha de amargura,
eu vivo dessa dor que me tortura,
que foi sempre também o meu tesouro.

Ou estes versos de *Meu segredo* às págs. 95:

Não m'o pergunte não ... este segredo
que me perfuma e me ilumina a vida
essa história tão simples, tão querida,
não posso divulgá-la; tenho medo.

.....
Por Deus não m'o pergunte mais, senhora,
porque este nome que minh'alma adora,
o meu segredo... eu não direi jamais!

E morreu com ele, infelizmente, deixando um enigma para os estudiosos e pesquisadores da nossa incipiente literatura do Centro-Oeste, que no desejo de decifrá-lo chegamos a pensar até em simples masoquismo de um espírito sonhador. Acreditava tanto naquela paixão feita

de pureza e renúncia, que ela passou a existir de fato em seu fazer poético e em seu coração. Deu vida ao barro do sonho.

Esta era a poetisa L. de J. como nós a entendemos através de sua pequena produção literária. Se vai permanecer só o tempo dirá, não depende da opinião pessoal deste ou daquele escriba cheio de teoria e ensinamentos.

Contudo, convém não nos esquecermos de que a poesia — como vocação da humanidade para o belo — vem atravessando séculos, e até nós chegaram trabalhos de figuras imortais, nascidas em terras e culturas as mais diversas, graças à mensagem e à beleza de suas criações.

Não importa se poetaram em versos de base morfológica na duração ou quantidade das sílabas, ou no número dessas sílabas. Nem tampouco se aparecem nos dias atuais como clássicos ou modernos para nós. Interessa saber o que tinham a dizer e como o fizeram. Com bom gosto e arte capazes de nos emocionar, ou de maneira a mais prosaica e insípida? O resto é evolução da expressão formal do verso, que não se confunde com a inspiração dos verdadeiros poetas.* São coisas diferentes.

Por isso, acreditamos, e queremos frisar ao leitor eventual, que só há dois tipos de composição poética no mundo. A má poesia e a boa poesia. Independentemente de escolas ou correntes, tendências ou modismos, tempo ou espaço.

E para concluir, podemos afirmar: de tudo que a autora de *Coroa de lírios* e *Orquídeas* escreveu, o que for realmente bom o nosso povo guardará, a despeito de todas as críticas em contrário que possam existir.

É o mistério da criação artística. Está acima das opiniões pessoais e passageiras dos contemporâneos.

*"No princípio era o verso (é o que nos ensina Geir Campos, já citado) — poder-se-ia escrever, começando alguma história geral das literaturas, e para falar tão-só das origens da poesia tem cabimento o testemunho de Zambadi: "Assim como a gente canta e baila caminhando, assim a poesia era cantada em seus primórdios e devia acompanhar o ritmo da música." "Tal asserção permite considerar, sem náusea, a divergência dos padrões poéticos de uma época para outra e de um lugar para outro, observando que mesmo a música dos povos árabes, hindus, chineses e japoneses, por exemplo, pouco tem de semelhante à nossa."

ADENDO Nº 2

Recortes de jornal.

Opinião da imprensa nacional*

1 — *Jornal do Comércio* — Manaus, 17/1/1 907 — Diretor dr. Vicente Reis.

Foi gentil e atencioso com a jovem goiana, sem entrar na análise dos seus versos. Ressaltou de início a pouca idade da autora, identificando-a com a paisagem de nossa terra, para afirmar em seguida:

“São versos singelos, sem arrebiques, sem pretensões, cheios de fragrância virgem, e parecendo feitos em uma dessas moradas do sul, debruçadas sobre o sertão encantador”.

“E do princípio ao fim do livro enche os seus versos de doce música e de sentimento, com umas leves reminiscências de Casimiro de Abreu.”

Escolheu *Símile* como a poesia digna de representar a coleção de versos da menina-moça.

2 — *O Norte*, de Barra da Corda, no Maranhão, dia 25 de junho de 1908.

Transcreveu pequeno trecho do prefácio de Felício Buarque, que via em L. de J. uma auspiciosa promessa como poetisa em formação, e não publicou nem um dos seus trabalhos.

“E nós, a quem falta competência para dar opinião acerca de um gênero de literatura...”

Ponto final.

3 — *Gazeta de Picos* — Maranhão — 11/7/1 908.

O redator foi prolixo em seu registro mas amável com a mocinha de Goiás, que se lançava no mundo das letras. E para se desincumbir da tarefa de apreciar o opúsculo — talvez por não se sentir capaz — pediu a um dos colaboradores da folha que o fizesse.

* De um caderno de notas organizado pelo pai da escritora.

A opinião do outro, além de muito longa, era refofuda e cheia de citações nem sempre pertinentes, dando-nos a impressão clara de alguém que queria escrever um trabalho de filosofia ou estética acerca de versos primários e ingênuos como os da lira popular.

Um desastre completo. Ininteligível e tolo.

Por fim escolheu a poesia *Setembro*, como digna de destaque para os prováveis leitores.

4 — *Correio do Recife* — 21/4/ 1908.

Carneiro Vilela, responsável pela seção *Maravalhas**, escreveu uma longa apreciação a respeito de *Coroa de lírios*.

Começou perguntando ao leitor: "Quem é, entre nós, que faz uma idéia exata de Goiás, desse canto do Brasil, perdido não se sabe onde, e do qual apenas se tem uma vaga noção, tão vaga como uma reminiscência de infância, semelhante à que se tem das histórias fantásticas de fadas e de bruxedos, de encantamentos de príncipes e princesas, com as quais nos embalava a nossa ama, ao cair da noite?"

Depois acrescentou: "Pois foi dessa Goiás desconhecida, que se nos afigura, pela distância, mas não pela esterilidade, uma espécie de Saara e que nos aparece mergulhada no mistério que soe cercar as coisas desconhecidas, que nos chegou, ontem, risonho como um raio de sol que atravessa a brecha de uma nuvem negra de inverno, um belo livrinho de versos — e o que é notável! — de bons versos, banhados todos de luz e de olores, dessa luz e desses olores naturais e simples que saem das almas simples, cândidas, angélicas, que, espontaneamente, patenteiam os seus tesouros".

Neste estilo derramado e cheio de adjetivos altissonantes, o jornalista prosseguiu sem analisar uma só poesia da adolescente que estreava na vida literária por meio do seu modesto livrinho de versos. Com o objetivo certamente de entreter o público através de uma crônica sobre algo estranho e inesperado, que acabava de chegar do outro lado do mundo: do Estado de Goiás.

**Maravalhas* — ramos miúdos, gravetos, etc. Sentido figurado: insignificância, ninharia, bagatela.

De qualquer forma — esquecidos os períodos imensos e cansativos — foi simpático com a jovem, e concluiu o comentário vago, sem analisar os versos enviados ao jornal, de maneira muito civilizada:

“À ilustre poetisa que nos veio revelar a existência de Goiás, sob um aspecto, até agora, desconhecido, só nos resta, felicitando-a pela sua auspiciosa estréia no mundo das letras, agradecer o seu valioso presente, desejando-lhe que a *Coroa de lírios* sucedam-se outras, entre as quais uma bellissima grinalda de flores de laranjeiras”.

Esta parte final do augúrio resolveria, por certo, seu manifesto complexo feminino de Édipo, o que infelizmente não aconteceu nunca. Ela iria morrer solteira beirando os 90 anos de idade, como nós sabemos hoje.

5 — *Correio de Aracaju*, Sergipe, 16/1/1.908.

O jornal agradeceu a remessa do pequeno volume, saudou “no céu literário da Pátria o aparecimento da nova estrela”, mas não se aventurou a analisar as poesias.

Contudo, depois de informar que havia lido os trabalhos, o redator deu conselhos oportunos à escritora:

“Lemos os versos um por um da *Coroa de lírios* e neles encontramos a promessa de um espírito que rompe a crisálida, ensaiando vãos que bem podem se transformar em ascensões luminosas.

Estude a nossa gentil patricia e continue a fazer como tem feito, tão belo uso de seu tempo e de seus dotes, e nós auguramos dias festivos ao seu futuro literário e ao seu nome”.

Como cavalheiro polido, respeitou a iniciativa da menina-moça e a estimulou a estudar e prosseguir poetando.

6 — *A razão* — Estância, Sergipe, 12/1/1.908.

Agradeceu o “livretozinho” de “lindo formato”, com versos “agradáveis, promitentes e repassados de certa mágoa”.

Elogiou o prefácio criterioso do dr. Felício Buarque, cujos temas subscrevia, para concluir assim:

“A poetisa que continue, pois é jovem, cismadora e inspirada e pode vir a fazer muito no inesejado campo das musas!”

Não fez nenhuma crítica do livro.

7 — *A Lanterna* — Bahia*, dezembro de 1.908.

É um simples registro, como outros, sem opinião crítica. Mas o jornal se mostrou atencioso e simpático para com a moça de Goiás. Dizia:

“São poesias de uma estreadante, cujo estro se revela a cada passo, e que, com o andar dos tempos e com a leitura de bons poetas, poderá poli-las e aperfeiçoá-las ainda mais.

Há no livro da distinta poetisa poesias que, além de falarem à imaginação e ao coração, estão bem metrificadas e revelam uma boa alma de artista.”

Acreditavam no talento da jovem autora: “... Leodegária de Jesus promete muito, desde que se enfronhe nos bons e excelentes zeladores da palavra poética,” como afirmou o sr. Felício Buarque, autor do generoso prefácio.

8 — *A Paz* — St^o. Amaro (Bahia), 7/11/1.908.

Anísio Viana, um poeta, escreveu nesse jornal algumas linhas para saudar a escritora e dar a sua opinião sobre o pequeno livro. Vale a pena transcrevê-la.

“Coroa de lírios

Assim se intitula um pequenino livro de versos líricos, contendo, apenas, trinta poesias, da lavra da Senhora Leodegária de Jesus, natural de Goiás. É um livro de estréia e, conseqüentemente, desculpáveis os seus senões. E não se pode exigir mais de uma menina de 17 anos.

Leodegária de Jesus, com algum esforço, muito estudo e pertinácia, poderá em pouco tempo, competir com as três mais notáveis poetisas brasileiras: Narcisca Amália, Elvira Gama e Áurea Pires.

Narcisca Amália cremos que já tem a sonora lira despedaçada pela mão esquelética e traidora da morte ou pelas desilusões e desesperanças, que trazem os cabelos prateados. Elvira Gama é uma poetisa provecta. Tem sonetos admiráveis. Áurea Pires é uma poetisa adorável. É tão formosa quanto poetisa.

Os melhores trabalhos do bem impresso livro de Leodegária de

*Quando se fala Bahia na terra de Castro Alves, entende-se Salvador. É como eles se referem à capital do Estado.

Jesus são *Ósculo Materno, Meus Amores, À minha mãe, Suspiros, Mutaçãõ e Quadro*.

O seu distinto prefaciador andou perfeitamente, animado-a. Foi criterioso.

Leodegária tem inteligência e gosto. Continue. Do casulo é que nasce a borboleta.

Quem escreve estas linhas é um velho poeta, que anda aos beijos com a Musa há mais de quarenta anos. Consinta V. Ex., Leodegária, que lhe beijemos as mãos, em nome d'*A Paz*, pela preciosa oferta da sua *Coroa de Lírios*, lírios alvos, lírios puros, lírios perfumosos, colhidos na (ilegível) de sua alma de criança. À velhice é tudo permitido".

9 — *Comércio do Espírito Santo*, Vitória, 31 de outubro de 1.907.

O jornal se excusou por não caber nos limites da notícia um estudo crítico das poesias de Leodegária de Jesus, mas resolveu dedicar uma "ligeira apreciação" a respeito do seu trabalho.

Depois da leitura, constatando que a obra "revela uma vocação poética, a que não faltam o sentimento nem a inspiração," o redator resumiu nestes períodos a sua opinião:

"Muito jovem ainda, a esperançosa literata não pôde conter o seu prurido de edicionismo* tirando à publicidade, enfeixadas em um livrinho muito bem impresso, com páginas molduradas de iluminuras, as suas primeiras produções, que simples — como são os primeiros produtos do cérebro humano — são entretanto valioso atestado do seu talento poético, que facilmente se desenvolverá.

Volúvel, Suspiros, Divagando, Mater, Saudade, são produções que revelam uma alma de artista que sabe sentir e transmitir o sentimento.

A poesia — a verdadeira poesia — passa pelas páginas da *Coroa de lírios* deixando um perfume brando de fanadas pétalas de rosas, e ecoando, às vezes, como os gemidos de um peito que sofreu".

*Presume-se que não deveria ter publicado os versos tão apressadamente. Que aguardasse mais tempo para amadurecê-los e aprimorá-los. Seria melhor.

10 — *Estado do Espírito Santo* — Vitória, 24 de abril de 1.908.

Goiás naquele tempo parecia ficar bem mais longe dos centros civilizados — todos na orla marítima — e por isso era uma surpresa muito grande saber que aqui alguém escrevia versos. Especialmente aos 15 e 16 anos de idade.

É o que se depreende do registro atencioso dessa folha.

“A talentosa jovem goiana Leodegária de Jesus, lá de tão longe, daquela formosa terra do seu nascimento, nos enviou um exemplar da *Coroa de lírios*, uma coleção de suas primícias poéticas.”

Depois de elogiar o aspecto gráfico do opúsculo, “trazendo estampada a fotogravura da esperançosa poetisa”, deu a sua opinião sem entrar na análise dos versos:

“Há produções admiráveis, repassadas de ternura, que desabrocham cheias de inspiração, revelando a decidida vocação poética da jovem Leodegária, de quem não se pode exigir uma obra-prima, porque ainda é uma estreante.”

Não destacou nem uma poesia entre as 30 produções, nem tampouco foi objetivo a ponto de enumerar técnicas da menina sonhadora e romântica, que já fazia sonetos aos 14 anos. Contudo, mostrou-se gentilíssimo com a “talentosa autora” em quem via uma verdadeira vocação para a arte poética. Estimulou-a a continuar escrevendo.

11 — *País* — 18 de maio de 1.907, Rio de Janeiro.

O jornalista, que não assinou a matéria, realmente leu o “volumezinho de versos” que tinha sobre a mesa.

Notou em primeiro lugar que a poetisa era uma criança ainda. Pelo seu retrato no frontispício. Pelo prefácio de Felício Buarque. E ainda pela declaração da autora, que se dizia na “alvorada da vida”.

A seguir fez uma observação muito acertada: “A *Coroa de lírios*, que devera antes ser de goivos,* ressuma, em quase todas as suas páginas, desalento e tristeza”. E para confirmar citou vários exemplos que tinha respigado nas páginas do livrinho:

a) “Para começar, a menina declara, numa advertência “aos patrícios” que aos 15 anos “sentiu arder no coração infantil

*Flor que etimologicamente significa “prazer, gozo” (gaudium).

a primeira centelha do amor””, e acrescenta: ““Mas, aí!... a fatalidade destruiu, de um só golpe, os belos ideais e os róseos castelos que edifiquei””.

- O articulista não acreditou na sinceridade de suas palavras, e sugeriu: “É o caso de se lhe dizer, como a Morgadinha*: Sabes lá o que é o amor, criança? Lago que a brisa encrespa e já se julga oceano!”
- b) Logo depois, reproduziu o último verso de *Símile*: “Viver é triste! Como é doce a morte!” que foi transformada em modinha popularíssima em Goiás.

Não podia aceitar tanta decepção no limiar da vida, e continuava a dar outros exemplos, muitos exemplos de inexplicável desencanto, que — em verdade — podiam ser comparados à “tristeza sem causa” dos românticos do século passado: pág. 32, 34, 40, 46, 52, 59, (aí está inteiro o soneto *Triste viver*), 62,66.

No entender do jornalista, suas mágoas não eram, não podiam ser sinceras, porque em *Estâncias* da pág. 37 e 38 ela falava de uns olhos tristes que a consolam: “Duma tristeza infinda de sol posto...” E é mais significativo ainda para ele o soneto *Supremo gozo*, que transcreve na íntegra.

Coerente com o seu pensamento crítico, fez uma sugestão à menina versejadora: “Leodegária de Jesus, se quer aproveitar a sua vocação literária e ganhar diploma de poetisa, deixe-se de metrificar sentimento de fantasias, impróprios da sua idade, e reflita nestas palavras do seu prefaciador que, embora não o diga, deve ter a mesma opinião que eu: “São condições para a existência da arte: a natureza, como repositório inestimável do belo, e o artista, como elemento de transmissão das sucessivas e variadas impressões refletidas em seu espírito...”

E concluiu:

“A autora de *Coroa de lírios* tem sentimento poético: trate de adquirir o resto, e certamente o conseguirá, porque habilidade não lhe falta.”

Enfim, estudar era precioso...

*Personagem famosa do escritor português Júlio Dinis do romance “A morgadinha dos canaviais”. (Joaquim Guilherme Gomes Coelho — 1839 - 1871).

12— M. Monteiro, do Rio de Janeiro, 21 de junho de 1908 (não traz o nome do jornal).

Citava de início a pouca idade da poetisa goiana, "quase menina", e elogiava o prefácio do dr. Felício Buarque, para expender o seu primeiro juízo a respeito de *Coroa de lírios*:

"É um belo presente o deste ramalhete, despreziosamente formado de flores, modestas, singelas, mas verdadeiramente nascidas da alma, de uma alma triste, e como que precocemente despojada das alegres esperanças e das ilusões, que são o apanágio inapreciável da idade juvenil."

E combinava habilidosa e curioamente o 1º e 2º verso da primeira quadra do soneto *Triste viver* com o 7º e 8º da segunda quadra, o que formava sentido completo para qualquer leitor:

"Não sei por que, da vida n'alvorada,
fugiu-me tão depressa a doce crença,

.....
sozinha, vai minh'alma, desvairada,
boiando à flor dos mares da descrença."

O que ele pensava das composições:

"São versos singelos, de uma metrificacão quase popular, sem complicados artificios de expressão e de factura: é a límpida e antiga corrente do poeta sertanejo, lembrando às vezes, as modinhas sentimentais e as sentidas cantigas do povo."

Transcreveu a seguir a 1ª e 3ª estâncias de *Cismando*, cujas qualidades elogia (Que doçura, que suavidade nas seguintes quadras...) ressaltando a obsessão da autora por uma lembrança que "a cada instante surge lançando a sua sombra sobre os aspectos mais variados da natureza".

Para ele, os melhores trabalhos do volume eram:

Inverno, Aspiraço, Meus amores, Mutacão, À Maria Aurora, que aparecia transcrito.

Contudo fez duas restrições:

- a) — *Maior* deveria permanecer inédita, além de mais duas ou três páginas bem fracas;
- b) — O primeiro verso do livro é um lapso: "Desponta a aurora; a estrela vespertina..."

Apesar desses e de outros senões, achava o crítico — sempre

equilibrado e criterioso — que o primeiro livro de Leodegária continha mais do que uma promessa, “é a realização, ainda que parcial, de uma decidida vocação para a arte.”

Acabou por transcrever o soneto *À Maria Aurora* por serem “versos empregnados de um tão puro e delicado sentimento”, fazendo coro à opinião de outros jornalistas.

De nossa parte poderíamos subscrever, tranqüilamente, todas as suas palavras ainda hoje. São sensatas e sem nenhum exagero de apreciação. Como deve ser.

13 — *O Progresso* — Rocha (Rio de Janeiro), outubro de 1.907.

O jornalista agradece a gentileza da oferta de Leodegária de Jesus e promete dar as suas impressões no próximo número de sua folha.

Contudo, diz alguma coisa em breve registro, iniciando por elogiar o prefácio de Felício Buarque, que “após sinceras considerações e salutares conselhos “ termina o seu estudo declarando que *Coroa de lírios* encerra um trabalho muito digno de animação. Concorda com as suas palavras.

Para o articulista as melhores poesias do pequeno volume de 74 páginas são : *Simile*, *Mater*, *Estâncias*, *Suspiros* e *Último adeus*.

Transcreve por fim as duas quadras de *Simile*.

14 — *A Cruzada*, Niterói — fevereiro de 1.908.

Vai direto ao assunto:

“Já conhecíamos, pelo que dele tem dito a crítica ora razoável e coerente, ora descortês e agressiva, o livro da jovem poetisa goiana.”

Diz em seguida que não encontrou nenhuma novidade através das suas 74 págs. “Primorosamente impressas”. Mas logo ressalva a ironia: “Será isso motivo para negar-se talento à poetisa de *Coroa de lírios*?” Acha que não. Seria o mesmo que negá-lo às “fulgurantes mentalidades de Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correa e outros notáveis da poesia brasileira, porque nenhuma novidade também se encontra em seus livros”*.

*Diz o grande Ezra Pound: “Literatura é novidade que permanece novidade”. A comparação do articulista quer significar porém que o estudo e a técnica superam a falta de novidade.

Para ele, falta a Leodegária de Jesus “o apuro da forma e da expressão”, que naqueles poetas constitui a revelação artística e o renome, ligando a essa “moderna corrente literária” que todos conhecemos e cuja formação, longe de ser novidade, é a consequência natural da evolução gradativa da inteligência e do raciocínio retemperados no estudo.”

Mais um que aconselha a menina a perseverar através do trabalho, porque tem as qualidades fundamentais:

“A fascinante e ambicionada ascensão decorre pois do talento e do esforço.

A autora de *Coroa de lírios* possui esses requisitos. E, conquanto revele, em algumas das suas produções, deslizos de linguagem e irreflexão na construção do enjambement,* demonstra, em outras, a influência positiva de sua vocação poética.”

Elogia o prefácio de Felício Buarque: “com o brilhantismo e a convicção de um profundo conhecedor da arte”, que estuda sinceramente e criteriosamente a organização intelectual de Leodegária de Jesus, através de seus versos. Por isso, subcreve o trecho em que o apresentador afirma: “Há pois, uma certa falta de equivalência entre o pensamento e a forma para corresponder ao ideal artístico objetivo que poderá ser conseguido com um pouco de trabalho e de tempo”. Isto equivale para o jornalista a uma profecia e a um estímulo.

Por fim destaca as composições: *Paisagem, Inverno, Contraste e Aspiração* e faz votos para que *Coroa de lírios* com a qual ela se apresenta em público seja a mensageira de uma coroa de louros que o futuro lhe reserva como glorificação do talento.

Um registro muito honroso.

15 — *Diário Português* — Rio de Janeiro, 22/3/1.909.

Saudou o “livrinho de formosos e inspirados versos” da jovem de 15 anos (tinha 17), considerando-a já uma risonha promessa para o engrandecimento das letras brasileiras.

Registrou o nome do prefaciador e parou por aí. Mais não disse.

*Também conhecido em português como “cavalgamento”. Segundo Geir Campos (*Pequeno Dicionário de Arte Poética*). “Fenômeno que se verifica quando o sentido de uma frase é interrompido no final de um verso e vai completar-se no outro”. Embora criticado, possibilita bons recursos formais e tem sido muito usado pelos poetas modernos.

Este recorte de jornal — que parece ser de S. Paulo — não trouxe o nome da folha nem o do crítico que redigiu a nota.

O texto é quase todo desfavorável a *Coroa de lírios* e embora pensando ser justo, com expressões às vezes duras e contundentes, a começar pelo autor do prefácio (raça maldita, a dos prefaciadores!).

Vamos ver alguns pontos da sua apreciação.

1º — Depois de localizá-la, corretamente, na terra em que Leopoldo de Bulhões “começou a estudar finanças e outras habilidades”, o que nos parece de sentido dúbio quanto ao notável Ministro da Fazenda, o êmulo de Agripino Grieco fez uma observação:

“Não teve a sra. Leodegária de Jesus, como é bem de ver, quem lhe guiasse os passos, nem dirigisse a vocação e o engenho, ambos voltados para o cultivo da poesia: daí as muitas incorreções e incertezas que se notam ainda nos seus versos, etc.”

Ele se esqueceu de que estava lendo poesias compostas por uma menina aos 15 anos, o que por si só já era motivo de aplauso e encorajamento. Mesmo com as falhas que realmente ela apresentava.

Em razão de tudo que apontou, achava que o melhor seria terem adiado a publicação desses versos, quando a autora manifestasse a plena maturidade do espírito. Isso dispensaria a praxe descabida de se pedir a benevolência da crítica para com uma principiante.

Para ele, trabalhos de iniciantes são como exercícios escolares, que mesmo revelando pendor para o estudo não devem ser publicados.

2º — Mais à frente, descobre nas páginas do livrinho de estréia um “acentuado perfume de sentimento que sempre transpira do coração feminino”, mas... “é quase completa a ausência dos predicados artísticos”, e sem eles a poesia recua cinqüenta anos para a época do “odioso romantismo choramingas e descabelado, que já não impressiona mais a alma moderna, nem satisfaz o gosto da nossa época”.

O seu tempo estava agora voltado para os efeitos do ritmo, o apuro do estilo e as combinações imprevistas da forma, o que resultaria na limpidez do verso e na pureza cristalina da expressão.

Era um modernista convicto e esclarecido. Sabia o que estava dizendo e por isso citou Vicente de Carvalho como seu modelo de poeta.

3º — Quanto a *Coroa de lírios*, achava longo enumerar os seus defeitos, inovações e impropriedades. Para resumir: era um livro fraco. Contudo, confiava que orientada por outro caminho, e com mais apuro da linguagem, “não será difícil a poetisa goiana produzir obra de maior realce e mais merecimento”.

No que diz respeito à preferência da garota por soneto — e a melhor parte da obra é justamente em soneto — permite-se aconselhá-la a cultivar o gênero com mais sobriedade. Ele requer, pelas suas múltiplas dificuldades “a mão adestrada e firme de um verdadeiro poeta”. Conclui.

Infelizmente perdeu-se o nome desse crítico competente e sincero, embora nem sempre agradável para nossa delicada poetisa. Ele queria, realmente, ajudá-la.

A seção onde apareceu esta análise tem o mesmo título de *Registro literário*, mantido por Osório Duque Estrada no *Correio da Manhã*. Como aparece dias depois da primeira nota, tudo faz crer que é do mesmo poeta. Saiu em 1.909 e é uma crítica mais minuciosa de *Coroa de lírios*.

16 — *O Estado de São Paulo* — 15 de março de 1.907.

O articulista, que demonstra real competência, começa por criticar a plethora de livros de versos que circulam por aí. De modo especial devido à ânsia de nomeada, ânsia que leva ao insucesso de modo geral.

Segundo ele, os “senhores poetas” parecem certos de uma coisa: o verso é questão de simples habilidade ou destreza de ouvido. Medem as sílabas com rigor aritmético, fazem criar as rimas com alguma uniformidade, e com isto acham que cumpriram o seu dever. Aí, enchidas muitas tiras de papel, põem na primeira delas um nome “regularmente doce”, e tratam alguma tipografia para editar o livro.

Devem compenetrar-se de que fazer versos não é coisa fútil e cansada, encontradiça em modinhas e lundus de cinquenta anos atrás. E sentencia: “... o poeta de hoje, para ser lido sem

bocejos e com atenção mediana, quando não com amor e entusiasmo, quer ser mestre da palavra escrita, senhor da metrificação e dono absoluto da rima."

Mais adiante, comenta de modo definitivo: "A beleza da estrofe está justamente em dizer, com frases arquetetadas a primor e que parecem caídos do desdém, as vulgaridades dos quatrocentos mil anos, que, segundo um arqueólogo audaz, tem o nosso planeta de existência no universo..."

Só aí entra a falar de dois autores. Primeiro o sr. Quintino de Macedo, preocupado em fazer o maior número possível de sonetos e quadras, com uma particularidade: "é amigo das maiúsculas e dos pontos de interrogação, como se tudo na vida se lhe afigurasse grande, mas inexplicado".

E por último, dedica algumas linhas surpreendentemente compreensivas e simpáticas a nossa poetisa: "D. Leodegária entretanto, cheia de amor à sua terra goiana, ofereceu o livro à mesma terra e aos pais; merecia e merece, que algum espírito esclarecido de verdadeiro poeta a guie e doutrine, para aproveitar a bondade e a fineza de suas impressões e a meiguice de seus sentimentos, que é rica de delicadezas."

Infelizmente — concluimos nós — ela não encontrou esse verdadeiro poeta a fim de orientá-la. Foi assistida e estimulada desde o início por dois professores que faziam versos, é verdade, mas nunca chegaram a ser reconhecidos mesmo em nosso meio como grandes e altas vozes da poesia. Augusto Ferreira Rios e Gastão de Deus Vitor Rodrigues.

17 — *A cidade de São Paulo* — 23/3/1.907.

Reproduz nos primeiros capítulos quase todo o prefácio de Felício Buarque, sem comentá-lo, e a seguir transcreve também a singela apresentação da autora, sem fazer qualquer observação de ordem crítica.

Com isto o jornalista julgou estar cumprida a sua missão, e para enriquecê-la inseriu no registro o soneto *Ninho vazio*, fazendo — agora sim — uma pequena observação com palavras próprias: "... quem burila tão belo soneto tem estro poético e inesgotável veia de inspiração."

Um texto muito vago, que não nos convenceu de coisa alguma, e que termina em tom profético:

“Tudo leva a crer que a longínqua e linda terra, onde assenta, à rua das Violas nº 9, a sua residência a senhorita Leodegária, escreverá em breve o nome de sua gentil filha no livro de ouro de suas glórias literárias”.

Neste ponto o repórter acertou plenamente, o futuro chegou para confirmar a sua previsão.

18 — Alguns jornais do interior do país, como *O Alpha* de Rio Claro (18/5/1.907), *Diário de Batatais* (5/10/1.907), *O Comércio* de Rio Claro (5/11/1.908.), além de outros, simplesmente registraram o recebimento de *Coroa de lírios* e agradeceram o gesto delicado da escritora. Ao que parece, não se sentiram em condições de julgá-lo ou não quiseram fazê-lo.

19 — *A cidade* — Ribeirão Preto (SP), 29 de janeiro de 1.907.

O comentarista começa bem, mostrando ao leitor o que pensa da arte poética:

“Digam o que disserem os entendidos em crítica literária, não há verdadeiramente obra de arte onde não se encontre o sentimento, onde não palpite a emoção. Na poesia, então, é que a ausência de sentimento é imperdoável.

Sentimento e poesia são palavras sinônimas. O parnasianismo seco e frio tem razão de ser como uma reação aos exageros do romantismo descabelado e ridículo; como verdade absoluta não.”

Em razão deste pensamento, ele se diz recompensado sempre que depara com uma emoção verdadeira e sincera. De modo especial, se não encontra no texto “imperdoáveis descuidos de forma, reveladores de um desleixo criminoso”, como acha comum principalmente nos poetas românticos, como Casimiro de Abreu, Varela, Álvares de Azevedo, etc. Aí a sua impressão (ele diz “que em nós se produz”) só pode ser excelente.

Não foi o que aconteceu com *Coroa de lírios*. Ele declara sinceramente ter encontrado no pequeno livro de Leodegária de Jesus algumas incorreções de forma — uma verdade — e um ou outro defeito de fundo mesmo, como ocorre com o 1º verso da primeira poesia: “Desponta a aurora; a estrela vespertina”. Não, não “a estrela matutina” seria o certo. Um lamentável cochilo da jovem poetisa, não há dúvida.

Fatos como estes neutralizam o efeito de bons versos que se encontra e não raramente, em *Coroa de lírios*. Mas, tudo isto é desculpável, no seu entendimento, por se tratar de uma senhorita "com dezessete primaveras carregadas de ilusões". Daí ele poder firmar um juízo sobre a nossa autora:

"D. Leodegária conquistou com galhardia um lugar de honra entre as nossas melhores poetisas. Francisca Júlia, Júlia Cortines, Adelina Lopes Vieira, Áurea Pires, Zalina Rolim, Presciliana de Almeida, Edvirges de Sá Pereira, todo o nosso parnaso feminino, pode tê-la ao lado, pode se ombrear com ela sem desdoiro."

Para justificar o que dizia, transcreve os dois tercetos de *À minha mãe*, depois de observar: "Versos como estes, tão fluentes, tão singelos, e, ao mesmo tempo, tão naturais, tão verdadeiros, raramente se encontram."

E para encerrar escolhe o soneto *Suspiros*, que julga muito bom, transcrevendo-o integralmente.

APÊNDICE

ÚLTIMOS VERSOS

FOTOS DA FAMÍLIA



Prof. José Antônio de Jesus
Diamantina, 12/09/1862 — Uberlândia, 12/12/1920



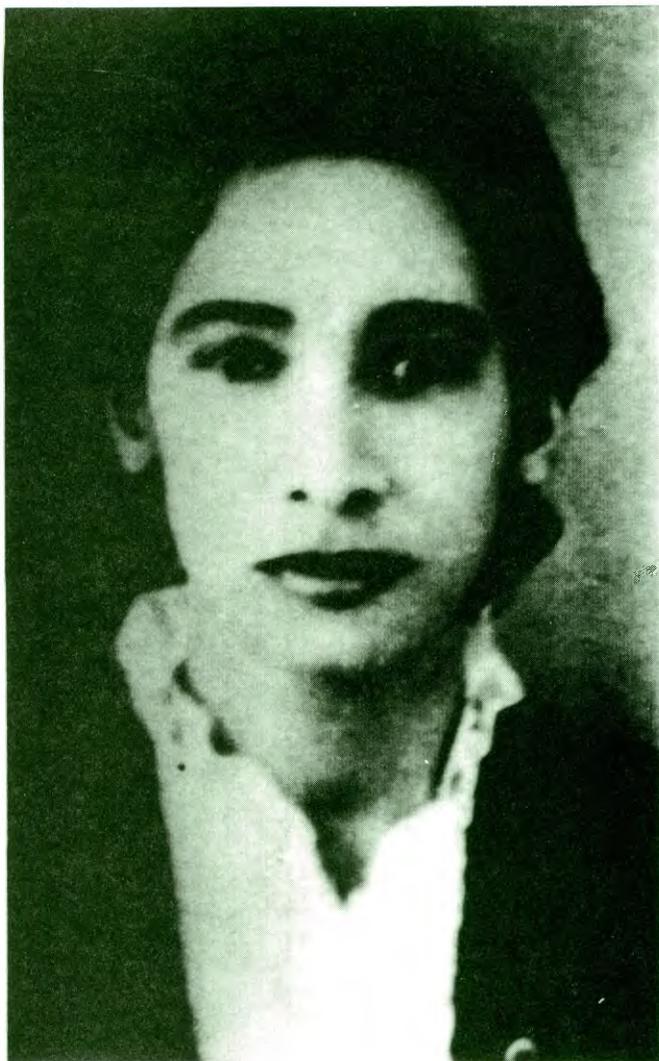
Profª Ana Isolina Furtado de Lima



Leodegária de Jesus
(8/08/1889 — 12/07/1978)



A irmã Sinhá. (Década de 40)



Maria Aurora na década de 40.



Doralice de Oliveira
Filha de criação da poetisa
para cuja companhia foi aos 2 anos de idade.
(Foto de 1969)

ILUSTRAÇÕES

Goyaz 25 de Dezembro de 1905

Caríssimos amigos

Escrevo este papel de despedimento... e a leitura
em suas mãos, e depois em suas mãos sereto o
deu que comprou deido, que se deve a fazer vocem.
Foi considerado pelo quanto como o melhor combon
que tem feito e o quanto. Puro o livro
na a da - he a - apm de mandar publicar no
Goyaz. Escrevi o quanto havia, mas não soude. Ainda
na em que estava para a fazer a sociedade com
vobos.

Soneto

Quem onça d'ouro se occulta no dia
dele em seu seio se horquente, e quel
depara a manha a virado do sul
deu a companhia - deo abria.

Que se abria no gomo de exato
Byante as faces das virado de
deu a manha a virado do sul
deu a companhia - deo abria.

este instante de cruel tormento
alora me era todo um gomo, todo
este chorado por algum momento

Eu he, meu amigo Goyaz, deo abria
deu a manha a virado do sul
deu a companhia - deo abria.

Despedimento

Foto: Arquivo de RUBERTO PIMENTEL

LEODEGÁRIA DE JESUS. Nascida em 8 de agosto de 1889, em Caidas N.º 4 (GO); morreu em 12 de julho de 1978, em Belo Horizonte. Nome respeitável da poesia em Goiás. Autora de 2 Romances "Carões de Lirios" e "Orquídeas". O professor Basileu Toledo França fala sobre a poetisa, sobre o significado da sua obra. "Os seus versos simples, deslumbrantes como línguas de cristal, cantam as sonoridades da natureza, falam da alma com a simplicidade dos átomos", disse um crítico.

Em fevereiro de 1978, no aniversário de 89 anos, a poetisa Leodegária de Jesus, em companhia de seu filho Basileu Toledo França, em Belo Horizonte, com o professor Basileu Toledo França e o jornalista Ruberto Pimentel.



LEODEGÁRIA DE JESUS

Depoimento do professor Basileu Toledo França

Leodegária de Jesus é filha do professor Basileu Toledo França e professora de Língua Portuguesa. Ela é filha do professor Basileu Toledo França e professora de Língua Portuguesa. Ela é filha do professor Basileu Toledo França e professora de Língua Portuguesa.

Basileu Toledo França é professor de Língua Portuguesa. Ele é filho do professor Basileu Toledo França e professora de Língua Portuguesa. Ele é filho do professor Basileu Toledo França e professora de Língua Portuguesa.

Carões de Lirios
 ...
 ...
 ...



Foto: Arquivo de Basileu Toledo França e Ruberto Pimentel

Dois Poemas de Leodegária de Jesus

JATAÍ

Alfarrás, de alfarrás
 ...
 ...
 ...

ORCHIDEAS

...
 ...
 ...

SÍMILE

...
 ...
 ...



Foto: Arquivo de Ruberto Pimentel



Leodegária de Jesus de passagem por Goiânia
em fevereiro de 1960, quando foi homenageada pelos intelectuais
Bernardo Élis, Zoroastro Artiaga e Basileu Toledo França.

Teus olhos

L. Loodegária de Jesus

Co-mo são lin-dos teus o - lhos Es-cu-ros, man-sos, tris-to - nhos; Fa-zem lem-branços es -
co - lhos. On-de se per-dem meus so - nhos. Na luz ma-goa-dae som - bri - a
Des-ses o-lha-res di-le-tos, Eu ve-joa som-braer-ra-di - a
De teus mar-ti-rios se - cre - tos Eu ve-joa som-braer-ra-di - a
Dos teus mar-ti-rios se - cre - tos.

Collida por Maria Ludovico

*Cópia: Maria Luque do Alado
1993 (nida novo)*

CARTAS

Belo Horizonte, 21-XII-58

Presado Sr. Basileu F. Franca.

Com os melhores votos para que o Bom Deus lhe traga um feliz natal, mais um novo ano cheio de prosperidade, em todos os sentidos, saúde e paz ao lado daqueles que lhe são caros, envio-lhe cordiais cumprimentos.

Respondo sua carta juntamente recebi da com um exemplar da revista "Vera Cruz", em que, por minha gentileza, publicou os dados biográficos que lhe envie. Senhoradíssima agradeço essa deferencia, não só para com a minha pessoa, mas com a pessoa de meu pai, há tantos anos falecido.

Faço-lhe desculpar-me a demora desta motivação por uma multidão de trabalhos.

Sem mais, aqui, sempre às suas ordens, a muito grata conterrânea e admiradora.

Leodegária de Jesus

B Horizonte, 28/2/79

Prezado Prof. Basileu:

Cordiais saudações.

Recebi em janeiro p.p. seu pedido sobre uma crônica de minha família para melhor localizar a poetisa Leodegária assim como remessa de nossas fotos. Não estando em condições de fazer o trabalho passei-o à Doralice nossa caríssima pupila e durante tempos secretária da poetisa. Sem preocupação com o estilo ou gramática como pede o amigo envio-lhe, hoje, tudo a crônica e as fotos.

Atenciosamente, aqui fica,

Maria Aurora de Jesus

Belo Horizonte, 5 de Dezembro de 1978

Ilmo. Sni. Basileu T. Franco

Saudações.

Agradeço - lhe o cumprimento pelo falecimen-
to de minha irmã, que deixou uma lacuna
imensa em nossa casa. Louvado seja Deus!

De acordo com seu pedido estou lhe en-
viando, hoje, o xerox de "Coroa de lírios".

Papai reuniu num bloco de cadernos usados
pelos alunos de sua escola, as biografias,
noticias, etc sobre Leodegaria e seu pri-
meiro livro de versos. Foi o que encontrei.

Al pagina do livro onde tinha o retrato
da autora foi cortada por ela mesma.
Minha querida Mãezinha era muito retrai-
da e avessa a certas coisas como entrevis-
tas, retratos, etc. Retrato que temos dela foi
tirado para carteira de identidade e alguns
com a familia. Não foi possível tirar o
xerox das noticias sobre "Coroa de lírios" de
modo que o Sni. poderá resolver isto como qui-
zer e depois de terminado o trabalho peço-
lhe que me devolva o "bloco" que para mim

é uma reliquia pois Papai estava ficando cego, quando reunio tudo isto com tanto carinho. O Sr. diz que está solicitando a cidade de Jataí uma homenagem ao nome da poetisa que tanto amou aquela terra; fico-lhe muito grata por mais esta gentileza. Só eu não conheci Jataí daqueles tempos tão cantados e historiados pelos meus Pais e minhas irmãs mais velhas.

Bem, páro aqui, as lagrimas não me deixam ver o papel.

Sempre às ordens a amiga co-estadoana,

Maria Aurora de Jesus Lima.
Rua dos Ottoni, 46 - São Lucas -
30000 B. Horizonte, (Only)

Belo Horizonte, 30 de março de 1980.

Caríssimo Prof. Basileu Toledo Franco

Cordiais saudações.

Sensibilizada agradeço do fundo d'alma o alto e significativo gesto de mimosa gentileza, ofertando-me a página da "Folha de Goiás" onde sua pena monumental presta homenagem à minha irmã de degarria de Jesus e fala sobre meu Pai, um idealista incansável, pioneiro da fibra que muito lutou por Goiás e... sofreu muito.

Procurei mais alguma coisa sobre o trabalho de degarria, recortes de jornais, fotos, suas conferências, discursos etc para enviá-la. Ela ha muito vinha queimando papéis, dizendo que não queria nos deixar trabalho desta ordem. Não gostava de tirar retratos. Concentrei estes versos que lhe envio; penso que foram os últimos que ela escreveu. Minha Manchinha, assumi que eu a chamava, acredito ha muitos anos, assim em outras paragens, acima deste mundo horripilante, fazendo o bem e não perdendo um minuto de seu tempo, uma beleza!...

Recomendações à sua distinta família.

Aqui fica a amiga e admiradora muito agra-

decida,

Maria Aurora de Jesus Lima

Aqui estão os versos de que lhe falei na carta, 193
Prof. Basileu, e que foram escritos naqueles tristes dias
em que o médico cardiólogo não prescrevera repouso absoluto
topicamente também, sem título.

Gloria a Deus pela verde do monte
Pelos raios risonhos em flor
Pelo doce murmúrio da fonte
Gloria a Deus pela paz, pela dor.

Pelo pranto que a magoa alivia
A saúde e a dorça também
Gloria que tudo que Deus nos envia
Tem por fim nos fazer grande bem.

Gloria a Deus pela paz que acalua
Gloria por em angustia e aflicção
Pelo bem que prosseguir dentro d'alma
Gloria a Deus ao Bem Deus pela paz.

Gloria a Deus pela canto das aves
Que povoam o espaço infinito
Gloria a Deus pelos cores suaves
Neste céu do Brasil tão bonito.

Pela aragem que leve balança
Quilhos frageis pendentes do galho
Pelo berço em que dorme a criança
Gloria a Deus pelas gotas de orvalho.

De volta

Eis-me de volta enfim à terra idolatrada,
donde parti, um dia, em lágrimas banhada,
mas cheia de ilusão.

Eis-me de volta enfim, trazendo no dorido
e triste seio meu, exausto, consumido
enfermo o coração.

Quantos anos meu Deus!... Eu era então criança
e tinha dentro d'alma um mundo de esperança
e de fé no porvir.

Um afeto profundo, imenso me alentava,
uma imagem também mui cara me apontava
o futuro a sorrir.

Depois... Como sofri!... Nessa terra sombria,
num ambiente diverso àquele em que eu vivia,
deste meio querido.

Foi então que provei amargos dissabores
e a vida conheci no caminho de dores
que tenho percorrido.

Eis-me de volta enfim, revendo com saudade
a velha serrania, os rios, a cidade,
mudança alguma existe.

Contudo um não sei quê que poetizava, outrora
tudo que vejo aqui, já não existe agora
e tudo está tão triste!

Já não sinto a emoção estranha, indefinível,
sensação sempre nova e doce irresistível

que faz bem, que conforta...
Mas percebo, com mágoa, em vista da pujante
natureza goiana esplêndida, brilhante,
que minh'alma está morta!
Goiás, janeiro de 1930.

GOIÂNIA*

Capital de Goiás! quem o diria?
Tão bela, portentosa e sobranceira!
No seio agreste deste solo, um dia
surgiste, qual promessa, alvissareira.

Teu progresso estupendo desafia
as demais, dentre todas és primeira.
Palpita e vibra insólita energia
no coração da pátria brasileira.

Nascestes da coragem inaudita
de um grande gênio, criação bendita
que a Providência abençoou, sorrindo.

Que pesar ao partir, maravilhada,
mas comigo, na mente deslumbrada,
trago também o teu perfil tão lindo!

(Janeiro de 1961)

*"Aqui estão os versos de que lhe falo na carta, prof. Basileu, e que foram escritos naqueles tristes dias em que o médico cardiologista prescrevera repouso absoluto para Manchinha."***

*"Vou copiar Goiânia porque creio que foi o último soneto profano que fez."

**Carta de Maria Aurora.

Sem título

Glória a Deus pelo verde do monte,
pelos vales risonhos em flor,
pelo doce murmúrio da fonte,
Glória a Deus pela paz, pela dor.

Pelo pranto que a mágoa alivia,
a saúde e a doença também,
pois que tudo que Deus nos envia
tem por fim nos fazer grande bem.

Glória a Deus pelo sono que acalma
nosso ser em angústia e aflição,
pelo bem que nos vai dentro d'alma
Glória a Deus ao Bom Deus pelo pão.

Glória a Deus pelo canto das aves
que povoam o espaço infinito.
Glória a Deus pelas cores suaves
deste céu do Brasil tão bonito.

Pela aragem que leve balança
ninhos frágeis pendentes do galho,
pelo berço em que dorme a criança,
Glória a Deus pelas gotas de orvalho.

Glória a Deus pela flor e o sorriso.
Glória a Deus por Maria tão boa,
nossa mãe que do céu, paraíso,
carinhosa nos vê e abençoa.

Copiado como está.

a) *Maria Aurora.*

(1976)

OS LIVROS

Coroa de lírios — 1906

Orquídeas — 1928



Deodegaria de Jesus

CORÔA DE LYRIOS

VERSOS

com um prefacio do Dr. Felicio Buarque.



1906

Typ a vapor "Livro Azul"
CAMPINAS



PREFÁCIO

O trabalho, de que me ocupo, revela uma vocação poética através de cada uma de suas produções. Não é uma dádiva completa, mas encerra, sem dúvida, uma esperança fagueira, como revelação das primícias de um talento ainda em pleno despontar de suas faculdades.

Assim como a criança, ao lançar os primeiros passos, precisa de quem lhe dê a mão e possa guiá-la com paciência e carinho, os principiantes necessitam da indulgência da crítica, para que lhes revele as faltas inerentes ao seu estado. Impõe-lhe esse dever o fim a quem se destina, sob pena de levar, as mais das vezes, o desânimo a vocação ainda no início de seu desenvolvimento, como sucede em regra geral.

É intuitivo esse critério. O principiante, que não tem uma personalidade acentuada, não representa bem o que vê, nem exprime o que sente, por não estar ainda em pleno desenvolvimento de sua energia intelectual. E, assim, revela, quase sempre, uma esperança, em vez da afirmação de um talento artístico. Se a crítica, sob o fundamento de que a arte não admite meio termo em suas criações, se tornar insensível a esses conceitos, há de levar o desânimo a vocações em início, privando-as da prestação de seu concurso artístico à sociedade.

Assim pensamos e temos praticado, sempre que se nos apresenta qualquer trabalho de principiante.

A *Coroa de Lírios* é trabalho de uma principiante que lança os primeiros passos no caminho da arte, arrastada por uma vocação que a impele e a domina.

As grandezas naturais das paragens, em que viu pela vez primeira a luz do dia, deram-lhe o principal incentivo para ensaiar seus vôos às regiões da poesia. E as descrições de quadros da natureza, a par das "ledas fantasias" que lhe acariciavam a infância, formam a feição predominante desses lírios de sua alma, com que fez uma coroa para lhe adornar a fronte.

São as primícias de seu estro, diante da natureza a que sua alma se mostra sensível, refletindo-lhe as impressões, gravadas com a intuição que lhe preside o contínuo agitar de sentimentos.

São condições para a existência da arte: a natureza, como repositório inesgotável do belo, e o artista, como elemento de transmissão das sucessivas e variadas impressões refletidas em seu espírito, à semelhança de espelho a transmitir a imagem dos objetos que se lhe apresentam. Sendo a arte "um canto da natureza, visto através de um temperamento" é faculdade característica do artista criar símbolos e revesti-los com a beleza da forma, a fim de perpetuar e transmitir a emoção do quadro que observa e se lhe reflete no espírito. Mas para conseguir esse fim supremo, se lhe faz necessária a inspiração da forma que lhe adorne o pensamento com expressões delicadas e correspondentes. Não basta, pois, uma elevada concepção: é preciso revesti-la com um certo adorno, capaz de comunicar e perpetuar a impressão recebida, com equivalência de pensamento e de forma.

A idéia, sem esse atavio, é como um corpo grosseiro, cujas formas próprias não poderiam por si só transmitir emoção e falar, por conseguinte, ao sentimento.



Embora sem o apuro da forma, a jovem autora da *Coroa de Lírios* tem concepções artísticas, faltando-lhe apenas a graciosa roupagem, cujo gosto bem caracteriza os espíritos iniciados nos segredos da arte.

Há, pois, uma certa falta de equivalência entre o pensamento e a forma para corresponder ao ideal artístico, objetivo que poderá ser

conseguido com um pouco de trabalho e de tempo. Não se pode, porém, exigir mais de uma moça de 17 anos, em meio pouco favorável ao desenvolvimento da arte ou das letras. Entretanto, é justiça confessar que o trabalho em objetivo é muito promissor e, por conseguinte, muito cheio de esperanças suscetíveis de converter-se em realidade, uma vez que sua autora procure aperfeiçoar-se, estudando e corrigindo seus defeitos naturais, nas obras dos mestres. E a prova de nossa firmativa está nas composições denominadas: *Ninho vazio*, *Cromo*, *Jataí*, *Contraste*, *Quadro*, *Enlevo*, e algumas outras, muito embora a maioria delas ateste revelação de sentimento poético.

A questão consiste apenas em bem traduzi-lo e transmiti-lo com arte.

São sempre assim as primeiras produções ou ensaios, até que o artista complete sua personalidade e saiba lançar os seguros traços de sua obra, com sentimento educado, gosto e perfeição. É que a arte exige um contínuo e fervoroso culto, em que se firme nas aras do Belo uma perfeta profissão de fé. E com relação às Musas, não é menor a sua exigência, para que o artista desenvolva o gênio da poesia.

Seja, porém, como for, não há dúvida que a *Coroa de Lírios* encerra um trabalho muito digno de animação.

Apresentando ao público brasileiro a jovem poetisa Leodegária de Jesus, espero que ele a receba, tendo em vista o seu noviciado na divina cultura da poesia; e que ela se esforce para cumprir a promessa que ora lhe faz.

São estes os meus sinceros e ardentes votos.

Uberaba, 14 de junho de 1906.

Felício Buarque.

A vós, meus prezados pais, dedico meu primeiro livro, uma pétala murcha de minha vida.

Homenagem de profundo respeito e gratidão.

Leodegária de Jesus.

São os primeiros cantos de um pobre poeta.
Desculpai-os.

Álvares de Azevedo.

Aos patrícios

Coroa de Lírios — eis o singelo título, sob o qual eu vos apresento o meu modesto livrinho.

Aos quinze anos, nessa idade encantadora e poética da existência da mulher, nessa quadra, em que a vida se lhe apresenta, risosinha, como as louras madrugadas de Maio, formosa como um céu de primavera e meiga, como um sorriso de criança; foi então que senti arder em meu coração infantil, a primavera centelha do amor. Mas aí! ... a fatalidade destruiu, de um só golpe, os belos ideais e os róseos castelos que edifiquei.

Vi fugir de uma vez o bando azul das ledas fantasias que me acariciavam desde a infância, imprimindo em minh'alma o selo eterno da melancolia e não deixando de esperança, senão uma mirrada plantinha, da qual brotaram alguns lírios pálidos, os quais colhi e formei esta singela Coroa que examinais agora.

Dignais-vos, pois, caros patrícios, acolher com benignidade o meu humilde livrinho, composto de estrofes despidas de beleza e elegância, porém, nascidos, unicamente, de minh'alma.

Aceitai-o, como simples lembrança de uma das mais obscuras filhas desta encantadora terra.

Goiás, MCMVI.

Leodegária de Jesus.

Paisagem

A meu pai.

Desponta a autora; a estrela vespertina,
no espaço azul, vai desmaiando a medo;
suspira a rola; agita-se o folheto
e a brisa oscula a linfa cristalina.

Enquanto as auras brincam no arvoredo,
no bosque umbroso, uma canção divina,
de galho em galho, o pintassilgo trina
ao desbrochar dos lírios no silvedo.

Aqui, soluça um ribeirão antigo,
ali, depara-se um modesto abrigo,
perfume exala a pálida violeta.

E mais além, pela campina em meio,
linda criança corre, num anseio,
e em vão persegue jalde borboleta.



Mater

A minha mãe.

Mãe, é teu nome para mim um hino
maravilhoso, de celeste encanto.
Oh! como é doce, carinhoso e santo,
pleno de graça, imenso, e até divino!

Minha mãe, minha mãe, só a teu lado,
eu sinto-me feliz. O teu sorriso

é para mim sonhado paraíso,
o teu sorriso puro imaculado.

Tu és meu anjo tutelar e amigo,
és o tesouro que feliz bendigo,
"formosa estrela que encontrei na vida!"

Quisera ver-te, num altar brilhante,
e eu de joelhos, tua filha amante,
a venerar-te, minha mãe querida.



Símile

Ao Dr. Manuel Dias Prates dos Santos.

Quando vivemos, a sonhar amores,
quando não temos a ilusão perdida,
quando noss'alma não padece dores,
morrer é triste! Como é linda a vida!

Mas se nos fere o espinho da tristeza,
se maltratados somos pela sorte,
se nos é dado o cálix da incerteza,
viver é triste! Como é doce a morte!



Ninho vazio

Ao Dr. Felício Buarque de Macedo.

Por entre as ramas verdes, perfumadas,
que do ribeiro à margem vicejavam,
entre o sorrir das flores delicadas,
ninho gentil as auras balouçavam.

Dentro, um casal de pássaros vivia,
em idílio contínuo, descuidado,

e, docemente, a vida lhe corria,
num transporte de amor imaculado.

Mas chega o inverno, em desamor ferino,
e então expulsa as aves, de momento,
do sorridente abrigo pequenino.

Hoje, esse ninho, a balouçar silente,
ao sopro frio e ríspido do vento,
encerra em si um quadro comovente.



Maio

A aurora surge, fulgente,
cheia de encanto e alegria
porque raiou, sorridente,
o lindo mês de Maria.

As avezinhas voejam,
espalham doce harmonia,
com belos trinos festejam
o lindo mês de Maria.

No matagais perfumados,
a brisa meiga ciciza,
beija os ramos aljofrados,
saudando o mês de Maria.

Neste mês, um só queixume
não se ouve. Quanta alegria!
Oh! como é doce o perfume
da flor, no mês de Maria!

Como é bela a natureza!
Quanta doçura e magia
encerra e quanta beleza,
o claro mês de Maria!

Ósculo materno

Ao Major Joaquim Elesbão dos Reis.

Quando ela entra, nesse asilo santo,
ninho de amor, um Éden perfumado,
mostra-se cheia de celeste encanto,
ao ver o berço do filhinho amado.

É que no berço existe o seu tesoiro,
e nele vê o seu dourado sonho.
Ali, dormita o seu filhinho loiro,
tão róseo e tenro, angélico e risonho.

Nos lábios seus, um riso trasparece,
e então, nos meigos olhos, lhe aparece
um brilho puro, um radiante brilho.

Ali, se curva, cheia de ventura
e beija, com orgulho e com ternura,
a face rósea do primeiro filho.



Cromo

Ao Desembargador Matias da Gama.

A tarde cai. O sol desaparece.
Seus loiros raios vão além fugindo.
A passarada notas desferinho,
ao Criador eleva doce prece.

O colibri volita, doudejante;
do rio as águas correm, mansamente;
além, na serra, vãgarosamente,
pálida lua surge fulgurante.

A brisa passa, rescendendo olores,
e na campina, desabrocham flores,
enquanto geme a juriti, na selva.

Queda, contemplo a natureza linda;
Mas ah! ... me encanta, muito mais, ainda,
Um grupo loiro, a saltitar na relva.



Jataí

*E choro, sim, e suspiro
por esses campos que amo.*

C. A.

Não vês aquela campina,
de flores mil adornada,
tanta palmeira plantada,
tanta açucena e bonina?

Ao longe, brancas casinhas,
não vês o lindo horizonte,
o murmurinho da fonte,
e o canto das avezinhas?

Essa campina alacr'ante
é meu berço idolatrado,
é Jataí adorado,
essa terra deslumbrante.

Foi nessa terra querida,
nessa campina formosa,
que s'escoou descuidosa,
a infância minha florida.

Nas tardes belas de abril,
eu deslumbrada, dizia:
quanta beleza e magia,
neste canto do Brasil!

Setembro

Ao Desembargador Martins Ribeiro.

Eis que nos vem, de novo, a primavera,
a linda quadra das mimosas flores.
A par do viço e festivos rumores,
um doce risco, em toda a parte, impera.

Aqui... e ali... no céu azul-turquesa,
perpassam nuvens brancas, vaporosas,
enquanto o campo ostenta-se, em beleza;
e além ressoam notas maviosas.

De borboletas prazenteiro bando,
pelo vergel florido, esvoaçando,
vai, num enleito doce, indescritível.

Em tudo eu vejo um riso de alegria,
só, em minh'alma, paira a nostalgia,
uma tristeza acerba, indefinível!



Volúvel

De minha vida na vereda escura,
eu deparei-te um dia.
Amei-te muito, amei-te, com loucura,
e feliz me sentia.

O meu caminho que era só de abrolhos,
de flores mil juncaste,
E, com a luz sublime de teus olhos,
a senda iluminaste.

Tempos passaram, céus! e me fugiste;
o teu amor faltou-me.

E desde então, saudade roxa e triste,
no seio vicejou-me.



Inverno

A Ormesinda Santos.

Por entre nuvens lívidas, sombrias,
no ocaso o sol, tristíssimo, declina,
a noite desce; um manto de neblina
envolve, além, as altas serranias.

Ronca o trovão; e a semear ruína,
ulula o vento pelas cercanias.
Gemem florestas, bastas ramarias,
e o rio brame, em cólera felina.

Nuvens rasgando, a chuva cai pesada;
cruzam-se os raios; vejo então travada
luta terrível entre terra e céus.

Ante este quadro horrendo, pavoroso,
fende minh'alma o espaço tenebroso,
pairando, humildemente, aos pés de Deus.



Estâncias

A ti.

Quando me fitas esse olhar tão grave,
tão doce e cheio de melancolia,
fica minh'alma em êxtase suave,
esqueço a vida, esqueço esta agonia
que me tortura a alma, noite e dia,
quando me fitas esse olhar tão grave.

Duma tristeza infinda de sol posto
são esses olhos lindos, sonhadores;
nos quais traduzo um perenal desgosto,
nos quais diviso um báratro de dores.
Amo esses olhos cheios de dulçores,
duma tristeza infinda de sol posto!

Oh! que me importam ríspidos martírios,
com que me cerca o fado traiçoeiro!
se, nesses olhos tristes, como os círios,
que valem mais do que o universo inteiro,
encontro sempre um bálsamo fagueiro?
Oh! que me importam ríspidos martírios!



Contraste

A Iraides de Oliveira Lisboa.

Tu és o lírio ridente,
ligado à rama florida;
eu — a saudade palente,
no chão, jazendo esquecida.

Tu és o dia risonho
de primavera formosa;
de inverno triste e medonho
eu sou a noite trevosa.

Tu — borboleta doirada
sorvendo o aroma das flores;
eu — juriti desolada,
triste gemendo de dores.

Tu és o cravo nascido
em rico vaso bordado;
eu sou o goivo, pendido,
em túmulo pobre, isolado.

Alegre vives, sorrindo,
feliz da dor vives fora,
enquanto eu triste, carpindo,
morro da vida n'aurora.

Que enorme contraste existe
entre nós! Ri-te a ventura;
tu és alere; eu sou triste,
pois, só vivo de amargura.



Meus amores

À Maria Teófila

Eu amo a lua pálida e sombria,
a divagar, num céu primaveril;
do passaredo a mística harmonia;
amo do céu o puro e claro anil.

Eu amo a luz do loiro sol poente
e do regato o triste marulhar.
Amo da rola o soluçar pungente,
amo de mãe um doce e terno olhar.

Os colibris eu amo, as borboletas,
os lírios brancos, cândidas violetas
e a doce brisa, a perpassar queixosa.

Mas há um ser que mais que tudo eu amo;
e que venero, a todo o instante, e chamo:
é minha mãe tão santa e carinhosa.



À minha mãe

A ti, minhas endeixas mal cantadas.

Garret.

Quando ela fala, em branda voz formosa,
eu julgo ouvir a sinfonia meiga
da passarada, quando jubilosa,
um hino entoado, na florida veiga.

Quando um sorriso divinal e puro
lhe transparece no angelino rosto,
envolto em luz, prevejo o meu futuro
e n'alma eu sinto um inefável gosto.

Mas, se adocece a minha estrela bela,
ah! se mamã eu vejo, entristecida,
penso, Jesus!... que vou ficar sem ela.

Minha ventura, nela, só consiste,
eu dera tudo, até a própria vida,
para não vê-la, um só momento, triste.



Suspiros

*Antes me odeies, que com dó profundo
Digas um'hora: — Porque veio ao mundo,
Quem havia de ser tão desgraçado!*

Guimarães Passos.

Quando tu passas, espalhando encanto,
meu triste olhar te segue, apaixonado,
ó peregrino ser, por quem, há tanto,
trago no seio um coração chagado.

Então, eu fujo; um doloroso pranto,
cheio de fel, de mágoas repassado,
me inunda as faces pálidas, enquanto
balbucio teu nome idolatrado.

Se eu não te visse... ah! se me esquecesses.
Talvez, (quem sabe?) inda curar pudesses
meu coração que tu despedaçaste.

Mas, não, é tarde, eu tenho o peito enfermo
e só a morte poderá pôr termo
ao desgraçado amor que me inspiraste!...



Divagando

A Sinhá.

Que noite! que amenidade,
que doce melancolia,
na adormecida cidade,
a lua espalha, sombria.
Suaves brisas, ligeiras
vêm embalar as palmeiras.

Nem uma nuvem vagueia,
dos ares, lá, nas campinas;
seguida a lua passeia
de estrelas mil argentinas.
Sonham amores, nos ninhos,
os divinais passarinhos.

No bosque reina a mudez,
à frouxa luz do arrebol,
em serena placidez.
Sonhando com o loiro sol,
no cálix seu delicado,
dormita o lírio nevado.

Gozam do sono as delícias
campos, flores, aves, tudo,
e ao sopro d'auras propícias,
fica o próprio rio, mudo.

Só tu, minh'alma, coitada!
vagas assim, desvairada.



Supremo gozo

*Não dou valor ao sol mais perfulgente,
Diante destas jóias peregrinas.*

José Chagas.

Quando os teus olhos lânguidos, formosos,
nos meus, se fitam, com ideal ternura,
nesses olhares vagos, amorosos,
vejo sorrir-me a vida, com doçura.

Quando em teus lábios frescos e mimosos,
para um sorriso, cheio de brandura,
então, minh'alma, às regiões dos gozos,
sinto evolar-se, plena de ventura.

Se te ouço a voz amena que deleita,
mais que o cantar das aves peregrinas,
ó alma santa, de minh'alma eleita.

Muda-se logo o mundo em paraíso;
as alegrias puras e divinas,
a me afagarem, ternas, eu diviso.



Impossível

De mim fugiste já, mas eu não pude, ainda,
deixar de te adorar e muito um só momento!
Há muito, me lacera uma saudade infinda,
intérmino tormento.

E luto e sofro e choro, ó céus! porém debalde.
Em vão também procuro, em vão, me convencer
de tua ingratidão; mas ó fatalidade!
não posso te esquecer.

E sinto que me foge a vida, pouco a pouco,
na mais tremenda luta e num atroz sofrer;
o pensamento meu divaga, como louco,
não posso te esquecer.



Mutação

À Elfrida Goulart Carneiro.

Eu adorava as flores delicadas,
me fascinava a natureza em festa,
amava, com loucura, as alvoradas
e a solidão profunda da floresta.

Eu muito amava as brisas peregrinas,
das claras tardes de verão tão belas,
as harmonias célicas, divinas,
e as pequeninas, rútilas estrelas.

Também amava as gárrulas rolitas,
em torno aos ninhos, presos à ramagem,
a volitarem, ledas e catitas;

mas que mudança! um dia te encontrei,
e para amar, somente, a tua imagem,
estrelas, flores, tudo desprezei!...



Saudade

*Só tu conheces o secreto espinho
que dentro d'alma me pungindo está.*

Varella.

No cálix perfumado das violetas,
nas nuvens pequeninas transparentes,
no brando voitar das borboletas,
nas pétalas do lírio alvinitentes;

no perpassar das auras soluçantes,
no perfume das flores, no arrebol,
no marulhar das fontes lacrimantes,
da noite na mudez, no loiro sol;

no brilho tremulante d'uma estrela,
no gorjear das aves, n'alvorada,
na palidez da lua triste e bela;

em tudo, enfim, que vejo neste mundo,
a tua imagem linda, idolatrada,
procuro, triste, com tristor profundo.



Último adeus

A tarde, bem me lembro, declinava,
enquanto, na igreja, soluçava,
o sino: — Ave-Maria.

Era a hora pesada da tristeza,
em que se espalha, em toda a natureza,
atroz melancolia.

Eu bem me lembro; pássaros em bando,
voavam, pelo espaço azul, ruflando,
em busca de seus lares.

Não mais se viam jaldes borboletas,
desabrochavam mádidas violetas
embalsamando os ares.

Eu bem me lembro dessa tarde amena,
em que minh'alma, de saudades plena,
e plena de pezares,
chorava, presa de amargura infinda;
ias deixar-me, doce imagem linda
dos meus azuis sonhos.

Por fim, chegaste, trêmulo, arquejante.
Senti cair por terra, nesse instante,
róseos castelos meus.
Ias partir; em lágrimas banhada,
disse-te então, com voz estrangulada,
o derradeiro adeus.



Triste viver

À Luzia de Oliveira

Não sei porque, da vida n'alvorada,
fugiu-me tão depressa a doce crença,
lançando-me no peito a indiferença,
deixando esta minh'alma contristada.

De encontro às dores de tristeza imensa,
da sorte cruelmente abandonada,
sozinha, vai minh'alma, desvairada,
boiando à flor dos mares da descrença.

E sinto que meu peito desfalece,
ao peso dessas mágoas que padece,
às garras do pesar atroz, profundo.

Contudo não maldigo a minha sorte,
pois, creio que virá um dia a morte
tirar-me, finalmente, deste mundo.

Dor oculta

À Delmira Alves Pinto

Por que sombrio, triste e macilento,
eu vejo o rosto teu?
Não vês, que assim, aumentas o tormento
do triste peito meu?

Tornou-te fria, tão tristonha, incalma,
alguma dor secreta?
Ó dize logo, mostra-me tua alma;
eu hei de ser discreta.

Feriu-te acaso algum desgosto fundo,
o sofrimento, a dor?
E, como a mim, já te aborrece o mundo,
o monstro sedutor?

Não mais me ocultes o cruel motivo
de tua mágoa antiga!
Eu saberei achar-te um lenitivo,
ó minha doce amiga!



Aspiração

Ao Dr. Gastão de Deus

Viver, alheia às falsas alegrias
desse ruidoso mundo, retirada,
numa campina amena e povoada
de flores mil, d'aromas e harmonias;

morar bem junto às altas serranias;
viver do mundo inteiro separada,
numa casinha branca e sombreada
de verdejantes, densas ramarias;

ter por amantes aves pequeninas,
sonhar aos trenos do cantor alado,
e por amigas flores campesinas;

vendo a meu lado, ó céus! sempre risonho,
de minha mãe o rosto idolatrado:
eis, ó meu Deus, o meu contínuo sonho!...



À Maria Aurora

*Tu tens nos róseos passos da inocência,
"cintilações puríssimas de auroras".*

Martins Chaves.

Corre e canta e sorri, gentil criança,
de tua infância na risonha estrada,
enquanto n'alma pura, imaculada,
brilha-te a estrela doce da esperança.

Canta e sorri, ó cândida Maria,
enquanto o peito não te fere o espinho
do desengano e forram-te o caminho
as leves penas, brancas, da alegria.

Canta e brinca e sorri, desfruta a vida,
sê, pois, ditosa, minha irmã querida,
mas não perguntes porque choro tanto!

Quando, mais tarde, já mocinha fores,
e te surgirem, n'alma, os dissabores,
dir-te-ei então a causa do meu pranto.



Quadro

A meu avô

Da solitária e triste sala em meio,
vê-se um mimoso e plácido bercinho,
cheio de rosas, de açucenas cheio,
que mais parece um primoroso ninho.

Dentro do berço, à frouxa luz do círio,
vê-se, envolvida, toda em seda fina,
tendo na frente, a palidez do lírio,
uma criança loira e pequenina.

De vez em quando, um longo, um delirante
gemido corta a placidez reinante,
nessa fria salinha, entristecida.

É a inditosa mãe que, desvairada,
chora de dor atroz martirizada,
o filho morto — seu farol na vida.



Cismando

*Pensava em ti, nas horas de tristeza,
quando estes versos pálidos compus.*

Varela.

Em ti eu penso, quando o sol nascente
doira o topete de longínquos montes,
e quando escuto o murmurinho brando
de solitárias, lacrimosas fontes.

Eu penso em ti, quando a alvorada acorda
os palpitantes, ledos passarinhos,
e quando a música, inebriada escuto,
tão doce e terna, divinal, dos ninhos.

Eu penso em ti, se brandamente a brisa,
beijar eu vejo do coqueiro a palma.
Eu penso em ti, se na celeste estrada,
vagueia a lua, sonolenta e calma.

Eu penso em ti, ó alma idolatrada,
quando a campina solitária, vejo,
e quando ao lírio o sol poente envia
seu derradeiro e dolorido beijo.

Quando à tardinha, na afastada selva,
sentida nênia geme a juriti,
meu Deus, embora, tão sublime e triste,
eu com delírio, vou pensando em ti!



Ave-Maria

Ao Dr. Militino Pinto de Carvalho.

Descamba a tarde. Por detrás do monte,
vai-se escondendo lentamente o sol;
enquanto a longa curva do horizonte
colora, de carmim, lindo arrebol.

Serena, desce a noite com tristeza,
aos corações trazendo atroz saudade.
Como és sublime e bela, ó natureza,
imersa nesta imensa soledade!

Cicia, mansa, a brisa, no silvedo,
e dúlcida desprende uma harmonia
da buliçosa coma do arvored.

Morre, na selva, o canto da avezinha.
Suspira triste o sino: — Ave-Maria,
além, na velha torre da igrejinha.

Enlevo

Ao Coronel Luiz Alves Pinto.

É noite e noite formosa!
do céu na tela espaçosa,
passeia a lua garbosa,
calma, serena e gentil.
A brisa nos palmeirais,
desfere canções ideais
e dos floridos rosais,
vem doce aroma sutil.

No bosque, um brando cicio
se faz ouvir; manso, o rio
desliza, mudo e sombrio,
além, na mata isolada.
Em cada estrela, um sorriso
meigo, sublime, diviso,
e a terra num paraíso,
julgo, meu Deus, transformada!

Diante desta grandeza
suprema da natureza,
fogem-me logo a tristeza
e os longos pesares meus.
Então, minh'alma parece
que deste mundo se esquece
e murmurando uma prece,
se ajoelha aos pés de Deus.

ÍNDICE

Prefácio	121
Aos patrícios	129
Paisagem	131
Mater	131
Simile	132
Ninho vazio	132
Maio	133
Ósculo materno	134
Cromo	134
Jataí	135
Setembro	136
Volúvel	136
Inverno	137
Estâncias	137
Contraste	138
Meus amores	139
À minha mãe	140
Suspiros	140
Divagando	141
Supremo gozo	142
Impossível	142
Mutação	143
Saudade	144
Último adeus	144
Triste viver	145
Dor oculta	146
Aspiração	146
À Maria Aurora	147
Quadro	148
Cismando	148
Ave-Maria	149
Enlevo	150



LEODEGARIA
DE JESUS

ORCHIDEAS

POESIAS



LEODEGARIA DE JESUS

ORCHIDEAS

POESIAS



1928

Admin. da « AVE MARIA »
Rua Jaguaribe, 93 - Caixa, 615
SÃO PAULO

Abrindo o livro...

A primeira impressão que temos dos versos inspirados da distinta poetisa Leodegária de Jesus, é de estarmos diante de uma linda alma alvORIZADA de sonhos. Depois, ao nos embalarmos com a música suave das suas estrofes, vemos que há em cada ritmo da sua imaginação, um acento magnífico de doçuras e uma esplêndida claridade a banhar todo um mundo admirável de sentimento e inspiração. A poesia de Leodegária não tem os farfalhos pretensiosos da euritmia vocabular, que tantas vezes baralha a idéia, o pensamento e a imagem. Pelo contrário, os seus versos, simples, deslizantes como linfas de cristal, cantam as sonoridades da natureza, falam da alma com a singeleza dos áticos e por isso mesmo se destacam no relevo da expressão, com a nitidez e o brilho das cousas puras e sinceras.

Somos dos que não admitem o ramalhudo expressional do verso, nem se conformam com a tortura da rima, atrofiando o pensamento poético. Verso é verso. Ou ele nos encanta pela clareza e pela emoção, ou nos estafa pelo rumor apenas de termos, que nada exprimem e nada dizem à nossa sensibilidade.

Os iconoclastas da poesia chamada moderna, têm inventado várias escolas e várias fórmulas de expressão mais ou menos rimada; é certo, porém, ao que sabemos, que os trucidadores do verso, até hoje só conseguiram um público que são eles mesmos, uns leitores que não passam dos seus próprios cenáculos. Os poetas que se conservaram puros diante da barbárie troante do chamado futurismo, esses ainda são os que logram ser lidos e compreendidos pelas multidões.

Leodegária de Jesus está no número dos que não se afundaram na borrasca do modernismo tonto e anárquico, pretendendo reformar o que é intangível nos seus fundamentos clássicos e imutáveis. A autora deste livro conserva toda a beleza das harmonias poéticas, alça os seus vãos de sonho para o azul das mais lindas concepções e diafaniza o verso com a espiritualidade do verdadeiro poeta.

Não é uma fazedora de frases nem de ritmos bárbaros. É uma deliciosa cantora que embala pela sonoridade da voz e faz sonhar pelo perfume da estrofe...

S. Paulo, janeiro de 1928.

Lélis Vieira

À santa memória de meu pai.

Do raro verso o fúlgido estandarte
não desfraldei aqui.
Não sei se fiz escola ou se fiz arte,
cantei o que senti.

João de Deus do Rego.

FOLHAS MORTAS

A velha serra

*Serranias azuis, pensativas montanhas
de minha terra, como eu vos amo!*

Daqui se te contemplo à doce luz do poente,
coberta assim de sombra e névoa vaporosa,
eu sinto me inundar o coração dolente
estranha, suave luz de paz maravilhosa.

Gosto de ver-te assim; perante a majestosa
angústia que te envolve sempre... eternamente,
eu me sinto feliz; esqueço inteiramente,
a mágoa que me punge e a vida tormentosa.

E quando nessas tardes lânguidas de inverno,
vejo teu grande vulto imerso nesse eterno
e túrbido tristor, eu penso consolada:

que guardas em teu seio enorme de granito,
mudo e cheio de dor, um coração aflito,
uma alma que soluça, exausta, torturada!...



Goiás

*Pátria, tudo me falece
para erguer teu esplendor.*

A. Lessa.

Goiás querida! pérola mimosa
destes sertões soberbos do Brasil!
Terra que amo, que minh'alma adora,
ao ver-te longe, tão distante, agora,
quero-te mais ainda,
minha terra gentil!

E vivo a recordar as jóias ricas
que te enfeitam o colo primoroso;
a serra azul, os rios, as palmeiras
de cujas frondes vírdes, faceiras,
saúda o pôr-do-sol
o sabiá queixoso.

Ah! como é belo nas manhãs rosadas,
cheias de luz, de aromas, de harmonias,
correr teus vales aromatizados,
ver deslizar teus rios sossegados,
aos beijos perfumosos
das auras fugidias.

Em noites consteladas, quando a flauta
e os bandolins desatam pelo espaço,
essas notas refeitas de pesares,
ao palor ideal de teus luares,
como é grato sonhar
em teu morno regaço.

E como é doce à sombra dessas matas,
onde tecem rolinhas ninhos frouxos,
acalantar um sonho estremecido,
ouvir do arroio o marulhar sentido,
à luz aveludada
desses teus poentes roxos.

Terra garbosa e linda, que saudades
dessas montanhas verdes, cismativas
que meu olhar dorido idolatrava!
Onde, com tanto afeto repousava,
em tardes fumarentas
ou nas manhãs estivas.

Ó pátria minha estremecida e bela,
não mais verei o teu azul risonho,
mas, onde quer que me conduza o fado
jamais te esquecerei, berço adorado,
de minha dor primeira!
do meu primeiro sonho!

Aqui, onde exilou-me a desventura
e a mocidade minha saturada
de amargores falece, tristemente,
vivo a sonhar contigo, eternamente,
ó terra de minh'alma!
ó pátria idolatrada!



Supremo anelo

Voltar a ti, ó terra estremecida,
e ver de novo, à doce luz da aurora,
o vale, a selva, a praia inesquecida,
onde brincava pequenina outrora;

ver uma vez ainda essa querida
Serra Dourada que minh'alma adora;
e o velho rio, o Cantagalo, a ermida,
eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente,
morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro
de tarde estiva o sabiá dolente.

Um leito, enfim, bordado de boninas,
onde dormisse o sono derradeiro,
sob essas verdes, plácidas colinas.



Ao partir

Ó! vamos coração!... teu desalento,
essa profunda, atroz ansiedade
vem do tristonho, negro isolamento,
em que propões gastar a mocidade.

Vamos... não temas o aborrecimento,
longe dos teus e longe da cidade;
vais ver como o ar, o campo, a liberdade
vão dar-te força, vida e muito alento.

E quando em vez de montes tão sombrios,
tiveres, ante os olhos doloridos,
céu azul, campos verdes, mansos rios.

bendirás, meu amigo, com certeza,
a hora em que deixaste, entre gemidos,
Goiás — o ninho frio da tristeza.



Longe

*Nos seio frio deste sertão,
sinto finar-se meu coração.*

Quando anoitece e as sombras da tristeza
baixam por sobre o campo e a serra,
quando tudo esmorece e a natureza
se reveste de funda nostalgia;

Nessas horas de mágoa, ao fim do dia,
quando o vento perpassa na deveza,
a suspirar estranha salmodia
e o lírio inclina, ao pé da correnteza;

aqui, tão longe, triste e sem carinho,
ouço minh'alma soluçar baixinho,
no coração sufoco longos ais...

É que nest'hora, eu sinto mais dorida
esta imortal saudade indefinida
dos lares meus, da casa de meus pais.



Suprema dor

Não é o sentimento dolorido
que há muito, escondo d'alma nos refolhos,
o que me faz viver neste gemido,
trazendo sempre lágrimas nos olhos.

Não são também os ásperos abrolhos
de que vejo meu trilho entretecido
que assim me afligem, não, não teme escolhos
um coração, na fé fortalecido.

O que me oprime tanto e me entristece,
o que me arranca prantos tão amargos
e me aniquila e mata e me enlouquece

é saber-te, adorável criatura,
infeliz; e, trilhando, a passos largos,
o caminho da eterna desventura!



Olhos castos

A Lúcia.

Teus olhares, criança, brandos, demorados,
sabem levar alívio aos seios desgraçados.

Neles não transparece a pálida e sombria
e lutulenta sombra da melancolia.

De teu olhar a luz ungida de brandura
revela de tu'alma a angélica doçura.

Há tanta suavidade nesses teus olhares,
que até me faz lembrar os pálidos luars.

Quando rezas fitando a imagem de Jesus,
de teus olhos, criança, causa inveja a luz.

Adoro essa carícia intérmina, divina
que bóia nos teus olhos, cândida menina.

Olha-me sempre assim... existe em teus olhares
um filtro que dissipa as mágoas, os pesares.



Ao coração

*Sacrifica-te, agora, com bravura,
sufoca o pranto, cala essa amargura.*

Frota Pessoa

Meu coração, não queixes por piedade,
não maldigas assim teu sofrimento.
Resigna-te da sorte à iniquidade
e sentirás mais brando esse tormento!

Vamos... coragem!... recupera lento,
guarda contigo a amarga ansiedade
e não te queixes mais que teu lamento
vai despertar do mundo a hilaridade!...

Mostra-te forte!... empunha com bravura,
embora vejas a esperança morta,
este horroroso cálix de amargura

e não te assuste a cruz do teu fadário...
Fica-te ainda a fé que te conforta
e te ilumina o topo do Calvário!

Meu desejo

Conversando com Maria Aurora.

Não quero o brilho, as sedas, a harmonia
da sociedade, dos salões pomposos,
nem a falaz ventura fugidia
desses festins do mundo, tão ruidosos!

Prefiro a calma solidão sombria,
em que passo meus dias nebulosos;
sinto-me bem, aqui, à sombra fria
da saudade de tempos mais ditosos.

Eu quero mesmo, assim, viver de lado,
das multidões passar desconhecida,
me alimentando de algum sonho amado.

Nada mais quero, a nada mais aspiro:
teu casto afeto que me doira a vida,
meus livros, minha mãe e meu retiro.



Coragem!

No álbum de um triste.

Se é doloroso, assim viver, sozinho,
se a saudade da pátria te lacera,
se te magoam cardos do caminho,
mas quanta glória, sonhador, te espera!

E quantos louros, coração de arminho,
irão cingir-te a nobre fronte austera!
Ó tu, que vives longe do carinho,
alma feita de luz e primavera!

Quando um dia voltares ao querido
país natal, guardando esse tesouro
que são as palmas loiras da vitória,

verás, então, poeta destemido,
teu nome escrito, em grandes letras d'ouro,
nas refulgentes páginas da história!

RAMO FLORIDO

Tela agreste

Longe, ao sopé da viride colina,
num valezinho rico de verdura,
ergue-se a casa tosca, pequenina,
ninho grácil de paz e de frescura.

E sob a densa ramaria escura
que ali de um lado esplêndida germina,
um veio d'água muito clara e pura
rola, gemendo queixas, à surdina.

E à tarde, quando, o sol do ocaso veste
de púrpura e oiro aquele sítio agreste
e a brisa leve, em brando murmurinho,

percorre o extenso laranjal florido,
o passaredo inquieto um alarido
enorme faz, no bambuzal vizinho.



Aquarela

A Cileneu de Araújo.

Uma casinha em meio do valado,
olhando ereta para o sol nascente,
o loiro capinal cheiroso em frente,
onde descansa sonolento o gado.

Aos lados um pomar bem cultivado
de cuja sombra parte, docemente,
um soluço de rola desolado
a misturar-se às queixas da corrente.

Ao longe, na planície sossegada,
pasce o rebanho d'alvas ovelhinhas
à luz do ocaso tépida, dourada.

E no terreiro da casa, onde voeja
um bando de aves céleres, mansinhas,
a figura gentil da sertaneja.



Manhã na roça

*A terra, o céu, o infinito
falam de paz e de amor.*

Duque Estrada.

Desperta a natureza... Um claro sol dourado
se mostra altivo e belo, às portas do levante.
Acorda, na floresta, o inquieto povo alado
e a brisa do sertão suspira farfalhante.

Floresce o lírio azul, na várzea, e, mais distante,
na bruma, surge além o monte iluminado.
Vagueia, na planície, o manso gado errante
e a voz do camponês retumba, no valado.

E enquanto a madressilva o cálice desata
e vai a estrela-d'alva, aos poucos, descorando
ao som cadencioso e brando da cascata,

formosa roceirinha alegre, como a aurora,
levando a enxada ao ombro, esbelta, sai cantando
uma canção de amor, pela campina a fora.



Luar de outubro

Luar de outubro claro, imaculado,
feito de paz, de sonhos, de carinho!
Que coração não pulsa arrebatado,
quando derramas teu clarão de arminho?

Se um teu reflexo melancolizado
e meigamente brando, de mansinho,
vai se espelhar no lago sossegado
ou nas areias brancas do caminho,

que comoção despertas em minh'alma!
Uma saudade amargamente calma
vem me pungir, no seio o coração...

Grata lembrança de meus dias idos,
claros dias da infância decorridos,
no seio perfumado do sertão.



Primavera

*Na primavera, na estação das flores,
Deus fita o mundo com celeste afago.*

C. A.

Ó primavera, ó grata mensageira
das resplendentes, claras alvoradas!
Quanta poesia espalhas nas campinas,
nas florestas, nos vales, nas estradas!

E toda a mágoa escura do infinito,
a tristeza mortal que o inverno trouxe
vais transformando num azul divino,
com teu beijo celeste, quente e doce.

Quando atravessas esses prados ermos,
o tédio, a calma, a nostalgia espancas,
desenrolando uma alcatifa rara
de malmequeres, de boninas brancas.

No lago estendes nenúfares novos,
soltas no espaço inéditas falenas
e até o dorso das montanhas rudes
cobres de lírios, enches de açucenas.

Na penedia, à margem dos riachos,
pelo arvoredado, em toda a parte, airosa,
tecendo vais abrigos pequeninos,
ninhos ebúrneos, jaldes, cor-de-rosa.

A própria serra que vivia outrora,
num doloroso e triste desamparo,
hoje se mostra encantadora, altiva,
sob esse rico manto verde-claro.

Garridamente a natureza envolve
numa espantosa infinda alacridade;
e até nos seios, onde a dor se abriga,
derramas flores, risos, claridade.

E a passarada trêfega, ruidosa,
ébria de luz, de gozo, de harmonia,
numa festiva confusão sonora,
vai te aclamando — deusa da alegria!

Assim também, minh'alma desolada
e onde o inverno eternamente impera,
despe a mortalha roxa do desgosto
para saudar-te, ó loira primavera!



Abril

Abril sorri... Abril o mês das rosas
— epopéia de amor e de carinhos —
desperta álaçre, construindo ninhos
numa eclosão de luzes primorosas.

Andam na esfera azul maravilhosas
e festivos canções de passarinhos;
pelos florões dourados dos caminhos,
giram falenas d'asas luminosas.

E tudo vive e canta e se entrelaçã,
nessa orgia de aromas que não passa,
na confusão gentil desses matizes.

Só minh'alma dorida não se aquece
aos sorrisos de abril, porque padece
e abril é o mês dos corações felizes.



Mai

Belo mês de Maria, ao ver-te entre os primores
da pompa que te envolve em galas ideais,
eu penso que tu és, ó belo mês das flores,
um sorriso de Deus aos míseros mortais!

Encerras a beleza augusta, os esplendores
e o místico dulçor das auroras aromais;
evola-se de ti, em ondas de fulgores,
um vago, estranho odor de flóridos rosais.

Trazes contigo o esmalte, a tinta inimitável
que tem a primavera, a quadra incomparável
de castas ilusões, de luz, de paz, de amor.

E como que sorri ao coração da gente
a claridade azul do céu resplandecente
deste risonho mês de maio encantador!



Belezas de maio

Maio desprende luz e delícias,
maio aparece;
sentindo a terra suas carícias
rejuvenesce.

Tudo revive, do ninho à flor
tudo se agita.
De maio aos beijos cheios de amor
tudo palpita.

Cantam idílios pelos silvedos
os passarinhos.
Soluçam brisas ternos segredos,
pelos caminhos.

Nos prados verdes, entre as ramadas,
nos flóreos galhos,
volitam rolas apaixonadas,
bebendo orvalhos.

Lá nos valados de flores cheios
os colibris
cantam afetos nos alvos seios
dos bogaris.

Pela paragem azul-celeste,
clara e serena,
andam perfumes de lírio agreste
e de açucena.

De mil encantos povoa os ares
o povo alado,
deixando ninhos, deixando lares,
no descampado.

Passam ribeiros menos dolentes,
cantando amor
e sonham relvas aos beijos quentes
de maio em flor.

Dias de maio cheios de sonhos,
de luz banhados.
Quem não vos ama? dias risonhos!
dias dourados!



Agosto

*Eu vos amo, porque sois tristes,
da tristeza fatal dos meus pesares.*

Manhãs sombrias, manhãs de agosto,
que mágoa estranha
trazeis às cousas! quanto desgosto
vos acompanha!...

Cobre a natura pesada, intensa
melancolia
e o céu parece mortalha imensa
de nostalgia.

Nem um pipilo, nem flores vejo
pelas estradas...
Tudo é silente! nem um bafejo
entre as ramadas!

Há pelas matas, pelas campinas
um doce encanto.

Como que desce dessas neblinas
gélido pranto.

Pelas montanhas enlanguescidas
e fumarentas,
agosto espalha cismas doridas,
mágoas cruentas.

A própria aurora, quando aparece
é triste e baça;
e mesmo a brisa gemer parece
quando perpassa.

Trila a cigarra saudosamente,
pelos caminhos
e as aves fogem ligeiramente,
deixando os ninhos.

Ó plúmbeo agosto que afago existe,
nos teus cismares!
Quanta doçura, na calma triste
de teus luares!

De teus ocasos nesta amargura
tão peregrina,
há qualquer cousa dessa tristura
que me domina.

E assim caladas, frias, ungidadas
de atroz desgosto,
eu vos adoro, manhãs queridas!
manhãs de agosto!



Outubro

Outubro vem!... Outubro! que beleza!
Às refulgências deste sol dourado,
como que vibra toda a natureza,
num grande afã de festa de noivado.

Há cantos pelos ninhos, na deveza,
passa idílios cantando o povo alado...
e mais distante, em galas de princesa,
se estende o campo verde, engrinaldado.

Há pelo espaço inéditos recamos,
na terra, flores novas, novos ramos
e um pipilar estranho pelos ninhos.

Palpita em tudo a luz da primavera
de outubro ao sol que faz brotar a hera
e o campo enflora e gera os passarinhos.

GOTAS DE ORVALHO

A meu pai

Como é pungente, pai... e que tortura,
que intensa dor amarga experimento,
ao ver-te preso à grande desventura
que te escraviza a idéia, o pensamento.

Como é pungente ver-te a fronte pura,
onde, esplendeu outrora o teu talento,
a se inclinar, assim, na noite escura
desta cegueira atroz que é teu tormento.

Alma sublime e forte, nobre e casta,
que do infortúnio o sopro não devasta,
onde a virtude luz, como um clarão...

Pai!... quanto mais te oprime essa desdita,
mais te estremece, mais por ti palpita
o meu de filha terno coração.



Esperança

Fulge através do aspérrimo caminho
que trilho agora, tímida, indecisa,
o seu clarão celeste, luz de arminho
que d'alma enferma as chagas cicatriza.

Serenamente, assim, como um carinho,
seu perfume dulcíssimo desliza
dentro em minh'alma, desolado ninho
de secretos pesares que ameniza.

Ela é o farol augusto que consola,
que dulcifica as dores mais profundas,
num sorriso de luz — sagrada esmola.

Bendita és tu que as mágoas afugentas,
que os infelizes corações inundas
de fé, de paz, no seio das tormentas.



No álbum

de Andradina de Oliveira

Desta formosa terra brasileira
por ti tão ternamente decantada,
és tu, por certo, nobre caminheira,
uma das glórias desta pátria amada.

Tua alma de gaúcha sobranceira
não teme as urzes dessa longa estrada;
nem mede o sacrifício e prazenteira,
até sorri às penas da jornada.

E vais Brasil a dentro, embora agreste
seja o sertão da terra em que nasceste,
o teu valor heróico não se altera.

É que nas veias vigoroso, ardente,
gira-te o sangue, ilustre descendente
de bandeirante ilustre, de Anhangüera!



Maria

É luz do céu, cintila carinhosa,
que do infortúnio a escuridão devassa;

uma carícia doce, luminosa,
que vai direito ao seio da desgraça.

Estranho odor de flor maravilhosa,
lírio do céu em que resplende a graça,
sol que ilumina a via dolorosa
d'alma que a vida soluçando passa.

Maria! ao repeti-lo, assim, fagueiro,
que coração não pulsa alvissareiro,
numa efusão de amor e confiança?

Mimo de Deus, Maria, este teu nome
em mim, as dores íntimas consome,
canta em minh'alma o hino da esperança.



Regina Coeli

Maria terno sorriso
dos lábios do Criador,
neste teu nome diviso
todo um poema de amor.

Tão doce como o perfume
do lírio azul da campina,
teu nome santo resume
a candidez da bonina.

Tem a poesia inefável
de uma risada infantil
e a melodia adorável
das madrugadas de abril.

Neste teu nome, Maria,
bem como através de um véu,

nos vem a doce harmonia
das cavatinas do céu.

Orvalho à mágoa que oprime,
consolo de quem padece,
deste teu nome sublime
uma carícia nos desce.

Nele divaga de leve
um tênue perfume vago,
qual umas asas de neve,
na transparência de um lago.

Traduz teu nome dileto
esse carinho ideal
que vibra terno e discreto
num coração maternal.

Teu nome casto se enlaça
numa ternura tão mansa,
como o sorriso que passa
em sonho azul de criança.

Se numa infinda doçura
alenta a paz na alegria,
conforta na desventura,
teu nome santo, ó Maria.

Mimosa estrela divina,
amparo augusto na lida,
teu nome é luz que ilumina
as noites de minha vida.



No álbum

de Odete

No teu álbum, querida, cor-de-rosa
qual um risonho céu de primavera
feito de aroma e luz depor quisera
a flor da inspiração mais primorosa.

Para abrir o teu álbum quem me dera
uma florinha rara e perfumosa,
delicada, grácil*, maravilhosa,
entrelaçada num raminho de hera.

Em vão, porém, no íntimo procuro:
é morta a inspiração e desfloridas
jazem as ilusões num vácuo escuro.

Que coração deserto! mas, que importa?
Se, apenas, tenho flores ressequidas,
aqui deixo uma pobre folha morta.



Feliz

Aos 8 anos de Neném

Gosto de ver-te cândida criança,
sempre a cantar, assim, tão venturosa,
alma cheia de luz e de bonança,
cheia de riso e pétalas de rosa.

Alheia a tudo passas descuidosa,
sempre a sonhar com brincos e folgança,
nunca uma dor pungiu, amargurosa,
teu coração tão rico de esperança.

*A liberdade poética manda ler **gracil** (tônica na 6.ª sílaba do verso).

Deus te conserve, sempre assim, menina,
ó tu que és tão casta e pequenina
e és da meiguice a dúcida guarida.

Qu'essa tu'alma aberta agora em flores,
não prove, nunca, os negros dissabores
e as tristezas que vão por esta vida.



À Neném

No dia de seus anos.

Se eu tivesse um cofrezinho
envolto em cerúleo véu,
feito de rosa e de arminho,
de nuvenzinhas do céu;

onde guardasse a harmonia
de uma avezinha sonora
e a festival melodia
das cavatinas da aurora;

toda a graça peregrina
da rosa a tremer no galho,
a candidez da bonina
e gotazinhas de orvalho;

um terno pipilo d'ave,
o encanto do azul celeste,
que é mais profundo e suave
neste mês em que nasceste;

o meu tesouro tão lindo,
azul da cor das safiras,
eu te ofertara sorrindo,
envolto no aroma infindo
desta afeição que me inspiras.

Bálsamo

O teu afeto esplende imaculado
qual uma estrela dentro de minh'alma
tão triste e dolorida.
Dele dimana o bálsamo sagrado
que os meus tormentos íntimos acalma
e me perfuma a vida.

Tem não sei quê do céu que me conforta
e faz sorrir às vezes com doçura
meu pobre coração;
e aqui no seio, onde a esperança é morta,
faz às vezes a par desta amargura,
brotar uma ilusão.



Jardim fechado

Vais pela vida afora indiferente
aos sentimentos nobres de ternura;
o mesmo olhar que tens para a ventura
volves também à mágoa mais pungente.

De um grande amor ungido de amargura,
nunca sentiste nalma a chama ardente;
nem conheces o gozo procedente
de algum conforto dado à desventura.

Tua alma fria a crença desconhece;
jamais provou teu coração gelado
a doçura infinita de uma prece.

És como a flor que vive sem cuidado,
que o sol do amor não beija nem aquece,
por entre as sombras de um jardim fechado.

O cego

Triste, andrajoso, pálido, alquebrado,
sem pão, sem lar e sem amor, sozinho
ei-lo trilhando (miserô ceguinho!)
a estrada escura que lhe aponta o fado.

Seu coração ferido, estrangulado,
ermo de luz, de sonhos, de carinho,
é um profundo abismo, o frio ninho
do desgosto mais túrbido e pesado.

Para su'alma diluída em pranto
não há conforto algum e no entretanto,
nem um queixume só nos lábios seus.

Mas quanta angústia! quanta mágoa ingente
naquela amarga súplica dolente:
"Dai-me uma esmola por amor de Deus!"



A imprensa

*Tem os joelhos na terra! a boca no infinito
a meia-lua aos pés na cabeleira os sois!*

Castro Alves.

A imprensa é um fanal cujo clarão ingente
derrama no universo, estranha claridade!
Um astro que dissipa as trevas refulgente,
a deusa do poder guiando a humanidade.

Mensageira do bem, da luz e da verdade,
a imprensa destemida, heróica, altivamente,
caminha combatendo o vício, a iniquidade,
mostrando da justiça o sol resplandecente.

A imprensa é voz do mundo uníssona, vibrante,
o dedo indicador que aponta além, distante,
o templo do direito e a trilha azul da glória.

Evangelho sublime e lúcido que ensina
o culto do dever — a imprensa é a peregrina
aurora do progresso, a senha da vitória!



Estrelas

Sempre gostei de vê-las refulgindo,
no claro anil da esfera imaculado.
E ao contemplá-las na amplidão luzindo,
todo meu ser pulsava, transportado.

Que belas cismas! quanto sonho lindo!
Quanto ideal na mente arquitetado,
se em noites brancas, pelo espaço infindo,
vagava meu olhar maravilhado!

Hoje, porém, ao vê-las tremulando,
mudas, formosas, pálidas, boiando,
sob o silêncio azul da imensidade,

eu sinto n'alma, em vez d'alvas quimeras,
em vez dos sonhos castos de outras eras,
um mundo de emoções e de saudade!



Crianças

Criancinhas felizes que passais,
cantando e rindo, na mahã da vida,
em flor o coração, alma florida,
onde palpitam flóreos ideais.

Esperanças, luzeiros que espalhais
em vossos lares luz indefinida
e que trazeis a fronte casta unguida
dos perfumes dos beijos maternias;

quando por mim passais cantando e rindo,
nessa paz ideal dos verdes anos,
como andorinhas pelo azul fugindo,

fico a pensar com mágoa (Deus vos guarde!)
nas frias dores, tristes desenganos
que vos esperam, que hão de vir mais tarde!



À mocidade

Oh! vós que passais cantando
pelos caminhos da vida,
no seio moço embalando
uma esperança florida;

que tendes um sonho lindo
guardado no coração,
envolto no aroma infindo
de uma existência em botão;

que não provais a desdita,
passando despreocupadas
pela tristeza infinita
das almas desventuradas;

cuidado!... o doce carinho
das alegrias do mundo
oculta às vezes o espinho
d'algum desgosto profundo.

Cuidado!... o amor tem encantos
de uma doçura inefável,
mas, quase sempre tem prantos
de dor amarga, incurável.

Guardai-vos dessas carícias
que vos acenam além;
guardai as vestes puníceas
do lodo que o mundo tem.

E cultivai a pureza,
o aroma da adolescência,
e conservai n'alma acesa
a doce luz da inocência.

Não vos fieis na ventura
desta vida transitória,
que tudo tão pouco dura!
As honras, prazer, a glória.



Criancinhas

Gosto de ver-vos assim travessas
botões de lírios, ó criancinhas!
Vossos sorrisos tão cristalinos
do paraíso traduzem hinos
ó avezinhas!

Manhãs de rosas, flocos de arminho,
perfumes, flores, risos, gorgeios,
das alvoradas róseos matizes,
crianças, tudo, trazeis felizes,
em vossos seios.

A claridade da primavera
vossa existência de galas veste;
em vossos olhos canta a alegria,
canta a pureza toda a poesia
do azul celeste.

Ao mundo alheias, passais, sorrindo,
pelos desgostos, pelos pesares,
almas mimosas feitas de sonho,
astros nascentes no céu risonho
de nossos lares.

Ao ver-vos, penso nos dias idos
iluminados de doce calma.
Como vós hoje, também outrora,
tive reflexos, luzes de aurora
dentro em minh'alma.



Triolés

Como és bonita, Zalina!
Como és galante e mimosa!
Tão loira, tão pequenina!
Como és bonita, Zalina!
Tua boquinha divina
recorda um mimo, uma rosa.
Como és bonita, Zalina!
Como és galante e mimosa!

Esta gentil cabecita,
assim, bem feita e anelada,
tem uma graça infinita
esta gentil cabecita!
Encanta, quando se agita,
ligeiramente enfadada,
esta gentil cabecita
assim, bem feita e anelada,

Deviam ser como os teus
os olhos do Nazareno,
ter qualquer cousa dos céus
deviam ser como os teus.
Tranqüilos, claros, sem véus,
de azul mimoso e sereno,
deviam ser como os teus,
os olhos do Nazareno.

E teu sorriso, criança?
Parece doce volata.
Reza um poema — a esperança —
o teu sorriso, criança.
De um harmonia tão mansa
que afaga, prende, arrebatá,
o teu sorriso, criança,
parece doce volata.

Amo o perfume exalado
desse corpinho tão leve,
sedoso, fresco e rosado.
Amo o perfume exalado
e o brando afago adorádo
dessas mãozinhas de neve.
Amo o perfume exalado
desse corpinho tão leve!



Adeus!

Eu vou partir! eu vou partir, levando,
sem doce alento de esperança vaga,
dentro do seio o coração em chaga,
n'alma um milhão de dores palpitando.

Toda a minha existência vai boiando,
no grande mar de pranto que me alaga;
e ao peso enorme dessa dor que esmaga,
sinto o peso da sorte me arrastando.

Não mais verei talvez teu vulto amado,
não voltarei a ouvir-te a voz querida,
nem teu sorriso triste, idolatrado!...

Ai! que será dest'alma combalida,
deste meu pobre ser amargurado,
longe de ti que amo mais que a vida?



A estrela

(10º aniversário de sua publicação)

Estrela de minh'alma, ó minha doce amiga,
escrínio encantador de nobre sentimento,
onde às vezes chorando eu vou buscar alento
à mágoa que me oprime, a esta dor antiga.

O teu perfume acalma, a tua luz mitiga
a amargura cruel de infindo sofrimento;
e nesta grande luta atroz do pensamento,
o teu carinho anima e o teu exemplo instiga.

Eu te amo, sim, querida, e ao ver-te alvissareira
a luzir pelo céu da pátria brasileira,
ao fim de mais um ano, em luta memorável,

eu sinto se mudar a íntima procela
em supremo prazer, porque tu és, Estrela,
a alma cheia de luz de um'alma incomparável!*

*Referia-se à diretora da publicação.

Mais um ano

*À Antonieta Clotilde
(redatora d'A Estrela)*

Hoje teus anos! data memorável!
Para uma alma feliz que te estremece
eu quisera num canto incomparável
cantar a glória astral que te enaltece.

És bela, és grande e a luz admirável
que em ti mimosa "Estrela" resplandece
tem a meiguice de um sorriso amável,
tem o encanto sublime de uma prece.

Mas, que dizer se n'alma dolorida,
só tenho amargas dores conquistadas
nestas batalhas íntimas da vida?

E beijos? só te posso dar, dispersos,
nestas rimas, assim desfiguradas,
na palidez imensa destes versos.



Não creio em ti

Sabes por que de repente,
meu coração entristece
ao pé, de ti, e, dolente
minh'alma aflita emudece?

É que no morno carinho
desse teu olhar escuro,
percebo, inquieta, adivinho
um afeto malseguro.

Não te conheço. Não creio
na firmeza da afeição

que me dedicas. Receio
que tenhas mau coração

Temo até que teu sorriso
de uma doçura ideal,
onde encontro o paraíso,
guarde um veneno fatal.

Oh! perdoa! mas duvido
de tua imensa bondade.
Penso que é tudo fingido...
Penso que tudo é maldade...

Que me tens amor perfeito
eu quisera acreditar,
mas tenho o grande defeito
de sempre desconfiar.

Não se descreve o delírio
que em silêncio trago aqui,
o meu pungente martírio
só porque... não creio em ti!



Infortunado

Foi-te a sorte madrasta e sempre avara,
tornou-te sempre a mocidade escura;
e nem sequer uma esperança aclara
essa dor que tu dizes não tem cura.

Não conheces também a fé que ampara,
a fé que dulcifica a desventura
a cuja luz consoladora e clara
é menos rude a estrada da amargura.

E assim, tão só na vida e na desgraça,
ninguém percebe o trágico suplício
que te vai n'alma e o coração traspassa.

Eu que conheço a história dessa mágoa,
a história triste desse sacrifício,
ao ver-te sinto os olhos rasos d'água.



A uma sombra

Quando eu te vi depois de tantos anos,
quando eu te vi assim, tão alquebrado
pela dor, pelo vício, pelos danos
de uma vida infeliz de transviado,

quando eu te vi o rosto macerado,
curvada a fronte triste por insanos
padecimentos íntimos, magoado
e cheio o coração de desenganos,

algo busquei em vão que recordasse
o passado... Foi como se encontrasse
o próprio espectro vivo da desdita.

Senti então, por ti que adorei tanto
toda minh'alma diluída em pranto
de dor intraduzível, infinita!



Velhinhas

Que comoção experimento ao vê-las
passar em passo leve, corcundinhas,
para a casa de Deus — murchas florinhas,
muitas das quais, outrora, foram belas.

Magoado e triste o olhar... no rosto delas
há não sei quê do céu. Santas velhinhas!
Eu as comparo às meigas avezinhas
d'almas tranqüilas, cândidas, singelas.

Como gosto de vê-las desprendidas,
assim, da terra, envoltas na saudade
de velhas alegrias já vividas...

Pobres velhinhas santas! Como deve
ser dolorosa e dura a realidade
que lhes cobriu a fronte, assim, de neve!



Santa Teresinha

Raio de luz descido docemente
à França dos jardins do paraíso,
Teresinha passou rapidamente
na terra, entre os mortais, como um sorriso.

Como se fosse um bálsamo excelente
na humana dor vertido de improviso,
ela passou deixando em todo o ambiente
espiritual da paz do céu um viso.

E passou, e partiu para o infinito,
a pátria azul, sua alma santa eleita
eternamente, qual farol bendito.

Tesouro de inocência e de beleza,
foi nesta vida a síntese perfeita
da bondade, do amor, da gentileza.



Feliz

A Anica Jardim

Não conheces a dor... Nunca sofreste
a mágoa lancinante da tortura
de ver sumir-se numa sepultura,
alguém que fundamente estremeceste.

Não conheces a dor... Nunca viveste
em meio estranho! Escuta, por ventura
provaste a intraduzível amargura
da saudade da terra em que nasceste?

E se ainda não viste com infinita
desesperança, numa atroz desdita
alguém que fosse de tua alma a vida,

sem que jamais pudesses carinhosa,
estender-lhe, sorrindo, a mão piedosa,
ah!... Não provaste a dor então, querida!



Ontem e hoje

Eu era como a planta abandonada
a um canto de jardim, onde não desce
o orvalho da alvorada;
surgiste, aqui, na sombra em que vegeto,
e toda se floriu esta minh'alma
à luz do teu afeto.

Eu era como a luz do sol de agosto,
desmaiando no ocaso tristemente,
à hora do desgosto;
tu vieste, eu te ouvi, nos avistamos
e o coração de novo iluminou-se,
porque nos encontramos.

Havia no meu íntimo a frieza
de uma tarde de inverno nebulosa
e cheia de tristeza;
tua afeição, porém, tão boa e casta
foi um raio de sol que tudo aquece
e toda a sombra afasta.

Tu és em mim a lúcida alegria
das aves joviais, das andorinhas
chilrando noite e dia,
nos beirais de uma velha habitação
deserta, solitária, abandonada,
em plena solidão.



Relíquia

Essa cruz de madeira pequenina,
que tenho aqui, em frente de meu leito,
perante a qual meu coração se inclina,
a que beijo, com amor, quando me deito,

essa cruz tão singela, tão franzina
ele a trazia sempre sobre o peito;
e quantas vezes quantas, à surdina
supreendi-o a beijá-la com respeito!

Foi essa cruz a doce companheira
de seu longo martírio... da cegueira
embalsamou-lhe a noite tormentosa.

E afinal, acolheu-lhe aquele beijo,
o derradeiro, no último lampejo
de uma vida de mártir, dolorosa.



Amar

Aimez, mortels, aimez; aimer c'est être sage.

X. X.

Amar é ter no peito um paraíso;
é trazer dentro d'alma um céu de flores.
É sofrimento oculto num sorriso;
é navegar feliz num mar de dores.

Vago clarão dulcíssimo, indeciso
que inunda a alma toda de fulgores;
uma mistura de soluço e riso;
é provação, mas feita de dulçores.

Amar... é bem o sacrifício mudo;
é ser feliz, desventurado embora.
Amar.. é ver a primavera em tudo!

Grato sofrer que nunca martiriza,
que os infelizes corações enflora,
e regenera e eleva e diviniza!



Ainda e sempre

Partiste... desde então, o mal secreto
que aqui no fundo de minh'alma existe
é mais profundo e amargo, mais completo
e mais intenso, desde que partiste.

A vida é muito triste!... ah! com é triste
a vida aqui, neste ermo em que vegeto!
Nem mesmo sei em que o prazer consiste
tão longe, assim, de ti, do teu afeto!

E o tempo vai passando... o tempo corre
mas em meu pobre coração não morre
esta saudade enorme que me esmaga.

Ontem, hoje, amanhã, agora e ainda
e sempre a mesma dor que não se finda,
sempre o mesmo punhal na mesma chaga.



Ao meu livro predileto

Tu, caro livro, que hoje sobre a mesa
em que trabalho, guardo com cuidado,
como um tesouro — livro idolatrado,
dás-me conforto à íntima tristeza.

Não porque em ti, encontre essa beleza
de um fulgurante estilo aprimorado;
és como qualquer livro encadernado
e a qualquer outro igual em singeleza.

Se após a luta, à noite te procuro,
como quem busca um bálsamo seguro,
se em ti feliz o meu olhar descansa...

é que julgo sentir todo o carinho
daquele belo coração de arminho
que te legou a mim, como lembrança.



Recordando

Tempo feliz aquele, em que sorrindo,
sempre a teu lado, alegre, descuidosa,
via a existência, tua voz ouvindo,
correr serena, calma... veludosa...

De teu olhar serenamente lindo
à luz tranqüila e morna e carinhosa,
ia minh'alma trêmula se unindo
à tua alma, num elo cor-de-rosa.

Hoje... que vejo? O céu dos dias claros
turbou-me a sorte, dolorosamente...
Hoje... que resta desses tempos caros?

Prantos, soluços, mágoas, ansiedades,
forte afeição que a ausência faz crescente
e... um coração crivado de saudades!...



Teus olhos

Como são lindos teus olhos
escuros, mansos, tristonhos,
fazem lembrar os escolhos,
onde se perdem meus sonhos.

Na luz magoada e sombria
desses olhares diletos,
eu vejo a sombra erradia
de teus martírios secretos.

Através desses olhares
de aveludado dulçor,
diviso negros pesares,
leio um poema de dor.

Teus olhos claros*, dolentes,
de uma ternura bondosa
tem dos luares palentes
a nostalgia sedosa.

Neles divaga o desgosto
em agonia dorida,
qual num céu triste de agosto,
a nuvem baça, perdida.

*Veja "...teus olhos escuros", na 1.ª quadra.

Teus olhos são paraísos
cheios de encanto, de luz;
vendo-os, abraço em sorrisos
dos meus penares a cruz.

E assim formosos, divinos,
de uma doçura de prece,
são dois astros peregrinos,
onde minh'alma se aquece.



Soneto

A um desiludido

Quando ao frio fatal dos desenganos,
vemos fugir as ilusões da vida
e damos em noss'alma dolorida,
lugar aos dissabores mais tiranos;

se por ventura a iluminar os danos
não temos a esperança fementida
que nos conforte os íntimos arcanos,
na agonia cruel d'alma ferida;

quando a frieza atroz da indiferença
nos atira aos abismos da descrença
e desdobra em noss'alma escuro véu;

se encontramos, então, nesses caminhos,
onde só viçam ásperos espinhos,
um grande afeto — ai está o céu!



Ao meu país

Brasil, pátria minha, país sem rival,
de todos da terra tu és o primeiro;
teu céu deslumbrante, d'azul sem igual
ostenta formoso o esplendor do cruzeiro.

Teus campos tão vastos, vergéis re floridos
dispersos, revelam do solo a pujança;
tens ricos tesouros no seio escondidos
que dão a teus filhos fartura e bonança.

Tens amplos valados, altivas montanhas,
das matas antigas a sombra, as belezas,
e serras gigantes em cujas entranhas,
reluzem as pedras, se ocultam riquezas.

No seio das selvas, jardins colossais,
soluçam regatos sentidas surdinas.
Não têm, minha terra, no mundo, rivais
teus rios e o verde de tuas campinas.

Eu amo a beleza de teus arrebóis
e tuas auroras sem par, meu Brasil.
Adoram teus filhos, ó terra de heróis,
teu sol, os palmares, teu céu cor de anil.



Árvores

I
Árvores! sois da natureza amiga
o mais formoso, esplêndido ornamento!
E em todo o globo, sob o firmamento,
não há por certo quem vos não bendiga.

Ora, é um ninho frágil que se abriga
em vossos braços, baloiçando ao vento;
ora um pipilo doce, algum lamento,
um treno mavioso, uma cantiga.

Quantas vezes o canto que à tardinha,
dentre essas folhas vibra com doçura,
à hora da saudade uma avezinha,

— harmonia do céu serena e pura,
não faz dormir, sorrindo a criancinha,
não faz sorrir de gozo a desventura!

II

Sentinela da paz na rude estrada,
aqui, à vossa sombra acolhedora,
descansa e sonha, após longa jornada,
uma alma que padece, sofredora.

Ali, uma donzela sonhadora
colhe flores feliz, despreocupada,
a sorrir à esperança promissora
que lhe floresce n'alma enamorada.

E vos achais em tudo... no Sacrário,
onde se oculta a vítima tão mansa
que se imolou no drama do Calvário.

Pelos jardins, no altar da Virgem pura,
num pequenino berço de criança
e até velando humilde sepultura.



Natal

José, Maria e a austera soledade
na estrada de Belém, ei-los avante,

exige-o a lei mau grado a imensidade
de jornada tão rude e fatigante.

Chegaram. Tão cansados! ah quem há de
dar-lhes abrigo em meio a fervilhante
população que quer comodidade?
Cedem-lhes um estábulo, distante.

E ali... quanta pobreza! entre palhinhas,
Jesus, a mais gentil das criancinhas,
vem ao mundo, conforme a profecia.

Cantam anjos no azul. Vê-se n'altura,
a estrela dos profetas que fulgara
tal como a luz, nos olhos de Maria.



Doce mágoa

Trago-a há tempos comigo bem guardada
e oculta ao mundo que aborreço tanto:
é tão-somente minha, e, assim, velada,
ninguém no mundo lhe conhece o encanto.

Pela estrada da vida salpicada
de espinhos duros que percorro em pranto,
ela segue a meu lado disfarçada,
sem que ninguém o saiba, no entretanto.

Quer faça tempestade ou haja calma,
passa aqui, nos desertos de minh'alma,
como um raio de sol bem claro e louro.

E embora me encha a vida de amargura,
eu vivo dessa dor que me tortura,
que foi sempre também o meu tesouro.

Meu segredo

À d. Caetaninha Pimentel

Não mo perguntes não... este segredo
que me perfuma e me ilumina a vida.
Essa história tão simples, tão querida,
não posso divulgá-la; tenho medo.

Receio que o conheçam, que bem cedo
mo despedacem, n'alma dolorida;
deixa essa história assim desconhecida,
deixa morrer comigo este segredo.

Profundo, imenso, nobre, imaculado,
quero trazê-lo sempre, assim, velado
ao mundo vil que temo por demais.

Por Deus não mo perguntes mais, senhora,
porque este nome que minh'alma adora,
o meu segredo... eu não direi jamais!*



Misteriosa

À alma inatingível de M. Aurora

Vejo-te, assim, tão calma, indiferente, mansa,
nos lábios a sorrir estampada a ironia;
não cultivas, no entanto, as flores da esperança,
nem conheces sequer a luz de uma alegria.

A singeleza ideal de uma alma de criança
sorri em teu semblante. E assim, discreta e fria,
parece haver em ti uma secreta bonança,
sem que jamais a perturbe alguma dor sombria.

Não crês no amor, embora, és boa e compassiva;
e percebo também que essa tua alma altiva
encara com desprezo as cousas deste mundo.

*Consta que esse amor de toda a vida se chamava Djalma Guimarães.

Ó não consigo, não, ver o fundo insondável
desse teu coração tranqüilo, impenetrável!...
Para mim foste sempre um mistério profundo.



Semana Santa

I

No Horto

Naquela noite, à sombra, solitário,
prostrado em terra, orando, o Mestre ouvia
o longínquo rumor extraordinário
da multidão atroz que O perseguia.

Aflue-lhe o sangue à pele... Uma sombria,
mortal tristeza n'alma e do Calvário
vê através do horror desta agonia,
o pavoroso, trágico cenário.

Volve um olhar em torno... abandonado
em transe tão cruel! sem um conforto
naquela escura solidão de um Horto,

Jesus, o rosto lindo ao céu alçado,
num doloroso acento, então, murmura:
"Meu Deus! passai de mim tanta amargura!".

II

No pretório

Ei-lo à coluna fortemente atado
e à farisaica multidão maldita,
que no recinho blasfemando grita,
entregue o santo corpo imaculado.

Traz espinhos na fronte... uma infinita
resignação no rosto macerado;
isolado na dor, desamparado,
Jesus aguarda a morte atroz predita.

Mas cousa singular!... nessa agonia
na mais cruel, horrível conjuntura,
não se queixa o Filho de Maria.

E àquela turba ingrata que o tortura
o seu perdão sublime o Cristo envia,
num vago olhar repleto de amargura.

III

Levando a cruz

*"Oh! vos omnes... videte
si est dolor similis sicut dolor meus".*

Quando a Jesus cercado de tortura,
de uma angústia cruel que não se exprime,
a cruz levaram tão pesada e dura,
em que devia consumir-se o crime,

naquele instante o Salvador reprime
um dolorido pranto de amargura;
tendo no olhar uma expressão sublime,
recebe a cruz, beijando-a com ternura.

Partiram, pois, em busca do Calvário;
viram cair Jesus desfalecido,
muitas vezes no longo itinerário.

E manejando reluzentes lanças
aquele povo iníquo, destemido,
a golpe erguia o amante das crianças.

IV

No Calvário

“Vere Filius Dei erat ist”

Jesus expira... a fronte peregrina
cai sobre o peito exangue e nesse instante,
envolve o azul do céu da Palestina
uma sombra de luto impressionante.

E treme a terra, um vago horror domina
a natureza, apenas o semblante
do Bom Jesus traspira a paz divina
das almas puras — paz dulcificante.

Ao pé da cruz, Maria angustiada,
numa atitude angélica, magoada,
fita o madeiro pálida e serena,

enquanto aflita amarguradamente
em pranto, de joelhos, cai tremente,
beijando a terra a loira Madalena.



Cartas

Cartas... cartinhas... umas tão mimosas
e cheias de saudade
e de recordações e carinhosas,
falando de amizade.

Outras trazendo queixas disfarçadas
que ninguém compreende,
em doce estilo e frases buriladas,
que só minha alma entende.

Outras refeitas de amargura ingente,
uma infinda aflição

que repercute, dolorosamente,
aqui, no coração.

E todas elas são encantadoras
e lindamente escritas,
repletas de carícias promissoras,
ternuras infinitas.

Que envolvem toda em claridade leve,
em luz minh'alma triste,
aqui, onde a saudade flor de neve,
eternamente existe.

Elas são como a luz entre os abrolhos
das amarguras minhas;
e meu melhor consolo nos escolhos
da vida... estas cartinhas!



Tristeza

À Julieta.

Perguntas por que sou triste,
no entanto, não sei dizer
a origem do mal que existe
tão vago dentro em meu ser.

Parece um perfume etéreo
toda minh'alma envolvendo...
Segredo talvez, mistério,
sim... eu mesma não compreendo.

É tristeza, mas, tão doce,
tão macia, tão querida,
que é assim, como se fosse
o alento de minha vida.

Conheço-a desde pequena,
desde muito pequenina,
afagando, sempre amena,
meus ideais de menina.

Não é tristeza nefasta
nem me causa sofrimento;
se por ventura se afasta,
sinto um estranho tormento.

É um bem. Não se descreve
essa influência esquisita
de uma tristeza tão leve,
dessa tristeza bendita.

Por ela canto as estrelas
do infinito, os passarinhos,
as borboletas tão belas,
o céu, as flores, os ninhos,

canto a lágrima dolente,
canto a saudade, a esperança,
canto a poesia inocente
de um sorriso de criança.

Falta-me, crê, ó querida,
se me deixa o coração,
alguma cousa na vida
— a fonte da inspiração.



Dor

Vivo por ti, em ti somente creio.
A Augusto Rios.

Vem, minha amiga, afasta o reposteiro
desse templo do tédio, do desgosto...

Toma este pobre coração inteiro,
faze teu ninho aí, fica a teu gosto.

Ninguém jamais verá um tom ligeiro,
uma sombra sequer neste meu rosto.
do teu pungir dolente, traiçoeiro,
padecimento de que tanto gosto.

Longe de ti, não tem perfume a vida,
não tem sabor a calma indefinida
que o coração dormente me quebranta...

É que minh'alma ao teu mortal bafejo,
sentindo o gosto amargo de teu beijo,
sente, palpita e vive, chora e canta.



Tarde de agosto

*Nessas tardes de agosto assim magoadas,
é que minh'alma sente-se feliz.*

Tarde unvida de dor... No plúmbeo céu pesado
nem uma nesga azul... Distante, além, no poente,
enviando à terra um beijo extenso, amargurado,
desaparece o sol nostálgico, dolente.

Desdobra-se na serra um denso cortinado
de fumo. Envolve a terra infinda mágoa ingente,
a sombra vem descendo, a noite cai silente,
nem ruflos d'asas mais, no matagal crestado.

Paira em tudo um langor. No firmamento baço
aos poucos se ergue a lua. Agora pelo espaço
que uma tristeza austera e ríspida percorre,

o ângelus dorido ecoa tristoroso,
gemido extremo, opresso, imenso, doloroso
de vida a se extinguir, de coração que morre.

Requiescat in pace

Seis anos são passados que trocaste
a terra pelo céu, e ainda, agora,
sinto a amarga saudade que deixaste
— amargura que o tempo não minora.

Em nosso lar que cedo abandonaste
julgo escutar ainda, como outrora
a doce voz com que tu me apontaste
a senda da virtude vida afora.

Seis anos!... Com que mágoa inda me lembro
daquela tarde azul! Era dezembro.
Que doloroso e triste entardecer!

Em teu leito, meu pai, serenamente,
vi-te morrer, assim, tão docemente!
Quão belo então me pareceu morrer!



Mãe

*A ti que és a melhor das mães, estas últimas
gotas do orvalho de minh'alma.*

Iluminando os ásperos abrolhos
da perigosa estrada em que prossigo,
sinto seguir-me como um astro amigo,
a claridade augusta de seus olhos.

Olha e perscruta os íntimos refolhos
de minh'alma dorida... No perigo,
não me abandona... Impávida comigo,
da vida afronta os túrbidos escolhos.

É meu amparo forte... Se padece
meu frágil coração, ansiosa e triste
toda a su'alma cândida estremece!

E os seus exemplos santos, mãe querida!
Dão-me esta força estranha que me assiste
nas grandes lutas trágicas da vida!

ÍNDICE

FOLHAS MORTAS

À velha serra	165
Goiás	165
Supremo anelo	167
Ao partir	168
Longe	168
Suprema dor	169
Olhos castos	169
Ao coração	170
Meu desejo	171
Coragem!	171

RAMO FLORIDO

Tela agreste	175
Aquarela	175
Manhã na roça	176
Luar de outubro	177
Primavera	177
Abril	179
Maio	179
Belezas de maio	180
Agosto	181
Outubro	183

GOTAS DE ARVALHO

A meu pai	187
Esperança	187
No álbum de Andradina de Oliveira	188
Maria	188
Regina coeli	189
No álbum de Odete	191
Feliz	191
À Neném	192
Bálsamo	193
Jardim fechado	193

O cego	194
A imprensa	194
Estrelas	195
Crianças	195
À mocidade	196
Criancinhas	197
Triolés	198
Adeus!	199
A Estrela	200
Mais um ano	201
Não creio em ti	201
Infortunado	202
A uma sombra	203
Velhinhas	203
Santa Teresinha	204
Feliz	205
Ontem e hoje	205
Relíquia	206
Amar	207
Ainda e sempre	207
Ao meu livro predileto	208
Recordando	208
Teus olhos	209
Soneto	210
Ao meu país	211
Árvores	211
Natal	212
Doce mágoa	213
Meu segredo	214
Misteriosa	214
Semana Santa	— I No Horto 215
	II No Pretório 215
	III Levando a cruz 216
	IV No Calvário 217
Cartas	217
Tristeza	218
Dor	219
Tarde de agosto	220
Requiescat in pace	221
Mãe	221

to amou aquela terra; fico-lhe muito grata por mais esta gentileza. Só eu não conheci Jataí daqueles tempos tão cantados e historiados pelos meus pais e minhas irmãs mais velhas.

Bem, paro aqui, as lágrimas não me deixam ver o papel.

Sempre às ordens a amiga coestaduana,

Maria Aurora de Jesus Lima.
Rua dos Otoni, 46 — São Lucas
30000 B. Horizonte (MG)



Capa:

DO AUTOR.

Composição e paginação:

JACY SIQUEIRA.

Impressão e acabamento:

GRÁFICA & EDITORA KELPS LTDA.

Goiânia — Goiás

Brasil

Ao distinto beltrista, Prof. Basílio
 de Toledo França, como penthor de sin-
 cera admiração e simpatia, oferece

a autora
 Belo Horizonte, 12-4-1953

Neodegaria de Jesus

Dedicatória no livro Orquídeas